

# PATRÍSTICA

---

## SÃO JERÔNIMO

Apologia contra os livros  
de Rufino



SÃO JERÔNIMO

APOLOGIA  
CONTRA OS LIVROS  
DE RUFINO



# Índice

## APRESENTAÇÃO

## INTRODUÇÃO

## PRIMEIRO LIVRO

Primeira parte: O conflito dos tradutores

Segunda parte: A arte do comentador

Peroração; resposta a dois agravos: os excessos do polemista e o perjúrio do letrado

## SEGUNDO LIVRO

Primeira parte: Refutação da Apologia de Rufino a Anastásio

Segunda parte: Refutação do tratado de Rufino sobre a adulteração dos livros de Orígenes

Terceira parte: Justificação das traduções bíblicas de Jerônimo

## TERCEIRO LIVRO

Primeira parte: Procedimentos respectivos dos dois adversários e de seus aliados

Segunda parte: retorno sobre os métodos de tradução e de comentário, bem como sobre um problema de atribuição

Terceira parte: Esclarecimentos acerca de diversas personalidades no Oriente e no Ocidente

Quarta parte: retorno a diversos agravos

Quinta parte: Justificação da réplica de Jerônimo à tradução rufiniana do Peri Archôn

Sexta parte: Apreciação cristã do fim do conflito enfim ponderado por Rufino

# APRESENTAÇÃO

Suruiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Suruiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da

“teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo, Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

# INTRODUÇÃO

Sofrônio Eusébio Jerônimo,<sup>1</sup> personagem eclesiástico que sobressaiu por sua vida virtuosa e, mais ainda, por seus trabalhos científicos no difícil campo da Bíblia, nasceu de abastada família cristã, em Estridão, na Dalmácia, por volta de 347. Ainda muito jovem (provavelmente em 354), Jerônimo foi para Roma a fim de estudar gramática, retórica e filosofia, tendo por mestre o célebre gramático Donato, com quem aprendeu a ter extraordinária familiaridade com os clássicos latinos; de fato, mais ainda do que Cícero,<sup>2</sup> o modelo predileto de Jerônimo viria a ser Virgílio.<sup>3</sup>

Como costumavam fazer outros jovens, Jerônimo, quando tinha cerca de dezessete anos, começou a receber aulas de Retórica. Em seus escritos, é várias vezes mencionado Caio Mário Victorino,<sup>4</sup> célebre professor dessa matéria e tradutor de Aristóteles,<sup>5</sup> Platão<sup>6</sup> e Porfírio.<sup>7</sup>

O estudo da eloquência era regido, no século IV, por normas tradicionais, extraídas das obras dos melhores oradores romanos de outrora, sendo os modelos mais considerados M. Fábio Quintiliano<sup>8</sup> e Marco Túlio Cícero. O primeiro era muito apreciado porque, em suas práticas judiciais e de professor, demonstrou, de modo bastante claro, ser um homem bom, sensato, muito competente e perspicaz. O segundo gozava de maior prestígio como orador.

Como oportuno complemento do que aprendera nas aulas, em seu desejo de chegar algum dia a ser um orador de altos voos, famoso e bem remunerado, Jerônimo costumava assistir às sessões dos tribunais e do Fórum para observar de perto as atuações dos mais eminentes homens públicos.

Porém, nem a sua dedicação aos estudos de Gramática e de Retórica nem as frequentes e forçosas relações que manteve com pessoas de diferentes índoles numa grande cidade foram capazes de fazer Jerônimo esquecer as ideias cristãs que, desde muito pequeno, foram-lhe inculcadas por seus pais.

Atentemo-nos sobre o fato de que seus estudos não prejudicaram sua vida religiosa, não apenas não prejudicaram, como também claramente a favoreceram.

Alguns momentos da vida, Jerônimo passou na Gália, um lugar sedutor para qualquer um que tivesse as ideias religiosas e as inclinações culturais de nosso protagonista, pois havia ali numerosas e ricas bibliotecas esperando a chegada de leitores e copistas. Na Gália, Jerônimo passou por uma das cidades mais importantes, em termos culturais: Tréveros, a cidade das maiores possibilidades e residência habitual do imperador Valentiniano;<sup>9</sup> eram muitos os que a visitavam com o intuito de fazer fortuna, mas para o nosso jovem, um de seus maiores atrativos era o fato de que, dadas as características da cidade, a vida monástica tinha pleno desenvolvimento desde que, na primeira metade do século IV, fora ali implantada pelo grande Atanásio, bispo de Alexandria, enquanto durou o desterro a ele imposto por Constantino.<sup>10</sup> Na opinião de muitos estudiosos, os contatos diretos que manteve com aqueles singulares homens de Deus fizeram brotar em Jerônimo os primeiros germes de sua vocação monástica.

Nessa época, tinha por discípulo e amigo Rufino<sup>11</sup> de Aquileia.

São Jerônimo é uma figura severa, arcaica e pitoresca, ao mesmo tempo em que é um homem santo e asceta, cheio de paixão humana, de saber e de prestígio. É um homem penitente que, em uma gruta de Belém, passou seus dias açoitando-se e traduzindo a Bíblia para o latim. Jerônimo abandonara a Roma papal para refugiar-se no isolamento de uma solidão virtuosa. Era uma figura que dominava o conhecimento de três línguas (latim, grego e hebraico) e, acima de tudo, era um anticlerical de grande

sarcasmo e mordacidade no momento de avaliar seu povo e os clérigos.

Jerônimo relacionou-se com numerosos personagens da sua época, soube e escreveu de forma pouco generalizável, fundou e dirigiu alguns modos de vida monásticos absorventes, exerceu influências e suscitou as mais díspares opiniões.

Então, segue para a cidade de Aquileia. Durante um ano, sente-se feliz vivendo com um grupo de clérigos afáveis, cultos e virtuosos, dentre eles, Rufino, Bonoso, Eusébio, o arcebispo Jovino e Cromácio, futuro bispo da cidade. Era um grupo de ascetas amigos de que mais tarde, em sua *Crônica*, Jerônimo se lembrava entusiasmado, denominando-o “coro dos bem-aventurados”.

Embora o motivo não seja claro, certo dia Jerônimo abandona aquele ambiente agradável. É possível que se delineasse com mais clareza em sua mente a ideia obsessiva de encontrar no Oriente um lugar retirado em que pudesse dedicar-se à vontade ao estudo e a uma vida espiritual mais intensa.

Por volta do ano 373-374, Jerônimo decidiu empreender uma peregrinação a Jerusalém, quando foi retido por grave doença, obrigando-o a estender sua estadia em Antioquia. Aí ouviu os discursos exegéticos de Apolinário, bispo de Laodiceia, e aprendeu, a fundo, a língua grega.

Por ocasião dessa enfermidade contraída em Antioquia, ocorreu a Jerônimo algo maravilhoso, imprevisto e estranho. Referimo-nos ao sonho que teve, ao que parece, nesse local e sobre o qual muito se escreveu. É o próprio Jerônimo quem nos narra esse sonho em sua carta à jovem Eustóquia<sup>12</sup> (carta 22, 30), escrita anos depois com o objetivo de animá-la a empregar o tempo no estudo da Bíblia, e não em leituras mundanas, como ele próprio um dia o fizera.

No sonho, Jerônimo era julgado e, ao ser interrogado sobre sua religião, disse ser cristão, mas uma voz o acusou de mentir, por julgá-lo ciceroniano, não cristão. Por isso foi açoitado, fazendo com que ele pedisse indulgência entre lágrimas, até que obteve clemência para que pudesse expiar seus erros e não voltar a ler escritos pagãos, profanos. Se isso acontecesse, o castigo seria fulminante, segundo a narrativa do autor.

Muitas interpretações foram feitas em torno desse sonho de Jerônimo. O próprio Jerônimo, homem de virtude e de talento, nunca se preocupou demasiadamente com esse tipo de juramento, como se pode comprovar pelas irônicas explicações que ele mesmo dá, anos mais tarde, quando toma conhecimento de que Rufino, antes seu amigo, o chamara de perjuro e blasfemo por não ter cumprido o que prometera em sonhos, isto é, por não ter rompido inteiramente as suas cordiais relações com os autores clássicos.

De qualquer maneira, depois desse acontecimento, Jerônimo intensificou os seus estudos de todos os temas relacionados com a Bíblia. Ali mesmo, em Antioquia, chegou a escrever um breve comentário ao texto do profeta Abdias.

Pouco depois de escrever uma afetuosa carta a seu amigo Rufino, Jerônimo sai de Antioquia. Sente-se finalmente livre de amarras e pode pôr em prática os projetos de uma vida monástica expostos em uma carta, escrita tempos antes, ao abade Teodósio e aos demais anacoretas da Cilícia. O novo lugar em que Jerônimo estabelecerá residência fixa já fora escolhido havia muito tempo. Encontra-se na fronteira oriental da Síria, ao sul de Alepo e sudeste de Antioquia, perto da pequena Cálcis, um deserto formado por solo salífero, montanhas calcáreas e escarpadas, onde aprendeu o hebraico com um monge de origem judaica. Partiu, então, para Constantinopla, ouviu os sermões de Gregório Nazianzeno,<sup>13</sup> entusiasmou-se por Orígenes, de quem verteu para o latim alguns escritos. Relações de amizade uniram-no, então, a Gregório de Nissa<sup>14</sup> (381).

Por volta de 382, Jerônimo viaja para Roma, cidade da sé católica, pela *necessidade da Igreja*, como ele próprio manifesta. Nesse momento, a sociedade cristã estava conturbada e desunida por causa de algumas discussões e discrepâncias lógicas no campo dogmático, e porque os bispos



ocidentais, encabeçados por Santo Ambrósio,<sup>15</sup> não viam com bons olhos, nem estavam dispostos a tolerar a excessiva independência de seus colegas orientais na forma habitual de resolver os problemas eclesiásticos.

Jerônimo se tornou secretário e amigo do papa Dâmaso, permanecendo em Roma de 382 a 385. O papa encarregou-o da revisão dos textos latinos da Bíblia, encaminhando-o assim para seu trabalho principal, nos anos próximos. Em Roma, fez severas críticas aos abusos no clero romano (ep. 22), então foi abertamente combatido depois da morte de seu protetor (384) e tornou-se alvo de suspeitas por causa das monjas de sua amizade.

Jerônimo, que havia acariciado por algum tempo a esperança de se tornar sucessor de Dâmaso, deixou Roma e, passando por Antioquia, se pôs a caminho dos lugares santos da Palestina. Depois viajou para Alexandria, onde esteve trinta dias com Dídimo,<sup>16</sup> o Cego; após uma visita aos monges do deserto da Nítria, foi, em 386, para Belém, o berço da nossa fé, e começou uma gigantesca obra monástica. Lá estabeleceu-se para sempre.

Em Belém, liberto de toda preocupação econômica graças à generosidade de Paula – sua grande amiga e irmã de fé – e inteiramente desvinculado de compromissos, pôde usar todo o seu tempo da forma que julgou mais grata ao Senhor.

Suas ocupações eram mortificar o corpo e dedicar-se longamente à oração, atender sem abatimento os peregrinos, ensinar os autores clássicos e catequizar alguns jovens que frequentavam o monastério. A maior parte da sua atividade diária era meditar, estudar e escrever ou ditar – num estilo menos afetado do que mostrara antes – cartas de cultura ou de espiritualidade, história eclesiástica, alguns trabalhos de tema monástico, traduções e comentários da Bíblia.

Por passar algumas decepções por monges companheiros seus no âmbito religioso, Jerônimo aprendera que o hábito não faz o monge, mas a sua autêntica e profunda imitação de Cristo.

Jerônimo não nega que haja perigos para a alma dentro do monastério; o que afirma é que esses perigos são maiores e se multiplicam fora de seus limites, longe de companheiros e superiores exemplares, tanto que o monge não cessara de convidar muitas pessoas a ir à Terra Santa, indicando-a como lugar ímpar para viver o ideal cristão, embora não bastasse, nem fosse imprescindível isso para um bom cristão residir na terra do Senhor: “Não deve ser motivo de louvor o ter vivido em Jerusalém, mas o ter vivido santamente em Jerusalém...”

Admiradores e/ou críticos de todas as épocas reconhecem que Jerônimo foi um autêntico monge e que, a partir de sua estada em Belém, além de praticar a ascética vida, típica de um monge, residiu habitualmente em comunidade dentro de um monastério.

Com o auxílio de santa Paula, Jerônimo construiu três mosteiros de mulheres e outro de homens em Belém, o qual ele mesmo governou; ainda alguns albergues para peregrinos, com uma escola para estes e uma escola ligada ao mosteiro, na qual Jerônimo explicava os clássicos. Dispunha de uma notável biblioteca, que ele próprio havia organizado. Os trinta e quatro anos de sua permanência em Belém não foram, em absoluto, tempos tranquilos.

A primeira controvérsia origenista provocou a odiosa contenda com João, bispo de Jerusalém, e a acerbada inimizade com Rufino, seu amigo desde a juventude, que esteve até 397 em Jerusalém. Seguiram-se as polêmicas contra Joviniano<sup>17</sup> (393) e Vigilância<sup>18</sup> (404) e, finalmente, também a querela pelagiana<sup>19</sup> transplantou-se para a Palestina, pela chegada de Pelágio (415). No decurso desta luta, um grupo de pelagianos incendiou seus mosteiros (416) e o próprio Jerônimo correu perigo de vida. Os horrores da migração dos povos perturbaram a tranquilidade do eremita de Belém, pois hordas dos hunos, dos montanhese isáuricos e sarracenos saqueadores ameaçaram as circunvizinhanças, obrigando-o à fuga precipitada. Conservou até o fim da vida a penetração de



espírito e o ardor combativo. Jerônimo faleceu em 30 de setembro de 419 ou 420.

Quanto ao caráter, Jerônimo era de temperamento facilmente irritável; enfermidades e severo ascetismo aumentaram essa facilidade de irritação. Para os outros, era agressivo e impetuoso, mordaz, irônico e ferino; em relação a si mesmo era suscetível a elogios, sensível a censuras, ciumento e rancoroso. Entretanto, consideram-se muitas coisas como falhas típicas da retórica e polêmica clássicas, que por isso são julgadas com maior indulgência. Mas é unânime concordar que não faltava à justiça e à caridade para com amigos e inimigos. Sem dúvida alguma, Jerônimo foi o mais erudito dos Padres latinos da Igreja, e legou uma herança insubstituível por muitos séculos ao Ocidente e à Idade Média.

Quanto à obra aqui exposta, cabe-nos esclarecer alguns pontos para que o leitor entenda a indignação de Jerônimo para com Rufino:

No quarto século, época à qual nos reportamos, deparamo-nos com uma grande quantidade de heresias. Os concílios que se reuniram na época para sanar dúvidas a respeito da fé deveram sua existência a essas heresias, dentre as quais podemos citar o origenismo, que se associa diretamente à elaboração da *Apologia contra Rufino*.

Orígenes, de cuja doutrina acabamos de fazer menção, nasceu em Alexandria em 185 da era cristã. Tendo sua família perdido todos os seus bens, conseguiu estudar, apesar das dificuldades. Viveu em uma época em que a Igreja ainda não se havia pronunciado sobre tantas questões relativas ao dogma, pois seu corpo de doutrina ainda não se havia formado e Orígenes, com suas atividades de exegeta bíblico, sobretudo aplicando nessas atividades seus conhecimentos de filosofia grega, explicava a religião cristã utilizando a maneira grega de explicar a religião e seus mistérios, lendo alegoricamente as Escrituras da religião judaico-cristã. Entre os pontos que suscitaram discussões está a preexistência das almas. Orígenes dizia que elas haviam pecado no estado de puros espíritos e que sua entrada em um corpo mortal submetido a necessidades e doenças, sua semelhança com os animais, sua vida terrestre, tudo isso era o castigo de seus pecados. Outro ponto: a ressurreição dos mortos no dia do juízo final. Segundo Orígenes, os mortos que ressuscitarão tomarão uma figura mais etérea que os restos mortais, e receberão do soberano juiz sua recompensa ou castigo. Orígenes não acreditava, contudo, no castigo eterno, sendo, por exemplo, o diabo passível de ser alvo da redenção, a apocatástase.<sup>20</sup> Entre outras coisas, Orígenes dizia que a semelhança do homem com seu criador cessou com o pecado, e o paraíso era, em sua visão, carregado de elementos simbólicos: as árvores eram puros espíritos, os rios, as virtudes celestes etc.

Duzentos anos após o nascimento de Orígenes, durante os quais este era considerado a luz do Evangelho depois dos apóstolos, sua imensa obra, tida como referência para o mundo cristão, torna-se alvo de violentas discussões, vindo a ser, durante um bom tempo, causa de controvérsias, de divisões entre bispos e clérigos. Tudo começou quando Atárbio, teólogo sutil que havia tomado como tarefa combater Orígenes, resolveu ir à diocese de Jerusalém e lá, assistindo a homilias, lançou um manifesto público pelo qual denunciava a diocese de Jerusalém como foco da funesta lepra do origenismo. Esse ato desencadeou a controvérsia origenista. Na cidade de Belém, submetida à jurisdição da diocese de Jerusalém, havia um mosteiro, no qual vivia Jerônimo em companhia das senhoras Paula e Eustóquia. Na diocese de Jerusalém, dirigida por João, teve início um movimento de reação à situação que se criou a partir dos incidentes narrados acima. O monge Jerônimo desculpou-se, por escrito, acerca de sua ligação passada com a obra de Orígenes, enquanto o bispo, montado em seu orgulho, não se desculpou. Jerônimo estava na posição de quem havia traduzido, segundo depoimento de Rufino, setenta opúsculos do alexandrino Orígenes, e achou por bem desculpar-se. O bispo João de Jerusalém estava apenas preocupado em reverter a situação de dependência de sua

diocese em relação à sede metropolitana de Cesareia. A esse bispo aliou-se Rufino, amigo de juventude de Jerônimo.

Epifânio de Salamina,<sup>21</sup> além de seu zelo pela ortodoxia que o faz dirigir-se a Jerusalém para defender a Igreja da disseminação da heresia, será o causador da dissidência entre o bispo João de Jerusalém e a comunidade monástica sediada em Belém, sob direção de Jerônimo. O fato que causou a dissidência foi a ordenação, em território sob jurisdição do bispo de Jerusalém, do irmão de Jerônimo, Pauliniano, pelo bispo Epifânio de Salamina, fato que constituiu grave usurpação das prerrogativas episcopais do bispado hierosolimitano.

Diante disso, a amizade entre Jerônimo e Rufino fica gravemente afetada, pelo fato de os dois se colocarem cada um em grupos rivais. Em Roma, os textos de Orígenes não eram muito conhecidos, o que levou Rufino a trazer para os leitores latinos o texto grego do *Tratado sobre os Princípios*, o *Perì Archôn*.<sup>22</sup> Jerônimo teria julgado boa essa razão se Rufino não tivesse, como alega no prefácio da sua tradução latina, limado e corrigido pontos do texto que pudessem representar dificuldade ao leitor latino, coisa que atribui Rufino às traduções que Jerônimo fez de várias obras de Orígenes.<sup>23</sup> A menção ao nome de Jerônimo não soou agradável aos ouvidos do próprio, uma vez que tende a justificar, no julgamento de Jerônimo, às custas de sua reputação de ortodoxia, uma prática de tradução que ele não aprovava nem em termos linguísticos, nem em termos de conteúdo de fé e de dogma. A reação de Jerônimo é a publicação de uma tradução que apresenta todos os conteúdos considerados heréticos, naquele tempo, da obra *Perì Archôn* de Orígenes. O escândalo causado pela publicação foi o responsável pela destruição dos volumes existentes da tradução feita por Jerônimo do texto grego do *Perì Archôn*. Pelo texto da *Apologia de Jerônimo contra Rufino* podemos perceber que a tradução do *Perì Archôn* por Jerônimo teve por função ampliar o debate sobre as teses de Orígenes, ofertando ao público o verdadeiro teor do texto grego e conduzindo o debate aos pontos nevrálgicos da questão origenista.

Uma vez publicada a tradução da obra *Perì Archôn* por Rufino, a menção aos trabalhos de tradução de Jerônimo da obra de Orígenes no prefácio dessa tradução foi o principal motivo da contrariedade ressentida por Jerônimo em relação ao ex-amigo, fato que também reforçou a hostilidade que Jerônimo já vinha sentindo em relação a Rufino. Ser considerado como alguém que altera textos de Orígenes para torná-los aceitáveis pela fé ortodoxa parecia uma falta grave para Jerônimo, e tanto mais inaceitável se a isso se acrescenta um elogio às “elegantes palavras de um personagem tão importante”.<sup>24</sup> Em sua *Apologia*, Jerônimo declara ter repellido o simulacro de um panegirista e ter recusado elogios de uma boca hipócrita,<sup>25</sup> e isso é uma alusão àquele pérfido elogio feito por Rufino, naquele “prefaciozinho”.<sup>26</sup> A defesa de Jerônimo, empreendida por ele próprio, não é tarefa fácil pelo fato de não dispor de alguém que defenda sua causa e também pelo fato de ser a causa em si bastante complicada. É muito pouco crível que alguém que traduza várias obras de determinado autor não considere recomendável e válido o autor traduzido, que não partilhe de certa forma as ideias do autor traduzido. Ora, Jerônimo traduziu e estudou muito Orígenes, o que o coloca numa posição de fragilidade em muitos pontos. Sua saída é alegar que aproveita os métodos de exegese aprendidos com Orígenes, sem contudo partilhar suas posições teológicas.

A obra de Jerônimo, objeto de nosso trabalho, inclui-se na luta contra o estigma de heresia. Jerônimo era considerado um santo de língua mordaz por muitos motivos, um deles é que não aguentava enxovalhos em silêncio.

A *Apologia contra Rufino* faz parte de um prolongado conflito em que se digladiaram Jerônimo e Rufino, motivados pela publicação de uma tradução de uma obra de Orígenes, o *Perì Archôn*, feita por

Rufino.

Rufino endereçou uma Apologia contra Jerônimo, acusando-o sutil e indiretamente por meio de elogios, dos quais Jerônimo denuncia a falsidade e acusa Rufino de incriminá-lo de forma cruel, sob a aparência de elogios. A resposta de Jerônimo é sua autodefesa e exposição dos elogios falsos de Rufino. No todo, a obra é instigante, pois apresenta o ser humano buscando a verdade da fé, tentando escapar das ciladas e do estigma da heresia. O estilo da obra traz a marca do calor do debate, o furor da busca da verdade, o tom de total engajamento.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTANER, B.; STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo: Paulus, 1972.
- BÍBLIA SACRA iuxta Vulgatam Clementinam. Por R. P. Alberto Colunga y Dr. Laurentio Turrado. Madri: BAC, 1946.
- CÍCERO. *Brutus*. Introduction, texte critique et traduction par J. Martha. Paris: Les Belles-Lettres, 1973.
- \_\_\_\_\_. *De l'orateur*. Introduction, texte critique et traduction par E. Courbaud. 3 tomes. Paris: Les Belles-Lettres, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Des termes extrêmes des Biens et des Maux*. Introduction, texte critique et traduction par J. Martha. 2 tomes. Paris: Les Belles-Lettres, 1999.
- \_\_\_\_\_. *De diuinatione*. Liber primus. Disponível no site [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com/cicero/divinatione1.shtml) (1/2/2012). URL: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/divinatione1.shtml>.
- \_\_\_\_\_. *De diuinatione*. Liber secundus. Disponível em [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com/cicero/divinatione2.shtml) (dia 1/2/2012). URL: <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/divinatione2.shtml>
- \_\_\_\_\_. *Discours*. Tomes II à VI: Contre Verrès. Éditeurs divers. Paris: Les Belles-Lettres, datas diversas.
- \_\_\_\_\_. *Discours*. Tome X: Catilinaires. Introduction, texte critique et traduction par H. Bornecque et E. Bailly. Paris: Les Belles-Lettres, 1926.
- \_\_\_\_\_. *Discours*. Tome XI: Pour Murena, Pour Sylla. Introduction, texte critique et traduction par A. Boulanger. Paris: Les Belles-Lettres, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Discours*. Tomes XIX et XX: Philippiques. Introduction, texte critique et traduction par P. Willeumier. Paris: Les Belles-Lettres, 1959.
- \_\_\_\_\_. *L'orateur*. Introduction, texte critique et traduction par A. Yon. Paris: Les Belles-Lettres, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Tusculanes*. 2 tomes. Introduction, texte critique et traduction par G. Fohlen et J. Humbert. Paris: Les Belles-Lettres, 1959.
- DIÃO CÁSSIO. *Histoire romaine*. 2 tomes. Introduction, texte critique et traduction par M.-L. Freyburger et J.-M. Roddaz. Paris: Les Belles-Lettres, 1994.
- HOMERO. *L'Iliade*. Introduction, texte critique et traduction par P. Mazon, P. Chantraine, P. Collart et R. Langumier. 4 tomes. Paris: Les Belles-Lettres, 1938.
- HORÁCIO. *Épîtres*. Introduction, texte critique et traduction par F. Villeneuve. Paris: Les Belles-Lettres, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Odes et épodes*. Introduction, texte critique et traduction par F. Villeneuve. Paris: Les Belles-Lettres, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Satires*. Introduction, texte critique et traduction par F. Villeneuve. Paris: Les Belles-Lettres, 1932.
- JEANJEAN, B. *Saint Jérôme et l'hérésie*. Paris: Institut d'Étu-des Augustiniennes, 1999.
- LACTÂNCIO. *De mortibus persecutorum*. Disponível em [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com/lactantius/demort.shtml) (1/2/2012). URL: <http://www.thelatinlibrary.com/lactantius/demort.shtml>.
- LARDET, P. *L'Apologie de Jerome contre Rufin: Un commentaire*. Leiden: E. J. Brill, 1993.
- LUCRÉCIO. *De la nature*. Introduction, texte critique et traduction par A. Ernout. 2 tomes. Paris: Les Belles-Lettres, 1999.
- ORÍGENES. *Traité des principes*. 5 tomes. Introduction, texte critique de la version de Rufin, traduction par Henri Crouzel et Manlio Simonetti. Paris: Les Éditions du Cerf, 1978.
- PÉRSIO. *Satires*. Introduction, texte critique et traduction par A. Cartault. Paris: Les Belles-Lettres, 1966.
- PLATÃO. *République*. 2 tomes. Introduction, texte critique et traduction par E. Chambry. Paris: Les Belles-Lettres, 1996.
- PLAUTO. *Théâtre*. Tome 1: Amphitruo, Asinaria, Aulularia. Introduction, texte critique et traduction par A. Ernout. Paris: Les Belles-Lettres, 1989.
- PORFÍRIO. *Vie de Pythagore, Lettre à Marcella*. Par E. des Places. *Fragments de l'Histoire de la Philosophie* par A. Ph. Segonds. Paris: Les Belles-Lettres, 1982.
- QUINTILIANO. *De l'institution oratoire*. Introduction, texte critique et traduction par J. Cousin. 7 tomes. Paris: Les Belles-Lettres, 1975.
- ROSTAGNI, A. *Storia della letteratura latina*. 3 vols. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1983.
- RUFINO. *Apologia ad Anastasium*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina* 21, col. 623-628. Paris: Petit Montrouge, 1888.
- \_\_\_\_\_. *Apologiae in Sanctum Hieronymum libri duo*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina* 21, col. 541-624. Paris: Petit Montrouge, 1878.
- \_\_\_\_\_. *De adulteratione librorum Origenis*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina* 7, col. 615-652. Paris: Petit Montrouge, 1857.
- SALÚSTIO. *La conjuration de Catilina. La guerre de Jugurtha. Fragments des Histoires*. Introduction, texte critique et traduction par A. Ernout. Paris: Les Belles-Lettres, 1941.

SÃO CIPRIANO. Correspondance. 2 tomes. Introduction, texte critique et traduction par L. Bayard. Paris: Les Belles-Lettres, 1925.

SÃO JERÔNIMO. *Apologie contre Rufin*. Introduction, texte critique, traduction et index par Pierre Lardet. Paris: Les Éditions du Cerf, 1983.

\_\_\_\_\_. *Commentariorum in Epistolam ad Ephesios libri tres*. In: MIGNE, J.-P. Patrologia Latina 26, col. 467-588. Paris: Petit-Montrouge, 1883.

\_\_\_\_\_. *Contra Iohannem Hierosolymitanum*. Disponível no site [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com/jerome/contraioannem.html) (1/2/2012). URL: <http://www.thelatinlibrary.com/jerome/contraioannem.html>.

\_\_\_\_\_. *Epistolario*. Edición bilingue por Juan Bautista Valero. Madri: BAC, 1993.

SÊNECA. *Tragédies*. Introduction, texte critique et traduction par F.R. Chaumartin. 3 tomes. Paris: Les Belles-Lettres, 1999.

SEPTUAGINTA. Por Alfred Rahlfs. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1935.

TERÊNCIO. *Comédies*. Tome I: Andrienne, Eunuque. Introduction, texte critique et traduction par J. Marouzeau. Paris: Les Belles-Lettres, 1942.

TERTULIANO. *Aduersus Hermogenem*. Disponível no site [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.herm.shtml) (1/2/2012). URL: <http://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.herm.shtml>.

\_\_\_\_\_. *De testimonio animae*. Disponível no site [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.testimonia.shtml) (1/2/2012). URL: <http://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.testimonia.shtml>.

VIRGÍLIO. *Bucoliques*. Introduction, texte critique et traduction par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles-Lettres, 1999.

\_\_\_\_\_. *Éneide*. Introduction, texte critique et traduction par J. Perret. 3 tomes. Paris: Les Belles-Lettres, 1978.

\_\_\_\_\_. *Géorgiques*. Introduction, texte critique et traduction par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles-Lettres, 1995.

WIKIPEDIA. URL: <http://www.wikipedia.org> (1/2/2012).

1 As informações dadas nesta seção de capítulo foram recolhidas na obra de Altaner e Stuiber, intitulada *Patrologia*, citada na bibliografia.

2 Marco Túlio Cícero foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Cícero é normalmente visto como sendo uma das mentes mais versáteis da Roma antiga.

3 Virgílio foi um poeta romano clássico, mais conhecido por três obras principais, as Éclogas (ou *Bucólicas*), as Geórgicas e a Eneida, apesar de vários poemas menores também serem atribuídos a ele.

4 Caio Mário Victorino foi um célebre mestre de Retórica e filósofo neoplatônico em Roma, durante o Império de Constâncio II. Redigiu comentários de obras retóricas e filosóficas de Cícero e traduziu tratados de lógica de Aristóteles e a *Isagogê* de Porfírio, além de escritos neoplatônicos.

5 Aristóteles foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental.

6 Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia de Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles, Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental.

7 Porfírio (232-304), foi um filósofo neoplatônico e um dos mais importantes discípulos de Plotino, responsável por organizar e publicar 54 tratados do mestre na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Escreveu ainda uma biografia de Plotino (*A Vida de Plotino*) e comentários às obras de Platão e Aristóteles. Seu livro *Introductio in Praedicamenta* foi traduzido para o latim por Boécio e transformou-se num texto padrão nas escolas e universidades medievais, possibilitando desenvolvimentos na filosofia, teologia e lógica durante a Idade Média. Porfírio tinha tratado de Daniel no livro XII de seu *Katà Christianon*. Conforme LARDET, P. (1993), p. 234.

8 M. Fábio Quintiliano foi um escritor e retórico latino. Estudou em Roma, onde primeiro atuou como advogado. Tornou-se conhecido por ter sido professor de retórica.

9 Valentiniano foi imperador romano de 364 a 375. Foi proclamado imperador pelo exército romano.

10 Constantino foi um imperador romano, proclamado Augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 306, e governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte.

11 Rufino viveu praticamente no mesmo período em que viveu Jerônimo. Os dois amigos seguiram vidas paralelas e é ele, com seus escritos, o objeto desta Apologia de Jerônimo.

12 Eustóquia era uma jovem discípula de Jerônimo que o acompanhou para o mosteiro de Belém.

13 Gregório Nazianzeno (329-390), autor de quarenta e cinco sermões, panegíricos, invectivas, epístolas, poemas, diálogos e

escritos dogmáticos. Escreveu uma obra de doutrina cristã, versando sobre a Trindade, a cristologia, pecado original e batismo, Eucaristia e santo sacrifício.

[14](#) Gregório de Nissa (335-394), bispo da cidade de Nissa, filósofo e teólogo. Escreveu a obra *Contra Eunômio* e obras sobre doutrina trinitária. É autor também de uma obra dogmática: *Oratio catechetica magna* (Coleção Patrística, 29), *Homilias*, *Uma vida de Moisés* etc.

[15](#) Santo Ambrósio (333-397), bispo de Milão, autor de escritos exegéticos, homilias, um *Comentário sobre o Evangelho de Lucas*, escritos morais e ascéticos, escritos dogmáticos, escritos catequéticos, discursos e cartas.

[16](#) Dídimo foi um teólogo da Igreja Copta de Alexandria, cuja famosa Escola catequética ele dirigiu por meio século. Diversas Igrejas Ortodoxas se referem a ele como “São Dídimo, o Cego”.

[17](#) A polêmica contra Joviniano consistiu em um ataque às práticas pagãs.

[18](#) A polêmica contra Vigilância se atém aos maus hábitos e defeitos de caráter deste.

[19](#) Dentre os pressupostos principais da doutrina herética de Pelágio, encontramos a da *impeccantia*, segundo a qual o homem pode existir sem o pecado, se assim o desejar, conforme o adágio: “posse hominem sine peccato esse, si uelit” (*Ep.* 133,1). A refutação desta heresia mobilizou-lhe muitos esforços.

[20](#) Ver JEANJEAN, B.(1999), p. 129-271, além de vários outros títulos do item *b* da bibliografia.

[21](#) Epifânio de Salamina (315-403), bispo de Salamina, pentaglot, autor de uma obra sobre a Trindade, a Encarnação e a Ressurreição (*Panarion* – caixa de remédios), contra os hereges, e cartas.

[22](#) Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Paulus, 2012 (Patrística 30).

[23](#) Rufino, em Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Prólogo de Rufino 2 (p. 47): “... e, quando no original encontrou alguns pontos que apresentavam dificuldade, adaptou-os e os corrigiu, interpretando-os para que neles o leitor latino não encontrasse nada que não estivesse de acordo com a nossa fé”. O sujeito desses comentários de Rufino é Jerônimo.

[24](#) Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Prólogo de Rufino 1 (pág. 46).

[25](#) Cf. São Jerônimo, *Apologia* I,1 (p. 27-29).

[26](#) *Praefatiuncula*, no dizer irônico de Jerônimo, em várias ocorrências na *Apologia contra Rufino*.

# APOLOGIA DE JERÔNIMO, PRESBÍTERO ESTRIDONENSE, CONTRA OS LIVROS DE RUFINO, ENVIADA A PAMÁQUIO<sup>1</sup> E A MARCELA<sup>2</sup>

## PRIMEIRO LIVRO

### Primeira parte: O conflito dos tradutores

1. Pela vossa carta e pelas de muitos outros, tomei conhecimento de ser reprovado a mim na “Escola de Tirano”,<sup>3</sup> pela língua dos meus cães de inimigos, por ele mesmo,<sup>4</sup> o fato de eu ter traduzido em latim o *Perì Archôn*, e – ó atrevimento único!<sup>5</sup> – eles acusam o médico de ter denunciado venenos, de tal modo – isso se entende – a proteger seu farmacêutico, não pela justificação da inocência, mas pela cumplicidade com sua culpabilidade, como se o número dos que pecam diminuísse a culpa, e como se a acusação recaísse sobre as pessoas, não sobre os fatos! Escrevem-se contra mim livros e estes são recitados aos ouvidos de todo mundo; porém, não são publicados, para que também toquem o coração dos simples e retirem de mim a possibilidade de resposta. Maldade de um gênero inédito: acusar aquilo que se teme que seja publicado, escrever o que se possa ocultar. Se é verdadeiro aquilo que ele escreve, por que temeu o público? Se é falso, por que o escreveu? Outrora, quando meninos, nós lemos: julgo ser próprio de um intemperante escrever qualquer coisa que se queira que seja ocultado.<sup>6</sup>

Eu vos pergunto: que ressentimento é esse? Por que se inflamam? Por que se ensandecem? Foi porque repeli um panegirista dissimulado? Foi porque eu não quis ser louvado por uma boca hipócrita? Foi porque, sob o nome de um amigo, desvendei as armadilhas de um inimigo? No prólogo, sou chamado de irmão e companheiro e muito abertamente são expostos meus crimes, o que eu teria escrito, os louvores pelos quais eu teria elevado às nuvens Orígenes. Ele diz tê-lo feito em uma boa intenção; mas como pode, agora que ele é meu inimigo, levar a cabo sua crítica sobre os mesmos pontos que ele tinha louvado, quando então era meu amigo? Ele tinha querido, em sua tradução, seguir-me como pioneiro e servir-se de nossos opúsculos para conceder autoridade à sua obra. Tinha bastado que dissesse uma vez o que eu tinha escrito: porque foi necessário voltar a repetir as mesmas asserções e frequentemente recitar – como se ninguém acreditasse em seus próprios louvores –, expor as próprias citações. O louvor simples e puro não se inquieta quanto à lealdade dos que ouvem.<sup>7</sup> Por que ele temeu que não acreditassem nele ao elogiar-me, sem recorrer ao testemunho de minhas próprias palavras? Vós nos vedes compreender sua sagacidade e que brincamos frequentemente nas escolas da pregação da estrofe irônica.<sup>8</sup> Não pode alegar retidão aquele em quem é identificado o artífice pela maldade. Admitamos que ele tenha errado uma ou, quando muito, duas vezes! Por que erra com critério e amiúde? E assim encobriu um erro por inteiro, de modo que não me é permitido negar o que ele elogia!

Tinha sido sinal de sabedoria e amizade, depois do acordo feito sobre a malquerença, fugir também às leves suspeitas, para que um ato fortuito não fosse interpretado como feito de propósito. É por isso que Cícero diz também nos comentários dos processos em favor de Gabínio:<sup>9</sup> “Por mim, que sempre considerei todas as amizades a serem mantidas em altíssima religião e fé, eu as tive sobretudo para que fossem reconduzidas para as boas relações; é por essa razão que o dever negligenciado às amizades legítimas é defendido por escusa de falta de conhecimento ou – como interpretamos mais



gravemente – falta de cuidado; depois de um retorno à amizade, se algo é cometido, não é interpretado como uma negligência, mas como uma violação; não costuma ser atribuído à falta de conhecimento, mas à traição”.<sup>10</sup> Horácio<sup>11</sup> também diz, na carta que ele escreve a Floro: “Uma amizade mal remendada, ele diz, em vão é recosida e se rasga novamente”.<sup>12</sup>

2. Que me vale agora que ele jure ter se enganado com toda a franqueza? Eis que me são lançados seus louvores e que me censuram o louvor nem franco nem sincero de um amigo de toda franqueza! Se ele granjeava autoridade para a sua obra, querendo mostrar quais modelos ele seguia, teve ao seu alcance o confessor Hilário,<sup>13</sup> que traduziu cerca de quarenta mil versos de Orígenes sobre os Salmos e Jó. Ele tinha Ambrósio, de quem quase todos os livros estão cheios dos discursos desse, e o mártir Vitorino,<sup>14</sup> que manifesta sua candura não preparando armadilhas a ninguém. Ele guarda silêncio a respeito de todos esses, e, tendo deixado de lado aqueles que são como as colunas da Igreja, a mim sozinho como uma pulga, um homem de nada, ele persegue pelos cantos. A menos que, por acaso, com a mesma candura que, ignorante, acusou um amigo, ele jure que ignorava aqueles autores. E quem acreditará nele, homem eruditíssimo que é, cuja ciência dos autores antigos é tamanha, especialmente dos gregos, a tal ponto que, de tanto apegar-se a valores estrangeiros, ele quase perdeu os seus próprios? A ponto de desconhecer autores de memória bem recente e autores latinos? Disso aparece que não tanto eu tenha sido louvado quanto eles tenham sido acusados. Em consequência, que se trate de um elogio – como ele tenta persuadir os tolos – ou de uma acusação – como a dor que me causa minha ferida me faz sentir –, eu não teria nem a glória de meus contemporâneos, em caso de elogio, nem a consolação, em caso de repreensão.

3. Eu guardo as vossas cartas, nas quais escreveis que sou acusado e exortais que eu responda a quem acusa; de modo que não pareça, caso me tenha silenciado, confessar a culpa.<sup>15</sup> Eu respondi a vossas cartas, eu o reconheço; e ainda que lesado, eu salvaguardei os direitos da amizade a ponto de defender-me sem acusar meu acusador. Eu diria até que aquilo que apenas um amigo tinha censurado em Roma, reiterado no mundo todo por força de muitos inimigos, era para que eu não parecesse responder a um homem, mas a agravos. Seria o cúmulo se eu tivesse que, para respeitar o direito de amizade, guardar o silêncio sob as acusações e, tendo a face emporcalhada por ele e, por assim dizer, borrifada de herético fedor, nem sequer com água pura tivesse que lavar, de modo que não considerassem que ele fez injustiça contra mim!

Esta atitude não pode ser a de um homem nem em relação a outro homem: atacar abertamente um amigo e expor seus crimes sob a máscara de um panegirista, e não deixá-lo sequer livre para provar que ele é católico e responder que o elogio de um herege, que lhe é lançado na face, foi provocado, não por sua adesão à heresia, mas por sua admiração pelo talento. Aprouvera a ele, ou como ele próprio quer dar a entender, ele tinha sido obrigado a verter para a língua latina, coisa que não queria. Que necessidade houve que, escondido e separado por tanta distância de mar e de terras, me introduzisse no caso, e me expusesse à hostilidade de uma multidão, a ponto de me prejudicar por seus elogios mais do que lhe pudesse ser útil pelo exemplo? Agora, pois, porque eu recusei meu panegirista e que, revolvido meu estilete, eu fiz saber que eu não era tal qual proclamou meu amigo íntimo, diz-se que ele está tomado de grande furor e teria composto, com uma elegância ática, três livros contra mim, acusando as mesmas coisas que antes louvara, censurando-me, na tradução de Orígenes, teses sacrílegas, sobre o que dissera no Prólogo da sua louvação: “Eu seguirei a regra de meus predecessores, e principalmente daquele homem do qual fizemos menção acima; o qual, visto que houvesse traduzido em latim mais de setenta opúsculos de Orígenes, aos quais ele deu o nome de homiléticos, sem contar certo número de seus tomos escritos sobre o Apóstolo, nos quais, visto que



grande número de pedras de escândalo sejam encontradas em grego, ele tão bem aplainou e apurou tudo em sua tradução, para que o leitor latino não encontre nada neles que esteja em desacordo com a nossa fé. Também a este, pois, nós seguimos, como se deve seguir, não pelas forças da eloquência, mas pelas regras da disciplina, quanto nos seja possível”.<sup>16</sup>

4. Sem dúvida, são de fato suas palavras, ele não pode negá-lo. A própria elegância do estilo e a ordenação do discurso e, o que mais importa, a simplicidade cristã atestam a marca de seu autor. Outra coisa seria presumir que Eusébio<sup>17</sup> alterou também estas linhas e que, ao mesmo tempo, acusador de Orígenes e a mim dedicado, em uma e mesma obra testemunhou que eu e Orígenes ou errávamos, ou interpretávamos corretamente. Ele não pode, agora que é meu inimigo, tratar-me como herege, eu sobre quem ele disse recentemente em seu prefácio que não estava em desacordo com a sua fé. Ao mesmo tempo, aproveito para lhe fazer também esta pergunta: Que quer dizer esta linguagem moderada e dúbia? “O leitor latino, diz ele, nada encontrará aqui que esteja em desacordo com nossa fé.” O que ele chama “sua” fé? Aquela pela qual a Igreja romana exerce seu poder ou aquela que está contida nos volumes de Orígenes? Se ele responde: a fé romana, então nós somos católicos, nós que nada traduzimos do erro de Orígenes. Mas se sua fé são blasfêmias de Orígenes, ele demonstra que é herege, lançando-me sua acusação de inconstância. Ou a fé daquele que me louva é sã e, por sua própria confissão, ele me associa a si, ou então é errônea, e ele mostra que, se fez meu elogio, é porque acreditava que eu fosse participante de seu erro.

Mas, em relação àqueles livros que dizem tagarelices pelos cantos e me mordem com sua acusação furtiva, uma vez que eles tiverem sido publicados e avançarem das trevas para a luz, e tiverem podido chegar até nós, ou pelo esforço de nossos irmãos ou a temeridade de nossos rivais, eu tentarei responder a eles. Na verdade, não devem ser muito temidos aqueles livros que seu autor teve medo de publicar e só ordenou a leitura desses livros a seus partidários. Desde então, ou reconhecerei meus erros, ou me desculparei, ou farei voltar contra o acusador as acusações que me lançou e mostrarei que até aqui é de modéstia e não de má consciência o silêncio.

5. Por enquanto eu quis ser purificado junto ao julgamento implícito do leitor e desmentir uma acusação gravíssima entre amigos, de modo a não dar a impressão de que fui o primeiro a ter causado prejuízo, que, embora ferido, de nenhum modo dirigi meus dardos contra meu agressor, mas voltei minha mão apenas para minha ferida. Rogo ao leitor que, com a exceção do preconceito em relação às pessoas, faça recair a culpa sobre aquele que a provocou. Não contente de ter-me ultrajado, ele elaborou três livros contra mim, como se eu estivesse sem língua e tivesse que ficar para sempre silencioso. Ele forjou, a partir de meus opúsculos, “antíteses”<sup>18</sup> ao modo de Marcião.<sup>19</sup> Meu espírito deseja ardentemente conhecer sua ciência súbita e minha estupidez inesperada. Talvez em pouco tempo ele tenha aprendido o que ele acredita ter que ensinar-nos e, o que ninguém pensava que ele soubesse, ele vai mostrar um súbito rio de eloquência. Assim faça o Deus Pai, faça assim o grande Jesus, que ele comece a medir forças conosco.<sup>20</sup> Embora tenha balanceado espetadas de sua acusação e as tenha atirado contra nós com todas as forças, nós temos fé no Senhor Salvador, porque a sua verdade nos circundará como um escudo<sup>21</sup> e com o salmista poderemos cantar: “As flechas das crianças tornaram-se as suas desgraças”,<sup>22</sup> e se “se erguer contra mim um acampamento, meu coração não temerá. Se uma batalha for travada contra mim, ainda assim esperarei”.<sup>23</sup> Mas trataremos estas coisas em outra ocasião. Agora voltemos ao assunto que começamos a abordar.

6. E, “esgotados por suas provas, preparam as armas de Ceres”,<sup>24</sup> seus sectários me censuram por que razão eu traduzi para a língua latina os nefastos livros de Orígenes, o *Peri Archôn*, incompatíveis com

a fé da Igreja. A essa pergunta há uma resposta breve e concisa: são as tuas cartas, irmão Pamáquio, e as dos teus que me levaram a isso, dizendo que os livros tinham sido infielmente traduzidos por um outro e havia algumas coisas de alteração, seja acréscimos, seja modificações. E para que eu não tivesse tão pouca confiança em vossas epístolas, enviastes a mim exemplares da mesma tradução, com o prefaciozinho que me elogiava. Depois que li e confrontei com o texto grego, percebi imediatamente o que Orígenes havia dito sacrilegamente acerca do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e o que, sendo modificado pelo tradutor, para um sentido melhor, os ouvidos romanos não podiam suportar; mas outras teses suas sobre a queda dos anjos, sobre a fraqueza das almas, sobre as miragens da ressurreição, sobre o mundo e os intermúndios de Epicuro,<sup>25</sup> a restauração de todas as criaturas em uma condição de igualdade e outras bem piores que estas que seria demorado relatar: ou então, ele as tinha traduzido tal qual as tinha encontrado no texto grego; ou então, ele as tinha ampliado e reforçado a partir dos comentáriozinhos de Dídimos, que era um defensor de Orígenes absolutamente aberto, a ponto de aquele que o havia lido como católico sobre a questão da Trindade não se desconfiaria de um autor herético em outros pontos.

7. Talvez um outro que não fosse seu amigo diria: ou muda tudo que é mau, ou publica tudo que julgas excelente. Se, por causa das almas simples, tu cortas todas as passagens nocivas e que tu não queres traduzir para uma língua estrangeira aquilo que mostras como acréscimos de hereges, corta tudo que seja nocivo. Mas se tu salvaguardas em tua tradução a fidelidade à verdade, por que modificas algumas passagens e outras deixas intactas, ainda que reconheças abertamente, no mesmo prólogo, que tu tenhas corrigido as passagens viciosas e deixado as que são excelentes? Por conseguinte, em vez de gozar da liberdade dada ao tradutor, tu serás retido pela responsabilidade de autor se tua tradução se mostrar repleta de heresia; e tu serás preso em flagrante de ter querido untar de mel as bordas do cálice envenenado para cobrir com uma doçura enganosa a virulência do veneno. Eis as palavras e outras bem mais duras que te diria um inimigo; e ele te arrastaria diante da justiça da Igreja não como tradutor, mas como o responsável por uma obra nefasta.

Para mim, entretanto, eu me contentei de ter-me defendido unicamente a mim mesmo, e eu exprimi simplesmente aquilo que continha o texto grego nos livros do *Perì Archôn*, não para levar o leitor a crer na versão que eu apresentava, mas para que não cresse na tradução que havias anteriormente dado. Foi dupla a utilidade da minha obra, tanto enquanto um autor herético é denunciado, quanto ela acusa um tradutor não verdadeiro. E para que ninguém pense que eu concorde com aquilo que eu traduzira, eu defendi a necessidade de minha tradução com um prefácio e instruí o leitor sobre aquilo em que ele não devia crer.

A primeira tradução contém o elogio do autor, a segunda, sua repreensão. Aquela convida o leitor a crer nela, esta o exorta a não crer. Lá sou recrutado também, panegirista a contragosto, aqui estou tão longe de louvar aquele que traduzo, que sou forçado a acusar aquele que o louva. É a mesma empreitada que foi realizada, mas não no mesmo espírito. Mas antes: um único caminho teve diversas saídas. Alguém retirou passagens existentes, dizendo que haviam sido alteradas pelos hereges e acrescentou as que não existiam, sustentando que Orígenes havia tratado as passagens em outros lugares; ora, a não ser que mostre os lugares precisos de onde ele diz tê-los transposto, não poderá prová-lo. Eu me esforcei para nada mudar do texto autêntico. Minha tradução tinha, com efeito, por finalidade denunciar as passagens mal traduzidas. Vós me considerais um tradutor? Eu fui um denunciador. Eu denunciei o herege para defender a Igreja contra a heresia. O livro colocado à frente desta obra indica por que eu tenho louvado previamente Orígenes em certos pontos. No momento, é exposta unicamente a razão de minha tradução. Porque ela tem a intenção de respeitar a fé, não devo

ser acusado por impiedade, eu que revelei o que era ímpio, que era transmitido às Igrejas como se fosse piedoso.

**8.** Eu tinha traduzido para o latim setenta de seus livros, como meu amigo me acusa, e muitos de seus tomos. Nunca meu trabalho suscitou algum problema, nunca Roma foi abalada por ele. Que necessidade havia de entregar aos ouvidos latinos aquilo que a própria Grécia detesta, o que o mundo inteiro incrimina? Eu, que por tantos anos traduzi tantos textos, nunca provoquei escândalo; tu, à primeira e única obra, primeiramente desconhecido, tua temeridade tornou-te célebre.

O próprio prefácio também nos ensina que tu traduziste o livro do mártir Pânfilo<sup>26</sup> para a defesa de Orígenes. E isso fazes para que a Igreja não recuse aquele cuja fé é confirmada por um mártir. Como já disse antes, Eusébio, bispo de Cesareia, outrora porta-bandeira da facção ariana, escreveu em favor de Orígenes seis livros, obra de grande extensão e trabalhada com esmero; e aprovou por muitos depoimentos que Orígenes era católico para eles, o que para nós quer dizer ser ariano. Tu traduzes o primeiro desses livros sob o nome do mártir. E nós nos assombramos que queiras fazer de mim, homúnculo de pouco valor, um admirador de Orígenes, quando tu caluniaste o mártir. Tendo sido substituídas as poucas citações a respeito do Filho de Deus e do Espírito Santo, as quais sabias que desagradariam aos romanos, mantiveste intactas as outras até o fim, fazendo o mesmo que fizeste na Apologia, considerada obra de Pânfilo, coisa que fizeste também na tradução do *Perì Archôn* de Orígenes. Se este é o livro de Pânfilo, qual será o primeiro dos seis livros de Eusébio? Fez-se menção aos livros seguintes no mesmo volume que fazes crer que seja de Pânfilo. Igualmente no segundo e nos outros livros, Eusébio menciona o que já havia dito anteriormente no primeiro livro, e que deveria evitar as repetições. Se a obra inteira é de Pânfilo, por que não traduzes os demais livros? Se ela é de outro, por que mudas o nome do autor? Tu silencias. Os fatos falarão por si mesmos: seguramente para que tivessem fé em um mártir aqueles que estavam dispostos a abominar o chefe dos arianos.

**9.** Que te direi daquilo que te passa na alma, ó amigo tão cândido? Porventura pudeste dar um nome de mártir ao livro de um homem herege, e transformar em defensores de Orígenes pessoas ignorantes, sob a garantia de uma testemunha de Cristo? Dada a cultura pela qual tu tens tanto poder e o ilustre escritor<sup>27</sup> pelo qual tu és elogiado no Ocidente, a ponto de todos de teu partido te chamarem de corifeu, não penso que tu tenhas ignorado a *composição*<sup>28</sup> de Eusébio e que o mártir Pânfilo não tenha sido autor de absolutamente nenhuma obra. Com efeito, o próprio Eusébio, que adorava Pânfilo, celebrava-o e era seu colega, escreveu três livros elegantíssimos contendo a vida de Pânfilo, nos quais, ao proclamar as excelências com admiráveis louvores e levar às nuvens a sua humildade, acrescentou mais isto no terceiro livro: “Quem, entre os dedicados ao estudo, não foi amigo de Pânfilo? Se aqueles que ele via carecer do necessário para viver, a eles oferecia generosamente o que podia. A Sagrada Escritura, ele a distribuía com grande diligência, não só para a leitura, mas para que fosse guardada, e não somente para homens, mas também para mulheres que ele tivesse visto aplicando-se à leitura. É por isso que ele preparava muitos códices para dar de presente àqueles que quisessem, quando a necessidade o exigisse. E ele, por sua vez, não escreveu absolutamente nada de obra própria, salvo as epístolas que ele enviava aos amigos casualmente, tanto havia se abaixado pela humildade. Mas ele lia os tratados dos antigos autores com zelo excessivo e ocupava-se continuamente em meditar neles”.<sup>29</sup>

**10.** O defensor de Orígenes e panegirista de Pânfilo diz que Pânfilo não escreveu absolutamente nada, nem compôs nenhum discurso pessoal; e ele o diz estando Pânfilo já coroado pelo martírio, para que não te prives da evasiva de que Pânfilo tenha redigido esta obra, depois de publicados os livros por Eusébio.

O que farás? Por aquele livro que publicaste sob nome de um mártir, foram feridas as consciências de muitas pessoas. A autoridade dos bispos, quanto ao que diz respeito à condenação de Orígenes, o qual consideram que um mártir o exaltou, não prevalece sobre eles. O que provocarão as epístolas do bispo Teófilo, o que provocarão as do papa Anastásio, que perseguem o herético no mundo todo, quando o livro, publicado sob o nome de Pânfilo, lutaria contra as epístolas deles e um testemunho de mártir se oporia ao título de bispo? O que fizeste nos livros do *Peri Archôn*, farás isto também neste volume *falsamente intitulado*.<sup>30</sup> Ouve o conselho de amigo: Não te arrependas de teu artifício. Ou dirás que o texto não é teu, ou que foi alterado pelo presbítero Eusébio. Como se poderá te convencer que tenha sido por ti traduzido? Porventura se apanha tua mão nisto? Acaso tens tanta eloquência que ninguém te possa imitar? Ou, por certo, se o fato se tornar confirmado, e os testemunhos de muitos oprimirem o atrevimento de tua frente, canta uma *palinódia*<sup>31</sup> à moda de Estesícoro.<sup>32</sup> É melhor que te arrependas de teu ato do que o mártir persistir na calúnia e os iludidos persistirem no erro. Não te envergonhes de mudar de ideia: tu não tens tanto crédito e reputação que seja que te envergonhes de enganar-te. Imita-me a mim que tanto amas, e sem quem não poderias viver nem morrer,<sup>33</sup> e proclama comigo o que eu disse em minha defesa, quando por ti fui louvado.

**11.** Eusébio, bispo de Cesareia, de quem fiz menção acima, no sexto livro da *Apologia de Orígenes*,<sup>34</sup> acusa o bispo e mártir Metódio da mesma coisa de que tu me culpas ao fazer elogios a mim e afirma: “Como Metódio ousou escrever agora contra Orígenes, depois de ter falado tais e tais coisas das opiniões de Orígenes?” Não é este o lugar para se falar a favor do mártir; nem se deve discorrer sobre tudo em todos os lugares. Que baste presentemente ter percebido que isso, por um ariano, tenha sido lançado na face de um mártir de uma reputação e de uma eloquência sem par, o que para mim sejam teus louvores como amigo e tuas acusações como ofendido.

A presente passagem te dá ocasião, se quiseses, de maquinar contra mim uma calúnia: por que me torno agora o detrator de Eusébio, que, anteriormente, em outra passagem, louvei? Outro nome, sem dúvida, de Eusébio, mas a mesma calúnia que fizeste com o nome de Orígenes. Louvei Eusébio quanto à sua *História Eclesiástica*, sua *Cronologia*, sua descrição da Terra Santa; e, traduzindo para o latim exatamente esses opúsculos, eu os pus ao alcance das pessoas que falam minha língua. E por acaso sou ariano, porque Eusébio, que compôs esses livros, é ariano?

Se tiveste a audácia de declarar-me herege, lembra-te do curto prefácio do *Peri Archôn*, no qual tu testemunhas que eu sou partidário da tua fé. E, ao mesmo tempo, eu suplico que ouças pacientemente a reclamação de teu amigo dos velhos tempos.

Tu combates contra outros. Ou és o autor ou a vítima da calúnia. Aqueles a quem acusas e aqueles que te acusam são de tua classe. Se convenientemente ou não, cabe a vós julgar. A mim me desagrade uma acusação, ainda que justificada, contra um irmão e eu não censuro os outros, mas digo aquilo que eu mesmo não faria. Eu que estava separado de ti por tão vastos territórios, qual foi minha falta em relação a ti? Em que me tornei culpado? Será porque respondi que não era origenista? Por acaso defender-me é acusar-te? E tu, se não és ou não foste origenista, creio em ti, que juras; se foste origenista, eu te aceito, arrependendo-se.

Por que te afliges se eu sou aquilo que tu dizes que és? Será porque ousei traduzir depois de ti os livros do *Peri Archôn* de Orígenes e a minha tradução é considerada um ultraje à tua obra? O que eu podia fazer? Enviaram-me teu elogio, isto é, a acusação feita a mim. Tu me tinhas louvado com tamanha força e abundância que, se eu me tivesse comprazido em teus elogios, todos ter-me-iam considerado herege. Veja o que contém a conclusão da epístola a mim enviada de Roma: “Elimina as suspeitas dos homens, e convence o acusador, de modo que não pareças estar de acordo com ele, caso

tenhas fingido indiferença”.<sup>35</sup> Escuta o que escrevi constrangido por tal ultimato, no momento em que eu ia traduzir os mesmos livros: “Uns amigos meus apresentaram-me isto – não disse amigo para não parecer que te acuso –, de modo que, se me silencio, sou considerado réu, se respondo, inimigo. Uma e outra situação são duras, mas das duas escolherei a que for mais fácil. Pode-se reparar uma malquerença, a blasfêmia não merece perdão”.<sup>36</sup> Tu consideras que este fardo foi-me imposto contra minha vontade e com resistência da minha parte e que a malquerença que haveria de resultar de uma obra desta qualidade foi remediada sob pretexto da necessidade.

Se tu tivesses traduzido os livros do *Peri Archôn*, sem considerar meu nome, com razão te queixarias de eu os haver traduzido em seguida para te criticar. Agora, porém, sem razão tu lamentas que eu tenha dado uma resposta naquela obra, na qual tu me acusaste, sob forma de elogios. Aquilo que tu, pois, chamas de elogio, todos entendem como acusação. Tem como certo que fizeste uma acusação, e não te indignarás com o fato de eu haver respondido. Admitamos que tu tenhas escrito com boa intenção e sem querer mal e como amigo muito leal, de cuja boca nunca saiu uma mentira,<sup>37</sup> tu me tenhas ferido, sem que soubesses. E quanto a mim, que fui golpeado? Por essa razão, por acaso, não devo receber cuidados, porque tu me feriste em uma boa intenção? Estirado estou, trespassado, grita em meu peito<sup>38</sup> uma ferida, meus membros a princípio brancos se sujam de sangue; e tu me dirias: “Não ponhas a mão na ferida, para não parecer que eu te feri!”. Entretanto, a própria tradução também acusa mais a Orígenes que a ti. Tu, porém, corrigiste o que julgaste que fora acrescentado pelos hereges; eu revelei aquilo que a Grécia inteira proclama que ele escreveu. Quem julgou mais corretamente, não cabe a mim nem a ti julgar. Os escritos de cada um de nós sentirão a varinha de censor do leitor.

Toda esta carta, pela qual me faço justiça, é dirigida contra os hereges e meus acusadores. Que te importa que, ao mesmo tempo que dizes ser ortodoxo, fazes elogios a mim, se sou mais severo para os hereges e exponho ao público seus artifícios? Regozija-te com minha invectiva para que não passes por herege, caso te tenhas queixado. Quando se escreve contra os vícios sem citar nomes, aquele que se irrita acusa a si próprio. Mesmo se sofrias, seria próprio de um homem prudente dissimular teu estado de espírito e dissipar pela serenidade de tua frente as obscuridades de teu coração.

**12.** Aliás, o que quer que seja que é dito contra Orígenes e seus adeptos, tu julgas que é dito contra ti. Portanto, as epístolas do papa Teófilo e Epifânio e dos outros bispos, que ultimamente traduzi sob ordem dos mesmos, também te atacam, te dilaceram? Os rescritos dos imperadores igualmente, que ordenam que os origenistas sejam expulsos de Alexandria e do Egito, foram compostos sob meu aconselhamento? Terá sido meu conselho que fez com que o pontífice da cidade de Roma com ódio tremendo os deteste? Se o mundo inteiro se inflamou, depois de tua tradução, em ódio a Orígenes, o qual anteriormente em boa-fé o mundo lia e relia, isto foi obra de minha pena? Se tão grande é meu poder, admiro-me que tu não me temas! Eu sou aquele indivíduo moderado na carta pública, que cuidei escrupulosamente que tu não achasses que o que se dizia era contra ti, escrevi a ti uma breve epístola, queixando-me contra teus elogios,<sup>39</sup> a qual, visto que não estavas em Roma, os meus amigos não quiseram enviar-te, porque te diziam que tu, com teus camaradas, fazias publicamente comentários indignos do título de cristão sobre minhas relações. A este volume eu ajuntei um exemplo disso para que saibas o tamanho da minha dor e por quanta moderação de nossa amizade eu acalmei.

**13.** Além disso, ouço dizer que tu arrancas certas passagens da minha carta, ó filósofo, e que, sendo homem de testa enrugada, e de sobrancelha franzida, tu zombas de mim com chiste, ao estilo de Plauto, sob pretexto de que eu teria dito que o judeu Barrabás era meu mestre. E não é de se admirar se, em vez de Baranina, onde há alguma semelhança de palavras, tu tenhas escrito Barrabás, visto que



tanta permissão tens de mudar os nomes, que de Eusébio tu fazes Pânfilo e de um herege tu fazes um mártir. Tu és pessoa com quem se deve lidar com precaução e devo esquivar-me de teus golpes, para que não aconteça de repente que, sem sabê-lo, tu chames de Sardanapalo<sup>40</sup> a Jerônimo. Ouve, pois, pilar de sabedoria e modelo de severidade catoniana: eu não disse que ele era um mestre, mas eu quis assegurar meu zelo pela Sagrada Escritura, de modo a mostrar que li Orígenes do mesmo modo que tinha escutado aquele judeu. Não me foi necessário dirigir-me a ti, porém, para aprender as letras hebraicas. Ou é uma injustiça feita a ti eu ter sido discípulo de Apolinário e Dídimo, em vez de ter sido teu discípulo? Acaso não teria podido citar, naquela carta, Gregório, homem de grande eloquência, que não tem, entre os latinos, quem se iguale a ele e de quem, quanto a mim, me orgulho e me rejubilo de haver tido por mestre. Mas só mencionei aqueles que sofreram a crítica, para atestar que li Orígenes não por causa da pureza da fé, mas pelo valor de sua instrução. O próprio Orígenes, Eusébio e Clemente,<sup>41</sup> e vários outros, ao tratar de algumas passagens das Escrituras, e querendo comprovar o que dizem, assim costumam escrever: “Um hebreu me relatava que...”, e “Ouvi de um hebreu”, e: “Tal é a opinião dos hebreus”. Ao menos, Orígenes também cita o patriarca Hiúlo,<sup>42</sup> que foi seu contemporâneo; e o trigésimo tomo sobre Isaías, em cujo final expõe: “Ai de ti, cidade de Ariel, que Davi tomou de assalto”<sup>43</sup> conclui pelo comentário daquele judeu; e porque diz que, primeiramente, tinha outro pensamento, ele reconhece ter sido ensinado por aquele judeu aquilo que é mais verdadeiro. Igualmente, o Salmo 89, que se intitula Oração de Moisés, homem de Deus,<sup>44</sup> e os onze restantes que não têm títulos, segundo a elucidação de Hiúlo, ele os considera da autoria do próprio Moisés,<sup>45</sup> e se digna, interpretando a Escritura Hebraica, intercalar, entre cada uma das passagens, a visão dos hebreus.

**14.** Lidas recentemente as cartas do bispo Teófilo, nas quais ele expõe os erros de Orígenes, diz-se ter tapado suas orelhas e ter condenado, na companhia de todos, com voz nítida, o responsável de tão grande mal, e ter declarado até aquele momento que ele tinha ignorado que haja escrito coisas tão execráveis. Não me recuso a dizer, nem digo – o que um outro talvez diria – que ele não pôde ignorar, porque a traduziu, aquele cuja apologia escrita por um herege publicou sob o nome de um mártir, aquele por cuja defesa também proclamou em um volume pessoal; relativamente a isso, na sequência, se houver tempo de redigir, discuti-lo-ei. Falo daquilo que ele não pode contestar.

Se lhe é facultativo não ter compreendido o que ele traduziu, por que não me seria permitido ter ignorado os livros do *Peri Archon* que eu não havia lido anteriormente e ter lido apenas as homilias que eu traduzi, nas quais não há nada de mau, como ele próprio testemunha? Porém, se, indo contra sua própria sentença, ele me denuncia agora naqueles pontos nos quais me havia elogiado anteriormente, ele vai se ver apertado de todos os lados. Na verdade, ou, se por esta razão louvou em mim primeiramente um homem herético, é que ele tinha a mesma opinião que eu, ou, em vão, agora o inimigo acusa aquele de quem antes proclamou a ortodoxia. Mas, talvez, então, em nome da amizade, ele ocultou meus erros e, agora, irado, expõe o que, primeiramente, havia dissimulado.

**15.** Ainda que a inconstância não mereça crédito, e que as inimizades declaradas sejam suspeitas de mentira, passarei, entretanto, audaciosamente às vias de fato, querendo saber o que escrevi de herético. A tal ponto que, ou com ele peça perdão e jure que eu ignorava as más teorias de Orígenes e que agora acabo de tomar conhecimento de suas impiedades por nosso bispo Teófilo, ou, em todo caso, demonstrarei que tinha bom senso, pelo menos, mas que ele, de acordo com seu hábito, não compreende. E não pode acontecer que, nos mesmos livros sobre a Epístola aos Efésios que, como me dizem, ele incrimina, o que eu disse tenha sido ao mesmo tempo bom e mau e que, da mesma fonte,

proceda o doce e o amargo,<sup>46</sup> de modo que eu, em toda a obra, tenha condenado aqueles que creem que as almas são formadas a partir dos anjos, de repente esquecido de mim mesmo, defendesse aquilo que antes condenei. Ele não pode acusar-me de estupidez, a mim que ele cultua em seus opúsculos como extremamente habilidoso e eloquente. Aliás, deve-se atribuir a estúpida verbosidade preferencialmente a um rábula e a um tagarela do que a um homem eloquente.

### Segunda parte: A arte do comentador

Ignoro o que ele acusa ao certo nos livros em questão. A fama de seus agravos chegou até mim, mas seus escritos não chegaram. E é estupidez, segundo o que diz o Apóstolo, “dar socos no ar”.<sup>47</sup> Entretanto, responderei generalizadamente, até que chegue a dados precisos, e, velho, instruirei meu rival<sup>48</sup> sobre aquilo que aprendi quando criança, que muitos são os gêneros literários e que, segundo a natureza do assunto, variam não somente as sentenças, mas também a forma das construções.

16. Crisipo<sup>49</sup> e Antípatro<sup>50</sup> passam seu tempo em meio a espinhosas sutilezas. Demóstenes<sup>51</sup> e Ésquines<sup>52</sup> desencadeiam ataques fulminantes um contra o outro. Lísias<sup>53</sup> e Isócrates<sup>54</sup> têm um doce fluir. Admirável diversidade, se considerados separadamente, mas todos são perfeitos, cada um em sua ordem. Lê os livros de Cícero a Herênio, lê suas obras retóricas, ou, porque ele diz que estes trabalhos lhe caíram das mãos no estágio de esboço grosseiro,<sup>55</sup> percorre os três volumes do *De oratore*, nos quais ele introduz uma discussão entre os oradores mais eloquentes daquele tempo, Crasso<sup>56</sup> e Antônio;<sup>57</sup> e seu quarto tratado, o *Orator*, que, já em sua velhice, escreve para Brutus.<sup>58</sup> Então entenderás que há um modo de compor a história, um outro para os discursos, um outro para os diálogos, um outro para as cartas, um outro para os comentários.

Quanto a mim, em meus comentários sobre a Epístola aos Efésios, segui Orígenes, Dídimo e Apolinário, que certamente têm entre si teses contraditórias, sem abandonar a pureza da minha fé. Qual é o papel dos comentários? Eles desenvolvem o que foi dito por um outro. Os textos que comportam obscuridades, eles os explicitam em uma linguagem clara. Eles reproduzem pontos de vista múltiplos e dizem: alguns desenvolveram esta passagem assim, outros assim a interpretam, alguns se esforçam por apoiar seu sentimento e seu modo de ver sobre tais citações e tal argumentação, de modo que o leitor avisado, depois de ter lido as diversas explicações e ter aprendido quais são as múltiplas opiniões suscetíveis de ser aprovadas ou rejeitadas, poderá julgar o que é mais exato e, como bom cambista, recusar o dinheiro de cunho falsificado.

Vai-se por acaso manter sob acusação de interpretação flutuante e apreciações contraditórias aquele que terá exposto, nas extensões de uma só obra, as explicações de vários comentadores? Penso que tu leste em tua infância os comentários de Aspro sobre Virgílio e Salústio,<sup>59</sup> de Vulcácio sobre os discursos de Cícero, de Victorino sobre seus diálogos, sobre as comédias de Terêncio<sup>60</sup> os de Donato, meu professor, assim como sobre Virgílio e outros sobre outros autores, a saber Plauto,<sup>61</sup> Lucrécio,<sup>62</sup> Horácio, Pérsio<sup>63</sup> e Lucano.<sup>64</sup> Denuncia seus comentadores por não ter adotado uma linha de interpretação única e por recapitular, sobre o mesmo assunto, seu próprio ponto de vista e os de outros autores.

17. Eu deixo de lado os gregos que tu te gabas de conhecer – e a frequência das obras estrangeiras quase te fez esquecer tua própria língua! – para não parecer, segundo o velho provérbio, que um porco instrua Minerva,<sup>65</sup> e levar madeira à floresta.<sup>66</sup>

O que me espanta é que tu, o Aristarco<sup>67</sup> de nosso tempo, tenhas ignorado estes infantilismos, ainda que tu tenhas podido desprezar os preceitos dos gramáticos e dos oradores, absorvido como estás pelas



questões de fundo e inclinado a arquitetar contra mim a calúnia, cuidando pouco de resolver os *hipérbatos*<sup>68</sup> depois das circunlocuções, de evitar a aspereza das cacofonias, de fugir aos hiatos. É ridículo mostrar algumas feridas de um corpo todo quebrado e fraco. Eu não ressalto tal ponto para criticar; que ele próprio escolha o defeito de que carece. Pelo menos ele não deveria conhecer este adágio socrático: “Sei que nada sei”?<sup>69</sup>

“Tem medo de conduzir um navio aquele que não entende de navios. Só ousa administrar o abrotano ao doente aquele que aprendeu a fazê-lo. Os médicos se comprometem com aquilo que lhes é próprio. Os operários se ocupam de sua obra. Mas ignorantes e sábios, indistintamente, nós escrevemos poemas!”<sup>70</sup>

A menos que, por acaso, ele jure que não aprendeu as letras! Nós acreditaremos nele muito facilmente, ainda que não jure, ou se refugie na declaração do Apóstolo: “Apesar de ser inábil em matéria de discurso, mas não o sou em ciência”.<sup>71</sup> Paulo, instruído nas letras hebraicas e aos pés de Gamaliel,<sup>72</sup> que ele não se envergonha de chamar seu mestre, já revestido da dignidade apostólica, desprezava sua facilidade de falar o grego, ou, em sua humildade, dissimulava o que sabia, para que sua pregação não repousasse na persuasão da palavra, mas sobre a força dos signos,<sup>73</sup> desdenhando os recursos alheios, pois era rico de recursos próprios. Aliás, a um incompetente como tu, precipitando-se a cada frase, nunca Festo diria do alto de seu tribunal: “Tu deliras, Paulo, tu deliras! Tua vasta cultura te torna louco”.<sup>74</sup>

Tu que, nas letras latinas, murmuras e te moves a passo de tartaruga<sup>75</sup> mais do que avanças, ou deves escrever em grego para que pareças saber as letras estrangeiras, junto aos homens que desconhecem a língua grega, ou então, se queres exercitar-te nas letras latinas, ouvir primeiramente o professor de gramática, subtrair a mão à palmatória, e em meio aos garotos, *discípulo senil de Atená*,<sup>76</sup> aprender a arte de falar.

Ainda que se represente Crespo<sup>77</sup> ou Dario<sup>78</sup>, as letras não seguem a bolsa. As letras são companheiras do suor e sócias do esforço, dos jejuns, não da saciedade; da continência, não da luxúria. Demóstenes diz que gastou mais óleo que vinho, e que superou todos os artesãos em vigílias noturnas. O que ele fez para articular uma só letra – ele aprendeu o *rho* de um cão –, tu te queixas disto a mim, que, sendo homem, aprendi de um homem as letras hebraicas. Daí vem que alguns permanecem em um grosseiro bom senso enquanto não quiserem aprender o que ignoram e não ouvem a Horácio com sua admoestação: “Por que, por falsa vergonha, eu prefiro ignorar a aprender?”<sup>79</sup> A sabedoria que nós lemos sob o nome de Salomão diz também: “Em uma alma malévola, a sabedoria não entrará nem habitará em um corpo submetido aos pecados; porque o espírito santo da instrução fugirá à fraude e se distanciará dos pensamentos tolos”.<sup>80</sup> É bem outra coisa se, contentando-se de ser lido pelo vulgo, desdenham os ouvidos das pessoas instruídas e desprezam aquela ordem pela qual se estigmatiza a incompetência atrevida: Não és tu, nas encruzilhadas, ignorante, que tinhas o hábito de arruinar um mísero poema com uma charamela estridente?<sup>81</sup> Como se não fosse uma tropa de cabeças encaracoladas que repetem cantando, nas escolas, as *fábulas milésias*;<sup>82</sup> e o *Testamento do Porco*,<sup>83</sup> que sacode os membros dos Bessos com um riso incontido, e nos banquetes dos histriões abundam frivolidades desta espécie. Cada dia, nas praças públicas, um falso adivinho bate nas nádegas dos imbecis e, virando rapidamente seu bastão, sacode os dentes daqueles que mordem nele. E nos admiramos que os livros dos incompetentes encontrem leitor?

**18.** Ele fica indignado que eu tenha escrito que os origenistas se ligam pelo culto que eles rendem a mentiras. Eu citei o livro em que eu li isto escrito, isto é, o sexto livro dos *Stromates*<sup>84</sup> de Orígenes, no

qual, combinando nosso dogma com o pensamento de Platão, assim se exprime:

Platão, no terceiro livro da *República*:

É preciso ter também um grande apego à verdade. Se, com efeito, como dizíamos há pouco com muita propriedade, a mentira não é conveniente para Deus e lhe é inútil, e aos homens é útil, para que dela façam uso como tempero e remédio, não há dúvida para ninguém de que se deva dar aos médicos e retirar a pessoas imprudentes uma autorização deste gênero.

Tua posição é justa.

Se, pois, há aqueles a quem concedemos esta faculdade, é, sobretudo, aos governadores das cidades, convém mentir algumas vezes, seja para lutar contra o inimigo, seja no interesse de sua pátria e de seus concidadãos. Mas dos outros, que não sabem servir-se da mentira, é preciso descartar toda mentira.<sup>85</sup>

Orígenes:

E nós, por conseguinte, lembrando-nos deste preceito: “Dizei a verdade cada um a seu próximo”,<sup>86</sup> não devemos dizer: “Quem é meu próximo?”,<sup>87</sup> mas considerar com que prudência o filósofo disse a mentira não era conveniente a Deus e lhe era inútil, sendo algumas vezes “útil aos homens”, e que não se deve crer que Deus minta às vezes, nem mesmo para realizar seus desígnios. Se, entretanto, o interesse de quem ouve o exige, Deus fala por palavras ambíguas e revela o que quer através de enigmas, para que seja salvaguardada junto de si a dignidade da verdade e que tenha avançado sob a cobertura de certo véu o que poderia ser nefasto, se isto fosse divulgado publicamente com total nudez. O homem, porém, a quem se aplica a necessidade de mentir deve estar atento para servir-se na ocasião da mentira por modo de condimento e remédio e guardar-lhe a medida. Que ele não ultrapasse os limites dos quais fez uso Judite contra Holofernes<sup>88</sup> e o venceu pelo sábio disfarce das palavras. Que ele imite Ester, que reformou o parecer de Artaxerxes<sup>89</sup> guardando silêncio por muito tempo sobre a verdade de sua nação; e sobretudo o patriarca Jacó, de quem nós lemos que ele obteve as bênçãos de seu pai por uma habilidosa mentira.<sup>90</sup> Disto torna-se evidente que, a menos que tenhamos mentido para conseguir algum grande bem para nós, nós deveríamos ser julgados como inimigos daquele que disse: “Eu sou a verdade”.<sup>91</sup>

Eis o que Orígenes escreveu, não podemos negá-lo, e ele o escreveu nos livros que ele enviava a cristãos amadurecidos e a discípulos; ele ensina aos mestres que se deve mentir, mas que os discípulos não devem mentir. Quem, pois, sabe mentir bem e inventa sem nenhuma vergonha tudo o que lhe vem à boca contra seus irmãos, demonstra ser um excelente mestre.

**19.** Dizem que ele me dilacera igualmente neste ponto: em minha tradução do segundo salmo, onde lemos em latim: *Apprehendite disciplinam*<sup>92</sup> e onde está escrito *nescu bar* no rolo hebraico, eu diria: “Adorai o filho” nos comentários. Mas, refazendo todo o saltério em uma versão com tonalidade romana, eu teria posto, como se tivesse esquecido a antiga interpretação: “Adorai de modo irrepreensível”. Haveria aí, em todo caso, uma contradição evidente para todo mundo. A bem da verdade, é necessário perdoar-lhe se ele ignora a verdade da língua hebraica, quando hesita às vezes, mesmo nas palavras latinas. *Nescu*, traduzindo palavra por palavra, quer dizer *kataphilesate*, isto é, “beijai”; não querendo traduzir com afetação, eu segui o sentido preferencialmente de modo a traduzir por: “adorai”. É que, efetivamente, aqueles que adoram costumam beijar a mão e curvar a cabeça, coisa que o bem-aventurado Jó diz ter-se recusado a fazer em relação a elementos e ídolos, dizendo: “Se, vendo o sol em seu esplendor e a lua em sua marcha brilhante, seduziram-me o coração secretamente e com minha boca beijei minha mão, o que é uma falta suprema e uma renegação contra o altíssimo Deus”,<sup>93</sup> e como os hebreus, conforme a propriedade da língua, substituem “veneração” por “beijo”, adotei o sentido que eles mesmos atribuem a esta palavra que lhes pertence. Quanto a *bar*, esta palavra tem diversas significações entre eles. Quer dizer ao mesmo tempo “filho”, como, por exemplo: “Bariona”, filho de pomba; “Bartolomeu”, filho de “Tolomeu”, e “Bartimeu”, “Bariesu”, “Barabbas”... E também “trigo” e “feixinho de espigas”, “excelente” e “irrepreensível”. Onde está minha falta, se eu dei traduções divergentes de uma palavra ambígua e que depois de haver dito nos comentários onde se tem a liberdade de explicar-se: “Adorai o filho”, eu tenha dito no corpo do texto

para não parecer propor uma tradução forçada e dar lugar à calúnia judaica: “Adorai de maneira irrepreensível” ou “excelente”, tradução que é também a de Áquila<sup>94</sup> e Símaco.<sup>95</sup> Em que isto prejudica a fé da Igreja, se se instrui o leitor dos diversos modos pelos quais um só versículo é explicado entre os hebreus?

**20.** A teu Orígenes é permitido tratar de *metempsicose*,<sup>96</sup> de pôr em cena mundos inumeráveis, revestir as criaturas racionais de corpos sempre diferentes, dizer que Cristo amiúde sofreu e haverá de sofrer com maior frequência ainda, para que seja permanente o benefício que nos valeu uma vez a condição que ele assumiu. Tu assumes para ti uma autoridade tal que tu fazes, por mentiras, de um herege um mártir e dos livros de Orígenes alterações atribuídas aos hereges. Mas a mim, não me será permitido discutir sobre palavras e ensinar aos latinos, em obra de comentários, o que eu aprendi dos hebreus? Se isto não fosse estender-se demais e não cheirasse a vanglória, já te mostraria agora a utilidade que há em gastar o limiar de seus mestres e em aprender a gramática daqueles que são especialistas; e tu verias quão grande é o emaranhado entre os hebreus de nomes e palavras ambíguas! É o que forneceu matéria à diversidade das traduções, enquanto cada um, entre sentidos incertos, traduz aquilo que lhe parece mais coerente. Mas por que te remeto às obras estrangeiras? Percorre Aristóteles e as discussões de Alexandre<sup>97</sup> sobre os volumes de Aristóteles: a leitura deles te fará conhecer qual seja tamanha quantidade de passagens ambíguas, a ponto de cessares de criticar teu amigo sobre aquilo que tu nem sequer uma vez aprendeste por sonho.

**21.** Mas porque meu irmão Pauliniano falou-me de certas críticas feitas por aquele outro acerca dos meus comentários sobre a Epístola aos Efésios, ele confiou algumas delas à sua memória e confiou poucas delas à memória daqueles, indicou-me as passagens precisas, eu não devo esquivar-me; e peço ao leitor que perdoe a necessidade que me toca, se eu me estendo um pouquinho mais longamente para expor estes agravos e deles lavar-me. Na verdade, não acuso outra pessoa destes agravos, mas me esforço por me defender deles e refutar a imputação caluniosa de heresia. Sobre a Epístola de Paulo aos Efésios, Orígenes escreveu três volumes. Dídimos também e Apolinário compuseram pessoalmente obras. Para mim, eu os traduzi ou imitei e acrescentarei o que escrevi no prólogo da mesma obra: “Eu dou também este aviso em meu prefácio: que saibais que Orígenes redigiu três volumes sobre esta epístola e que nós também o seguimos em parte. Há ainda certos breves comentários publicados por Apolinário e por Dídimos: e fizemos empréstimos, ainda que poucos. E fizemos alguns acréscimos ou alguns cortes, como nos pareceu bom. Assim o leitor aplicado reconhecerá imediatamente desde o início que esses comentários são tanto a obra de outrem como a nossa”.<sup>98</sup> Portanto, o que quer que seja de vicioso que se terá podido demonstrar na explanação desta epístola, se eu não posso fornecer as referências às obras gregas que indiquei como fontes da minha tradução, eu me reconhecerei culpado, e será meu o que não for de outro. Entretanto, para não parecer ainda sofisticar e pelo viés de um pretexto não ousar chegar às vias de fato, citarei os próprios textos que a acusação invoca.

**22.** Desde o primeiro volume, nossa interpretação do texto de Paulo, em que declara: “Como ele nos elegeu nele antes da formação do mundo, para que sejamos santos e imaculados em sua presença...”,<sup>99</sup> não ia dizer em Orígenes que se tratava da eleição daqueles que teriam uma existência anterior, mas a relacionaríamos à presciência de Deus. Com efeito, nós dissemos: “A afirmação de Paulo, declarando que nós fomos eleitos para sermos santos e imaculados em sua presença, isto é, em presença de Deus, antes da criação do mundo, concerne à presciência de Deus, para quem tudo o que há de ser feito já foi feito, e conhece todas as coisas antes que elas aconteçam. Da mesma forma que o próprio Paulo<sup>100</sup> é predestinado nas entranhas de sua mãe, e Jeremias<sup>101</sup> encontra-se santificado no seio de sua mãe,

eleito, fortificado, enviado, figura do Cristo, como profeta às nações.”<sup>102</sup> Esta exposição não contém seguramente nada de repreensível e, porque Orígenes dizia o contrário, nós adotamos o sentimento da Igreja. Mas como é papel de um comentador expor múltiplos pontos de vista e que tinha prometido fazê-lo em meu prefácio, eu expus também a explicação de Orígenes, sem nenhuma malquerença a seu nome: “Um outro, disse eu, que tenta mostrar que Deus é justo, pelo fato de que ele elege cada um, não por um julgamento prévio de seu conhecimento, mas pelo mérito dos eleitos, diz que, antes das criaturas visíveis, o céu, a terra, os mares e tudo o que eles contêm, existiram outras criaturas, invisíveis, entre outras, almas que, por certas razões somente por Deus conhecidas, foram precipitadas aqui embaixo, neste vale de lágrimas,<sup>103</sup> no lugar de nossa aflição e peregrinação.”<sup>104</sup> Um santo que se achava aí fixado pedia nestes termos que voltasse à sua morada primitiva: Ai de mim, meu exílio prolongou-se. Eu morei com aqueles que moram em Cedar. Minha alma teve longa estada em terra estrangeira”.<sup>105</sup> E em outro lugar: “Infeliz homem que eu sou! Quem me libertará do corpo desta morte?”<sup>106</sup> E: “Vale mais voltar e estar com Cristo”;<sup>107</sup> e em outra parte: “Antes de ser humilhado, eu pequei”.<sup>108</sup> E outras passagens semelhantes a estas que seria demorado citar.<sup>109</sup>

Observa o que eu disse: “Um outro, todavia, que tenta mostrar que Deus é justo...” Eu digo que ele “tenta mostrar” e não “mostra”. Se, entretanto, isso te escandaliza, que eu tenha resumido em algumas palavras uma extensíssima discussão de Orígenes e que eu tenha demonstrado seu sentimento ao leitor, e se tu vês em mim um adepto secreto deste autor, por não ter omitido nada do que ele disse, tem cuidado, para que não seja para refutar vossa calúnia que eu o fiz, para que vós não vades dizer que eu guardei silêncio sobre o que há de forte naquilo que ele disse e que argumenta com mais vigor em grego. Eu fiz uma exposição completa, ainda que mais breve, do que eu encontrei em grego, para que discípulos dele nada tenham de novo para lançar aos ouvidos dos latinos. Mais facilmente desprezamos, pois, ataques conhecidos do que os inusitados. Escuta bem minha conclusão sobre este capítulo, depois da exposição da interpretação deste: “Paulo não diz, pois: ‘Ele nos elegeu antes da formação do mundo, quando então éramos santos e imaculados’, mas ‘Ele nos elegeu para que sejamos santos e imaculados’. Isto é, nós que anteriormente não éramos santos e imaculados, para que o sejamos em seguida; o que se pode dizer também dos pecadores convertidos a uma vida melhor. Então aquela sentença subsistirá: ‘Nenhum vivente será justificado a teus olhos’,<sup>110</sup> a saber: ao longo de toda a sua vida, passado todo tempo neste mundo. Assim compreendido, em todo caso, esta passagem vai de encontro àquele que diz que, antes da existência do mundo, houve almas eleitas por sua santidade e ausência de toda corrupção devida aos pecados. Com efeito, dissemos anteriormente, Paulo e os que lhe são semelhantes não são eleitos e predestinados porque eram santos e imaculados, mas são eleitos e predestinados para que suas obras e virtudes os tornem santos e imaculados na vida que se seguirá”.<sup>111</sup> E alguém ousa acusar-nos de heresia de Orígenes, após tal opinião? Há quase dezoito anos que eu ditei esses livros, naquele tempo em que o nome de Orígenes florescia no mundo, em que o *Perì Archôn*, sua obra, os ouvidos latinos ignoravam. Entretanto, eu declarei explicitamente minha fé e indiquei o que me desagradava. Por conseguinte, mesmo se meu inimigo tinha podido designar em todo o resto de minha obra algo de herético, eu estaria convencido, não tanto por ter sustentado teses viciosas, que tantas vezes condenei, aqui como em outros livros, mas por ter deixado escapar um erro.

**23.** A segunda passagem, da qual meu irmão me deu a conhecer as críticas do adversário, exporei brevemente, porque se trata de uma verdadeira futilidade e ele mostra francamente a calúnia relacionada à passagem. É naquele testemunho em que Paulo fala: “Fazendo-o assentar-se à sua direita nos céus, acima de todo principado, potestade, virtude e dominação e acima de todo nome que é

pronunciado, não só neste século, mas também no que há de vir”.<sup>112</sup> Depois de explicações variadas, quando cheguei aos papéis dos ministros de Deus, tinha falado dos principados e potestades, das virtudes e dominações, acrescentei mais isto: “É necessário que tenham subordinados e também seres que os temam e que os sirvam e aqueles que sejam fortificados por sua força. Essa distribuição dos papéis existirá tanto atualmente quanto no século vindouro. Assim, pelos progressos e honras, ascensões e descensos, ou então alguém se elevaria ou se decresceria, e se faria submeter a tal e tal potestade, virtude, principado e dominação”.<sup>113</sup> E depois de ter evocado o exemplo de um rei da terra e toda a organização de uma corte, por meio da qual eu dei a conhecer os diversos papéis dos servidores de Deus, acrescentei: “E nós pensamos que Deus, senhor dos senhores e rei dos reis, se contenta apenas com um tipo de servidores?”<sup>114</sup> Da mesma forma que “arcanjo” não significa outra coisa senão “aquele que tem a primazia sobre os anjos”, assim o título de “principado”, “potestade” e “dominação” não recebem esse nome senão na condição de ter outros graus que lhe sejam subordinados ou inferiores. Porém, se, por esta razão, ele acredita que eu me guio por Orígenes, por ter colocado em minha exposição progressos, honras, ascensões e descensos, crescimentos e enfraquecimentos, que ele saiba que há uma grande diferença entre a afirmação de que demônios e homens provêm dos anjos, serafins e querubins – o que afirma Orígenes –, e a afirmação que, entre os próprios anjos, foram distribuídas funções de diversos tipos, o que a Igreja não deixa de admitir. Do mesmo modo que, entre os homens, a classificação das dignidades é relativa à diversidade das tarefas e que o bispo, o presbítero e todo grau da hierarquia da Igreja ocupam seus postos respectivos, tratando-se, porém, de homens, da mesma forma, entre os anjos, as tarefas são diversas e, entretanto, todos conservam sua dignidade de anjos, nem podem os homens restabelecer novamente a condição de anjos.

**24.** Há uma terceira passagem, objeto de críticas, quando o apóstolo diz: “Para manifestar nos séculos vindouros as riquezas transbordantes de sua graça, na bondade, para conosco no Cristo Jesus”.<sup>115</sup> Nós propusemos um tríplice comentário: a princípio nosso ponto de vista; em segundo lugar, a objeção levantada por Orígenes; em terceiro lugar, a explicação fornecida singelamente por Apolinário. Se não indiquei os nomes destes, perdoa a minha descrição: eu não devia censurar aqueles que eu imitava por um lado e dos quais eu traduzia para o latim as ideias. “Mas, disse eu, aquele que é um leitor circunspecto imediatamente se informará e dirá”;<sup>116</sup> e novamente, no fim: “Um outro todavia relatará o que Paulo diz: ‘Para manifestar nos séculos vindouros as riquezas transbordantes da sua graça’, ele traduzirá para aquele entendimento”.<sup>117</sup> Eis, tu dirás, sob a máscara de um leitor circunspecto, tu desenvolveste as ideias de Orígenes! Confesso meu erro: não deveria ter dito “circunspecto”, mas “blasfemador”. Se eu o tivesse feito e soubesse por algum presságio que tu estarias à cata de semelhantes frivolidades, eu teria evitado também tuas palavras caluniosas. Grande motivo de acusação ter dito que Orígenes era um leitor “circunspecto”, de quem eu traduzi 70 livros, que eu, por meus elogios, elevei às nuvens e em favor de quem fui forçado, há dois anos, a responder em um breve libelo aos elogios que tu dirigias contra mim! Tu me acusas de haver dito que Orígenes era o “mestre das Igrejas”<sup>118</sup> e imaginas que eu deva ter grande medo se, como meu inimigo, tu me acusas de ter falado de um “leitor circunspecto”? Nós temos o hábito de qualificar de “circunspectos” também os homens de negócio mais econômicos, os escravos honestos, os preceptores enfadonhos, os ladrões mais astuciosos. E, no Evangelho, diz-se que o caseiro desonesto fez com cuidado alguns de seus atos.<sup>119</sup> “Os filhos deste mundo são mais avisados entre seus contemporâneos que os filhos da luz”;<sup>120</sup> e: “A serpente era o mais inteligente de todos os animais que Deus criou sobre a terra”.<sup>121</sup>



**25.** A quarta passagem criticada ocupa o começo do segundo livro, onde expusemos este texto de Paulo: “‘É porque eu, Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo para vós, pagãos...’<sup>122</sup> E como a passagem em questão está muito clara por si mesma, eu apenas citarei aquela parte do comentário que patenteia a calúnia: ‘Que Paulo seja prisioneiro de Jesus Cristo para os pagãos, isto se pode compreender também de seu martírio, porque é de Roma, onde tinha sido posto em grilhões, que ele enviou esta epístola, no tempo em que – nós o mostramos em outra passagem – foram escritas as epístolas a Filemon, aos Colossenses e aos Filipenses. Ou em todo caso, porque se leu em várias passagens que este corpo chama-se ‘liame da alma’, pelo qual a alma é mantida como que encerrada em uma prisão, nós dizemos por esta razão que, se Paulo está encerrado pelos liames do corpo, que ele não retorna para estar com Cristo,<sup>123</sup> é para que a pregação dirigida aos pagãos encontre por meio dele sua plena realização.<sup>124</sup> Ainda que alguns introduzam um outro sentido nesta passagem: Paulo, ‘predestinado e santificado desde o seio de sua mãe para a pregação aos pagãos’<sup>125</sup> antes de seu nascimento, ele teria recebido em seguida os liames da carne”<sup>126</sup>. E eu propus para esta passagem, como acima, um triplo comentário, apresentando em primeiro lugar meu ponto de vista, em segundo lugar as afirmações de Orígenes, em terceiro lugar o pensamento de Apolinário que vai de encontro à teoria daquele. Lê os comentários gregos e, se não achares que a coisa assim se apresenta, confessar-me-ei culpado.

Que pecado eu cometi nesta passagem? Aquele sem dúvida para o qual eu respondi acima: por que não ter nomeado aqueles por quem estas coisas foram ditas? Era supérfluo citar, cada vez que ocorressem textos do Apóstolo, os nomes daqueles cujas obras eu havia assinalado em meu prefácio que eu haveria de traduzir. E, entretanto, dizer-se que a alma está atrelada ao corpo, até que retorne ao Cristo e transforme pela incorruptibilidade e imortalidade este corpo corruptível e mortal na glória da ressurreição,<sup>127</sup> não é de absurdo entendimento. Donde também o apóstolo diz: “Coitado do homem que sou, quem me livrará deste corpo mortal?”<sup>128</sup> A expressão corpo mortal ressalta a submissão do corpo aos vícios, às doenças, às paixões e, enfim, à morte, até que ressuscite com o Cristo na glória e que o fogo ardente do Espírito Santo cozinhe o que antes era barro frágil, para se ter um vaso de uma grande resistência. É sobre a glória, não sobre a natureza, que se deve passar esta mudança.

**26.** A quinta passagem, na qual expusemos este texto do Apóstolo, é incontestável. “É por ele que todo o corpo – coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria – efetua esse crescimento, visando sua plena edificação na caridade”.<sup>129</sup> Nós resumimos com breve discurso o abundantíssimo comentário de Orígenes que desenvolve as mesmas interpretações sob diversas formas, sem nada suprimir dos exemplos e das afirmações do autor; chegando ao fim, nós acrescentamos isto: “Portanto, quando da restauração universal, quando o verdadeiro médico, Cristo Jesus, tiver vindo para curar o corpo de toda a Igreja, atualmente disperso e dilacerado, cada um receberá seu lugar segundo a medida de sua fé e o reconhecimento do filho de Deus<sup>130</sup> – se se diz que ele o reconhece, é porque conheceu e cessou em seguida de conhecer – e começará a ser o que havia sido. Entretanto, não que, segundo uma outra heresia, todos sejam estabelecidos em uma só idade, isto é, no sentido de que todos recuperem a condição angélica; mas então será realizada a perfeição de cada membro, em função de seu tamanho e de seu papel. Assim, por exemplo, o anjo apóstata começará a ser tal qual foi criado e o homem que tinha sido expulso do paraíso será restabelecido lá para cultivá-lo”<sup>131</sup> etc.

**27.** Admira-me que tu, homem de grande perspicácia, não tenhas entendido minha técnica de explicação. Quando, porém, digo: “Não é, porém, deste modo que, segundo uma outra heresia, todos recuperariam a condição angélica”, eu mostro que as teorias que discuto são heréticas, e que estão em

desacordo com uma outra heresia. Quais são, portanto, estas duas heresias? Uma é aquela que diz que todas as criaturas racionais recuperam a condição angélica; a outra, aquela que afirma que cada coisa será, no momento da restauração universal, tal qual foi criada. Por exemplo: porque os demônios provêm dos anjos, os demônios se tornam anjos novamente; e as almas dos homens, dependendo do estado no qual foram criadas, recuperam não a natureza angelical, mas a natureza na qual foram criadas por Deus, de modo que tanto os justos quanto os pecadores se tornam nivelados. Enfim, para que saibas que eu não desenvolvi o meu pensamento, mas comparei heresias entre si, que eu havia lido uma e outra no texto grego, eu terminei minha discussão com esta conclusão: Se estas teorias, como dissemos acima, são-nos um tanto mais obscuras, é porque são expressas *metaforicamente*<sup>132</sup> em grego. Ora, toda metáfora, se a transpomos palavra por palavra de uma língua a outra, os sentidos e os germes do discurso são sufocados como se estivessem sob certos tojos.<sup>133</sup> Se não descobres estas mesmas teorias no texto grego, o que quer que seja dito, atribui-o a mim.

**28.** Dizem que ele me faz uma sexta crítica e é também a última – se, todavia, meu irmão nada esqueceu nesse meio-tempo – porque interpretando aquela passagem do Apóstolo na qual diz: “Aquele que ama sua esposa ama a si mesmo. Ninguém, com efeito, nunca teve ódio à própria carne; mas a mantém e a acaricia como o Cristo o faz à Igreja”,<sup>134</sup> porque, depois de uma explicação literal, eu teria colocado o problema levantado por Orígenes, de cuja pessoa eu tomaria as afirmações sem o nomear: Podem nos fazer objeção de que não é verdadeira a ideia expressa pelo Apóstolo: “Ninguém nunca odiou sua própria carne, uma vez que aqueles que sofrem de icterícia, tísica, câncer e catarreia preferem a morte a viver e têm ódio dos próprios corpos?” Mas logo eu acrescentei o que eu próprio sentia: “Assim, pois, esta linguagem deveria ser preferencialmente apresentada à compreensão figurada”.<sup>135</sup> Quando eu digo “figurada”, eu ensino que aquilo que é dito não é real, mas representado sob a obscuridade da alegoria. Citemos, porém, as próprias palavras que figuram no terceiro livro de Orígenes: “Digamos que esta carne destinada a ver a salvação de Deus, a alma deve amá-la, mantê-la e protegê-la, instruindo-a pelos princípios, fartando-a com o pão celeste e banhando-a no sangue de Cristo, para que, reconfortada e resplandecente, ela possa seguir seu esposo com livre curso, e não ser acabrunhada por nenhuma fraqueza ou peso. Ainda mais, na semelhança do Cristo que nutre e afaga a Igreja e diz a Jerusalém: ‘Quantas vezes eu quis congregiar teus filhos, como a galinha reúne seus pintainhos sob suas asas, e não quiseste!’,<sup>136</sup> as almas também afagam os seus corpos, para que ‘este ser corruptível revista a incorruptibilidade’<sup>137</sup> e, sustentado pela leveza das asas, ele seja elevado com mais facilidade nos ares. Maridos, afaguemos, pois, nossas mulheres, como também as almas afagam nossos corpos, para que as mulheres sejam assimiladas a seus maridos e os corpos, às almas, e que não haja de modo algum nenhuma diferença de sexos; mas, como entre os anjos, não há homem ou mulher, assim nós também que haveremos de ser semelhantes aos anjos,<sup>138</sup> comecemos desde já a ser aquilo que nos foi prometido para nossa vida celestial”.<sup>139</sup>

**29.** Nós expressamos acima nestes termos a explicação literal que nos parecia estar neste texto: “No que diz respeito à compreensão literal, tendo sido recomendado o santo amor entre marido e mulher, agora é-nos ordenado que mantenhamos e afaguemos nossas esposas, seguramente para que lhes forneçamos os víveres, as vestes e o que é necessário”.<sup>140</sup> Tal é o nosso ponto de vista. Portanto, tudo que se segue, dizendo: “Podem nos objetar...”, nós mostramos que deve ser entendido não a partir da nossa responsabilidade, mas a partir de nossos contraditores. Ainda que haja uma resposta breve e perfeita, e que, assim como o dissemos acima, a resposta tenha sido, além disso, deformada pelas sombras da alegoria, a partir daquilo que é para o sentido daquilo que não era, eu vou abordar o



problema mais de perto e interrogar, nesta discussão, o que te desagrada. É seguramente porque eu disse que as almas afagavam seus corpos como os maridos afagavam suas mulheres, “para que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que, sustentado pela leveza das asas, ele seja elevado com mais facilidade nos ares”. Quando digo: “Que este ser corruptível revista a incorruptibilidade”, não modifico a natureza dos corpos, mas aumento sua glória. Assim também o que se segue: “sustentado pela leveza das asas, ele seja elevado com mais facilidade nos ares”, aquele que recebe asas, isto é, a imortalidade, para voar com mais leveza para o céu, não perde sua natureza anterior. Mas tu dizes que o que se segue me perturba: “Afaguemos, pois, tanto os maridos às suas esposas quanto as almas aos corpos, para que as mulheres sejam assimiladas a seus maridos e os corpos às almas, e para que também não haja mais nenhuma diferença de sexos; mas, como entre os anjos não há homem e mulher, assim entre nós, que haveremos de ser semelhantes aos anjos, comecemos desde já a ser o que nos foi prometido para nossa vida celestial”.<sup>141</sup> Com toda razão perturbar-se-iam se eu não tivesse acrescentado ao que precede: “Comecemos agora a ser o que nos foi prometido para a vida celestial”. Quando digo: “Comecemos a ser aqui na terra, eu não suprimo a natureza dos sexos, mas suprimo a sensualidade e a união carnal de marido e mulher, enquanto o Apóstolo diz: “O tempo é breve. Resta que aqueles que têm mulher devem se comportar como se não tivessem”.<sup>142</sup> E o senhor, a quem se perguntava, no Evangelho, de qual dos sete irmãos a mulher devia ser esposa na ressurreição,<sup>143</sup> respondeu: “Vocês estão errados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus. Na Ressurreição, com efeito, não se tomará marido nem mulher, mas serão como anjos de Deus no céu”.<sup>144</sup> E, na verdade, quando a castidade existe entre um homem e uma mulher, eles não começam a ser nem homem nem mulher, mas – ainda que retidos até o momento presente no corpo – eles se transformam em anjos, nos quais não há homem nem mulher. É o que diz igualmente o Apóstolo em mais uma outra passagem: “Todos vós que fostes batizados no Cristo, vós revestistes o Cristo. Não há judeu nem grego. Não há escravo nem homem livre. Não há homem nem mulher. Com efeito, sois todos vós um em Cristo Jesus”.<sup>145</sup>

### **Peroração; resposta a dois agravos: os excessos do polemista e o perjúrio do letrado**

**30.** Mas, visto que nosso discurso atravessou tranquilamente lugares pedregosos e ásperos,<sup>146</sup> e que nós desprezamos o agravo de heresia impingido com toda audácia da frente, passemos às outras partes de sua acusação pelas quais ele tenta nos morder. Dentre essas partes, a primeira é que eu, homem maledicente, detrator de todos, finco o dente em meus predecessores. Que ele cite um predecessor cujo nome eu terei repreendido em meus opúsculos, ou o qual terei esmagado por um elogio hipócrita junto à sua arte! Mas se eu falo contra invejosos e a ponta de meu estilo fere fatalmente a um Lúscio de Lanúvio<sup>147</sup> ou a um Asínio Polião,<sup>148</sup> da família dos Cornélios, se eu afasto de mim um indivíduo de espírito ouriçado e invejoso e dirijo todos os meus dardos para uma única estaca, por que ele redistribui os golpes que recebeu contra muitos, ele que, pela impaciência a responder, mostra que é aquele que é visado?

Ele me censura também de perjúrio combinado com um sacrilégio, porque no livro em que eu falo da formação de uma virgem de Cristo, eu teria prometido, diante do tribunal do juiz, durante meu sono, que nunca daria atenção à literatura profana<sup>149</sup> e não teria, todavia, lembrado algumas vezes da cultura que eu tinha reprovado. Sem dúvida, este é o Calpúrnio de Salústio<sup>150</sup> que nos tinha posto, por meio do orador Magno, um problema não muito difícil e ao qual nós demos explicações em um curto tratado.<sup>151</sup> Agora – porque está iminente – deve-se responder por um sacrilégio e um perjúrio devidos a um sonho.

Eu disse que não leria literatura profana: há compromisso para o futuro e não aniquilamento da memória do passado. Mas tu dirás: como podes guardar na memória aquilo que não relês por tanto tempo? Se, de novo, eu tirar alguma resposta dos meus velhos livros, eu direi também: “É tão importante acostumar-se desde sua tenra idade”;<sup>152</sup> enquanto eu o recuso, exponho-me a esta falta e, quando eu cito a meu favor um testemunho, sou acusado exatamente por aquilo pelo qual me defendo. Sem dúvida agora faz-se necessário compor em uma longa exposição aquilo que as consciências individuais experimentam. Quem de nós não se lembra da sua infância? Eu, em todo caso – isto para te fazer rir a ti, a austeridade em pessoa e para que imites enfim Crasso, “do qual Lucílio disse que riu uma só vez em sua vida”<sup>153</sup> – eu me lembro ter, quando criança, percorrido pelos quatinhos dos pequenos escravos, ter passado meu feriado brincando, e ter sido tirado do regaço da minha avó para tornar-me cativo da crueldade de um Orbílio!<sup>154</sup> E para que tu te espantes mais ainda, agora com a cabeça branca e a testa calva, eu apareço muitas vezes nos sonhos, com longos cabelos anelados e vestido com a toga, declamando diante do rétorico meu exercício de controvérsia. E quando eu estiver acordado, eu me parabenizo de estar liberado da prova de oratória. Crê em mim, a infância traz à mente muitas lembranças em estado puro. Se tu tivesses aprendido as letras, o vaso de teu pequeno talento exalaria o odor de que ele tivesse sido impregnado.<sup>155</sup> Nenhuma água pode descolorir as lãs tingidas de púrpura.<sup>156</sup> Mesmo os asnos e os animais brutos, ainda que em longo percurso, souberam reconhecer pela segunda vez as hospedarias. Tu te admiras que eu não tenha esquecido as letras latinas, ao passo que tu tenhas aprendido as letras gregas sem mestre? Os princípios dialéticos ensinaram-me sete tipos de conclusões; a significação de *axioma*,<sup>157</sup> que podemos traduzir por “enunciado”;<sup>158</sup> a impossibilidade de compor uma sentença na ausência de verbo e de nome; as gradações dos sorites, as sutilezas do *pseudomenos*,<sup>159</sup> as ciladas dos sofismas. Eu posso jurar que, depois de ter saído da escola, nunca li absolutamente estas coisas. Ser-me-á necessário, segundo os mitos dos poetas, beber das águas do Letes,<sup>160</sup> para que não me acusem de saber o que eu aprendi!

Eia, tu que me acusas de pouca ciência e que tens a imagem para ti mesmo de um pequeno letrado e de um rabino, responde: por que ousaste escrever alguma coisa e traduzir com o esplendor de semelhante enunciado o varão eloquentíssimo Gregório.<sup>161</sup> De onde vem tamanha riqueza vocabular, tais figuras de pensamento, tal variedade de metáforas, para um homem que apenas degustaste em tua mocidade, a duras penas, com os lábios inexperientes, a arte oratória? Ou estou enganado, ou tu costumavas ler Cícero às escondidas e assim és tão eloquente; e se tu lanças contra mim a acusação de lê-lo, é para ser o único entre os autores da Igreja a poder gabar-te do rio de eloquência. Entretanto, parece que tu te guias antes pelos filósofos, pelas sutilezas de Cleanto e pelas expressões intrincadas de Crisipo, não aplicando uma disciplina que desconheces, mas partindo da grandeza do teu talento. E como os estoicos reivindicam para si a lógica e tu desprezas os desvarios desta ciência, neste ponto tu és um epicurista, e tu buscas saber, não como dizer, mas o que dizer. Que te importa, com efeito, se um outro não entende o que queres dizer, porque não é a todos, mas aos teus que tu te diriges? Finalmente, eu também, relendo teus escritos, posto que às vezes eu não entenda o que tu falas e creia estar lendo Heráclito,<sup>162</sup> eu não me aflijo nem deploro minha lentidão: o que eu sofro lendo, tu sofres escrevendo.

**31.** Assim falaria se, em estado de vigília, eu tivesse feito alguma promessa. Agora, porém, – espécie inédita de descaramento – ele me censura meu sonho! Oxalá a afluência própria ao lugar e a reunião dos fiéis que vêm do mundo inteiro me permitissem ler as divinas Escrituras! Não tenho tanto tempo de dedicar-me a matérias profanas. Entretanto, aquele que me censura um sonho ouça as vozes dos

profetas dizendo que não se deve acreditar nos sonhos,<sup>163</sup> porque o adultério em um sonho não me conduz ao Tártaro, nem a coroa do martírio me eleva ao céu.<sup>164</sup> Quantas vezes eu me vi morto<sup>165</sup> e posto em um sepulcro! Quantas vezes eu me vi voar sobre as terras e atravessar mares e montanhas nadando nos ares!<sup>166</sup> Que ele me obrigue, pois, a não estar vivo ou a ter asas dos lados, porque meu espírito foi iludido por imagens quiméricas! Nos sonhos, quantos que são ricos, de repente abrem os olhos e são mendigos. Quantos que com sede bebem dos rios, mas, ao acordar, ardem com a goela seca.<sup>167</sup>

Tu me pedes conta do compromisso feito em sonho, mas eu, eu te citarei em juízo com mais severidade e rigor. Observaste tudo que prometeste no batismo? Cada um de nós cumpriu tudo que requer o nome de monge? Toma cuidado, eu te peço, que não seja a trave do teu olho que te faça ver a palha no meu!<sup>168</sup> Eu falo a contragosto, e é a dor que obriga às palavras a língua que rememora.

Aquilo que tu forjas a respeito de um homem desperto não te é bastante, a menos que tu incrimines também seus sonhos. Tens tanta curiosidade a respeito dos meus atos que examinas com atenção o que eu tenha feito ou dito durante meu sono. Deixo de lado o que, contra mim falando, enodoaste teu projeto de vida, o que fizeste em opróbrio de todos os cristãos, seja com palavras, seja por obra. Há apenas uma coisa que eu assinalo e, “reiterando mais e mais, eu darei meu aviso”:<sup>169</sup> é uma fera chifruda que atacas!<sup>170</sup> E se eu não prestasse atenção à palavra do Apóstolo: “Os maledicentes não possuirão o reino de Deus”<sup>171</sup> e “Mordendo-vos uns aos outros, vós vos destruístes uns aos outros”,<sup>172</sup> tu já sentirias que, a partir de uma mesquinha e enganadora concórdia, grande é a discórdia que surgiu no mundo! Que utilidade tem para ti acumular ultrajes contra nós, tanto diante dos que me conhecem e dos que não me conhecem? Será que é por não ser origenistas e por não saber que pecamos no céu que somos acusados na terra como pecadores? E assim voltamos à concórdia para que não me seja permitido falar contra os hereges sem que, se eu os descrever, tu te consideres atacado. Durante todo o tempo que não recusava teu elogio, tu me seguias como mestre, tu me chamavas irmão e colega, e me declaravas integralmente católico. Uma vez que não admiti mais teus elogios e que me julguei indigno de um panegírico feito por tão grande homem, logo tu revolves teu estilete e tudo que tinhas primeiramente louvado, tu o censuras, proferindo com a mesma boca, doçura e amargura.<sup>173</sup> Tu sentes que eu me calo, que eu não conformo as palavras ao peito borbulhante, e que digo com o salmista: “Põe, Senhor, uma guarda à minha boca e uma porta fortificada a meus lábios. Não inclines meu coração a palavras de maldade”,<sup>174</sup> e em outra parte: “Porque o pecador estava erguido diante de mim, eu fiquei mudo, eu fui humilhado e me calei quanto ao que eu podia avançar de bom”.<sup>175</sup> E mais: “Tornei-me como um homem que não ouve e que não tem invectivas em sua boca”.<sup>176</sup> Mas o Senhor te responderá, por mim, como vingador,<sup>177</sup> aquele que diz pelo profeta: “Para mim a vingança sou eu que retribuirei, diz o Senhor”.<sup>178</sup> E em outra passagem: “Tu estavas assentado e falavas contra teu irmão; contra o filho da tua mãe, tu suscitavas o escândalo. Eis o que fizeste e eu me calei. Tu creste, ímpio, que eu te seria semelhante. Eu te denunciarei e deporei contra tua face”!<sup>179</sup> Assim, para que vejas condenado em ti o que censuras em outros por falsidade.

**32.** Ouço dizer, além disso, que seu adepto Crisógono me censura por ter declarado que, no batismo, todos os pecados eram remidos e, tendo morrido após dois casamentos, o indivíduo ressuscitava homem novo no Cristo e que se achavam na Igreja alguns sacerdotes desta espécie.<sup>180</sup> Eu lhe respondo em poucas palavras: ele tem em mãos o libelo que ele convoca ao agravo; que ele responda ao livro, que ele o destrua pela sua argumentação e denuncie os escritos por escritos. Para que uma fronte severa, as narinas contraídas e franzidas? Examina palavras ocas,<sup>181</sup> desmente a santidade diante de

uma multidão grosseira, com austeridade afetada? Que ele nos ouça proclamá-lo de novo: o velho Adão morre inteiro neste banho e o batismo o faz reerguer-se novo com Cristo;<sup>182</sup> morre o que é terrestre e nasce o que é supraceleste.<sup>183</sup> Eis o que dizemos, não porque, graças ao Cristo, nós nos tenhamos preocupado com este problema, mas porque, interpelados por irmãos a respeito de nosso ponto de vista, nós lhe respondemos, sem impedir a quem quer que seja de seguir o que quisesse e sem subverter por nossa opinião o decreto de outrem. Porque não ambicionamos o sacerdócio, nós que estamos escondidos em nossas celas; e não temos pressa, reprovando a humildade, de comprar a preço de ouro o episcopado. Também não temos, em um espírito de revolta, o desejo de degolar o pontífice escolhido por Deus, nem damos a entender que somos hereges, mostrando-nos favoráveis aos hereges. Não temos dinheiro nem queremos ter: “Nós temos os víveres e as roupas, e isto nos basta”.<sup>184</sup> E cantamos sem cessar estas palavras daquele que sobe a montanha do Senhor:<sup>185</sup> “O homem que não deu seu dinheiro a juro e não recebeu presentes às custas dos inocentes, aquele que age assim não será abalado para a eternidade”.<sup>186</sup> Se, pois, há alguém que não age assim, este já se arruinou para sempre.

<sup>1</sup> Pamáquio, amigo de Jerônimo.

<sup>2</sup> Marcela, amiga de Jerônimo.

<sup>3</sup> At 19,9.

<sup>4</sup> Cf. Sl 68(67),24.

<sup>5</sup> Cícero, *Filípicas* 2, 33, 83; cf. *Verrinas* 2, 3, 60, 138.

<sup>6</sup> Cícero, *Ac.* 1, 1, 2.

<sup>7</sup> Cf. Cícero, *Pro Gabinio* (Cf. Quintiliano, *Institutiones Or.* 11, 1, 73).

<sup>8</sup> *Diasyrticae strophis*: de *diasyrticus*, injurioso, que louva com ironia; *diasyrtês*: detrator, maledicente; *diasyrtikós*: difamante.

<sup>9</sup> Gabínio foi uma das mais importantes personalidades do período que precedeu a Segunda Guerra Civil da República de Roma. O seu nome é indissolúvelmente ligado à Lex Gabinia, com a qual, como tribuno da plebe, em 67 a.C. conseguiu que o Senado concedesse a Pompeu os mais amplos poderes possíveis para liderar a guerra contra os piratas que levavam decênios invadindo o Mediterrâneo e as suas costas.

<sup>10</sup> Cícero, *Pro Gabinio*.

<sup>11</sup> Horácio foi um poeta lírico e satírico romano; além de filósofo, é considerado um dos maiores poetas da Roma Antiga.

<sup>12</sup> Horácio, *Epístola* 1, 3, 31-32.

<sup>13</sup> Hilário de Poitiers (315-367) foi autor de escritos exegéticos, escritos dogmático-polêmicos e escritos histórico-polêmicos.

<sup>14</sup> Vitorino de Petau, bispo de Poetavio, atual Petau, na Estúria; foi o primeiro exegeta a escrever em latim. Percebe-se grande dependência de Orígenes em seus escritos. Sofreu o martírio na perseguição de Diocleciano em 304.

<sup>15</sup> Cf. Pamáquio e Oceano; Jerônimo, *Epístola* 83, 2.

<sup>16</sup> Rufino, em Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Prólogo de Rufino 2 (p. 46-47). [Mesmo que se tenha acabado de remeter à tradução do Prof. J. Lupi, recentemente publicada nesta Coleção, mantivemos, acima, a versão do tradutor desta *Apologia*. O leitor não estranhe, portanto, as leves diferenças entre uma e outra. N. E.]

<sup>17</sup> Eusébio: nascido cerca de 263 na Palestina, talvez em Cesareia, aperfeiçoou sua formação intelectual na própria sede da escola fundada por Orígenes e da célebre biblioteca, tendo por mestre Pânfilo. Foi bispo de Cesareia e granjeou grande influência sobre o Imperador Constantino, tanto por causa de sua sabedoria quanto por sua atitude conciliadora na controvérsia ariana, tendo sido adepto do subordinacionismo de Orígenes e, antes que lutador, sábio.

<sup>18</sup> Na edição *Sources Chrétiennes*, a palavra está escrita com caracteres gregos: *antíteseis*.

[19](#) Marcião de Sínope foi um dos mais proeminentes heresiarcas durante o Cristianismo primitivo. Sua teologia (chamada marcionismo), que propunha dois deuses distintos, um no Antigo Testamento e outro no Novo Testamento, foi denunciada pelos Pais da Igreja e ele foi excomungado. Sua rejeição de muitos livros que seus contemporâneos consideravam como parte das Escrituras mostrou à Igreja antiga a urgência do desenvolvimento de um cânon bíblico. Marcião, que é conhecido apenas através de seus críticos, foi considerado herético por suas doutrinas.

[20](#) Virgílio, *Eneida* 10,875-876.

[21](#) Sl 91(90),4.

[22](#)Cf. Sl 64(63),8, conforme a *Vulgata*.

[23](#) Sl 27(26),3.

[24](#) Virgílio, *Eneida* 1,177-178.

[25](#) Epicuro foi um filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrecio foi seu maior divulgador.

[26](#) Pânfilo foi um presbítero de Cesareia e o maior entre os estudiosos bíblicos de sua geração. Foi amigo e professor de Eusébio, que preservou detalhes de sua carreira num livro em três volumes chamado *Vita*, hoje perdido.

[27](#) Na edição *Sources Chrétiennes* a palavra em grego é, fazendo-se a transliteração, *syngrapheùs*.

[28](#) Em grego transliterado, *sýntagma*.

[29](#) Eusébio de Cesareia, *Vita Pamphili* 3.

[30](#) Em grego transliterado: *pseudepigráfo*.

[31](#) Em grego transliterado: *palinodían*.

[32](#) Estesícoro foi um poeta lírico grego, que viveu aproximadamente entre 632 e 553 a.C. Seu nome verdadeiro era Tísias, mas ficou conhecido como Estesícoro, que significa “dirigente do coro”. Foi o primeiro grande poeta de uma pólis do Ocidente, tendo a sua obra sido reunida pelos eruditos alexandrinos em 26 livros, dos quais só restaram poucos fragmentos.

[33](#) Tertuliano, *Test. anim.* 6, 1.

[34](#) Em grego transliterado: *tes apologias Origénous*.

[35](#) Pamáquio e Oceano, *Epístola* 83, 2.

[36](#) Jerônimo, *Epístola* 84, 12, 1.

[37](#) Cf. Jt 5,5, segundo a *Vulgata*.

[38](#) Virgílio, *Eneida* 4, 689.

[39](#) Jerônimo, *Epístola* 81.

[40](#) Sardanapalo, último rei do I império da Assíria, era um homem afeminado e voluptuoso.

[41](#) Clemente de Alexandria merece ser reputado como o primeiro sábio cristão. Suas obras são: *Exortação aos gentios*, *O pedagogo*, *As seleções*, *Que rico se salvará*, dentre outras.

[42](#) Hiúlo foi contemporâneo de Orígenes.

[43](#) Is 29,1.

[44](#) Sl 90(89),1.

[45](#) Cf. Orígenes, *Sel. in psalm.* (PG 12, 1056 B).

[46](#) Cf. Tg 3,11.

[47](#) 1Cor 9,26.



[48](#) Em grego transliterado: *antízelon*.

[49](#) Crisipo de Solis foi um filósofo grego e um dos maiores expoentes do estoicismo e discípulo de Cleanto de Assos. Teve fama de sutil e apurado dialético. Não foi apenas um filósofo estoico, como também partidário do estoicismo, atacando ardorosamente os inimigos da doutrina do Pórtico (o alvo preferido eram os filósofos acadêmicos). Sua atividade como escolarca logo o fez alcançar uma reputação comparável com a de Zenão de Cítio, fundador do estoicismo. Crisipo foi o responsável pela sistematização e divulgação das doutrinas da escola.

[50](#) Antípatro foi um general macedônico e um apoiador dos reis Filipe II da Macedônia e Alexandre, o Grande. Em 320 a.C., tornou-se regente de todo o império de Alexandre.

[51](#) Demóstenes foi um proeminente orador e político grego de Atenas. Sua oratória constitui uma importante expressão da capacidade intelectual da Atenas antiga e providencia um olhar sobre a política e a cultura da Grécia antiga durante o quarto século a.C. Demóstenes aprendeu retórica estudando os discursos dos grandes oradores antigos.

[52](#) Ésquines foi um célebre orador ateniense, rival de Demóstenes. Defendeu em Atenas a política de Filipe da Macedônia.

[53](#) Lísias foi um orador grego, natural de Siracusa. Alguns veem em Lísias um dos grandes oradores gregos, ao lado de Demóstenes e Ésquines. Lísias, como contemporâneo de Sócrates, aparece em dois diálogos de Platão: na *Politeia (República)* e no *Fedro*. Seus discursos contra o político Eratóstenes o tornaram célebre.

[54](#) Isócrates foi um orador que perdeu suas posses com a Guerra do Peloponeso, começando a ganhar a vida como logógrafo. Devido a esta atividade, abriu em Atenas, mais ou menos na mesma época em que Platão inaugurava a Academia, uma escola de eloquência que se tornou famosa. Como orador e retórico, preocupou-se sobretudo com a forma, dando à prosa ática uma docilidade e harmonia ainda não atingidas. Cerca de vinte e um de seus discursos sobreviveram, entre eles: *Contra os sofistas*, de 390 a.C., *Panegírico*, de 380 a.C., *Platáico*, cerca de 373 a.C., *Sobre a paz*, de 355 a.C., e *Filipe*, de 346 a.C. Combateu a filosofia platônica, que julgava inapta para a formação ética e política do homem grego. No âmbito político, Isócrates foi adversário de Demóstenes, lutando pela união do mundo helênico sob a monarquia de Filipe da Macedônia, contra os persas.

[55](#) Cícero, *De oratore* 1, 2, 5.

[56](#) Crasso foi um patrício, general e político romano do fim da antiga república romana, mais conhecido como Crasso, o Triúmviro. Comandou a vitória decisiva de Lúcio Cornélio Sula na Batalha da Porta Collina, e esmagou a revolta dos escravos liderada por Espártaco. A importância de Crasso na história provém, porém, do apoio financeiro e político que brindou ao jovem nobre empobrecido Caio Júlio César, apoio que lhe permitiria o sucesso na carreira política.

[57](#) Marco Antônio Orador, político romano da etapa republicana. Pertencia à família plebeia dos Antônio, sendo um dos mais distinguidos oradores da sua época. Em seus primeiros anos na política, conquistou uma série de cargos eletivos graças, sobretudo, às suas habilidades oratórias. A moderna reputação de Antônio em relação à sua eloquência deriva da autoridade de Cícero, pois nenhum dos seus discursos se conservaram. Cícero distingue-o em sua obra *De Oratore*.

[58](#) Marco Júnio Bruto (85-42 a.C.), foi um patrício, líder político de orientação conservadora republicana romana, e militar romano, tendo sido um dos assassinos de Júlio César. Pertencia a umas das famílias patrícias mais antigas de Roma, membros, portanto, da aristocracia romana.

[59](#) Caio Salústio Crispo (86-34 a.C.) foi um dos grandes escritores e poetas da literatura latina. Com o apoio de César, Salústio foi eleito questor, cargo que lhe assegurou uma cadeira no Senado Romano. Investiu contra adversários de César, e estes passaram a ser seus adversários, como Milão e Cícero. Durante a guerra civil, ele apoiou a causa de César, a quem prestou serviços e por quem foi nomeado governador da Numídia (África Nova), onde conseguiu acumular uma grande riqueza e passou a desfrutar da “angustiante fadiga romana”. No final de sua carreira política, passou a se dedicar à literatura. Já desiludido com a corrupção em Roma, escreveu sobre a decadência do povo romano e foi útil ao descrever dois grandes momentos do fim da república romana, a saber, a conjuração de Catilina e a guerra de Jugurta, episódios sobre os quais escreveu no período que vai da morte de Cícero, em 43 a.C., à guerra Purúgia, em 40 a.C., quando os grandes personagens da conjuração, Crasso, Pompeu, Catão, César, Cícero e o próprio protagonista, Catilina, já haviam desaparecido do cenário político.

[60](#) Terêncio foi um dramaturgo e poeta romano, autor de seis comédias ao todo, sendo elas *Andria* (A moça de Andros), *Hecyra* (A sogra), *Heautontimorumenos* (O punidor de si mesmo), *Eunuchus* (O eunuco), *Phormio* (Formião) e *Adelphoe* (Os dois irmãos).

[61](#) Plauto foi um dramaturgo romano, que viveu durante o período republicano. Suas comédias estão entre as obras mais antigas em latim preservadas integralmente até os dias de hoje; são quase todas adaptações de modelos gregos para o público romano, tal como ocorria na mitologia e na arquitetura romanas. Não era filósofo, nem moralista, nem psicólogo, mas criou tipos que são imitados por literatos de sua época e da atualidade.

[62](#) Lucrécio foi poeta e filósofo latino que viveu no século I a.C., autor de *De rerum natura*, que é uma explicação acerca da natureza das coisas com uma formulação poética.

[63](#) Pérsio foi um poeta satírico da Roma Antiga, adepto do estoicismo. De origem etrusca, mostrou em suas obras, poemas e sátiras, uma visão de mundo estoica, aliada a um senso crítico forte contra os abusos de seus contemporâneos. Seus textos, que foram especialmente populares na Idade Média, só foram publicados após a sua morte, por seu amigo e mentor, o filósofo estoico Lúcio Aneu Cornuto.

[64](#) Lucano foi um poeta romano, nascido na província da Hispania Bética. Apesar de sua vida curta, é tido como uma das figuras de maior destaque do período dito clássico do latim. Sua juventude, além de sua proficiência, fizeram com que se destacasse entre os poetas da época. Sobrinho de Sêneca, fez parte da malograda conspiração de Pisão contra a vida do imperador Nero e, ao ser preso, foi obrigado a suicidar-se. Restou de sua extensa obra apenas uma epopeia inacabada, a Farsália.

[65](#) Minerva era a deusa romana das artes e da sabedoria. Correspondente à grega Atena.

[66](#) Horácio, *Sátiras* 1,10,34.

[67](#) Aristarco de Samotrácia foi um filósofo, gramático e escritor crítico grego, o quarto bibliotecário de Alexandria (180-145 a.C.), e conhecido como o *pai da filologia*. Produziu as edições corrigidas da obra de Homero (850-750 a.C.) e que nos chegaram até hoje via escoliastas posteriores, e escreveu comentários e peças teatrais. Clarificou conceitos e termos gramaticais, alguns deles ainda hoje válidos. Foi o primeiro estudioso do gênero a criar as classes gramaticais e dividi-las em 8 partes. A padronização do texto impresso, que inclui desde elementos gráficos até questões gramaticais e estilísticas, conta com esforços que datam de há muito, porém, como diretor da Biblioteca da Alexandria, pretendeu uniformizar os textos em uma época em que prevaleciam as variantes geradas pelo trabalho de copistas. Libertos da efemeridade e instabilidade da transmissão oral, os textos manuscritos na Roma antiga ressentiam-se de saberes e recursos pouco sofisticados, que davam margem a interpretações variadas e discutíveis.

[68](#) Em grego transliterado: *ypérbata*.

[69](#) Cícero, *Academica* 2, 23, 74.

[70](#) Horácio, *Epístola* 2, 1, 114-117.

[71](#) 2Cor 11,6.

[72](#) Cf. At 22,3. Gamaliel, o Ancião ou rabino, foi o neto do grande educador judeu Hillel, o Ancião. Líder dentre as autoridades do Sanhedrin ou Sinédrio no meio do século I, reconhecido mestre e doutor da Lei (*Torah*). Morreu vinte anos antes da destruição do Segundo Templo em Jerusalém. No Talmud, Gamaliel tem o título de “Rabban”, um título dado ao rabino superior (presidente) do Sinédrio, do qual ele é o primeiro dos sete nomeados líderes da escola de Hillel, que tiveram este título. Na Mixná, ele é considerado como o autor de alguns decretos legais que afetam o bem-estar da comunidade e que regulam certas questões relativas a direitos conjugais. Gamaliel (“recompensa de Deus”) era fariseu e mestre da Lei naquela época, tendo muitos discípulos, inclusive Saulo (cf. At 22,3), que mais tarde se converteu e conhecemos como o apóstolo Paulo. Ele era um dos membros do Sinédrio, assim como José de Arimateia (cf. Mc 15,43) e provavelmente Nicodemos (cf. Jo 3,1).

[73](#) 1Cor 2,4-5.

[74](#) At 26,24.

[75](#) Plauto, *Aulularia* 49.

[76](#) Em grego transliterado: *athenogéron*.

[77](#) Creso foi o último rei da Lídia, da dinastia Mermnada, (560-546 a.C.), filho e sucessor de Aliates, que morreu em 560 a.C. Submeteu as principais cidades da Anatólia (salvo a cidade de Mileto). No entanto, perante o inquietante avanço do rei Ciro II da Pérsia, Creso enviou um mensageiro ao oráculo de Delfos que lhe respondeu que, se conduzisse um exército para este e cruzasse o rio Hális, destruiria um grande império. Tentado pelo que disse o Oráculo, Creso organizou uma aliança com Nabonidus da Babilônia, Amasis II do Egito e a cidade grega de Esparta, e partiu para a guerra; no entanto, a guerra não correu como esperado, sem esforço foi vencido pelas forças de Ciro na batalha do rio Hális, Timbra em 547 a.C. e feito prisioneiro em Sardes.

[78](#) Dario foi rei da Pérsia (521-485 a.C.), pacificou e organizou seu Império, que dividiu em vinte satrapias, conquistou a Índia, submeteu a Trácia e a Macedônia, mas foi vencido pelos gregos em Maratona. Preparava a segunda expedição contra os gregos e tratava de submeter o Egito, que se havia revoltado, quando a morte o surpreendeu.

[79](#) Horácio, *Ars* 88.



[80](#) Sb 1,4-5, conforme a *Vulgata*.

[81](#) Virgílio, *Écloga* 3, 26-27.

[82](#) O fundador deste gênero é o escritor grego Aristides (100 a.C.), autor de uma coletânea de Fábulas milésias, que contém aspectos eróticos e licenciosos. Como exemplo podemos citar a passagem da Matrona de Éfeso, na obra *Satyricon*, de Petrônio, que tem por modelo as fábulas milésias traduzidas para o latim por Sisena.

[83](#) É este *Testamentum Suis* (Porcelli) um breve escrito em prosa, no qual estão contidas as últimas vontades do assim chamado leitãozinho Grunnius Corocotta, com evidente paródia das complicadas disposições e fórmulas testamentárias, às quais a jurisprudência romana tinha dedicado e dedicava cuidados assíduos. O *Testamentum Suis* é anônimo (ROSTAGNI, A., vol. III, p. 377).

[84](#) *Stromates* (“bordados ou tapeçaria”) pretende, com esse nome, evocar a variedade do conteúdo, tal como os *Kestoi* (“Bordados”), de Júlio Africano, obra que consta, no total, de 24 livros, dos quais se conservam fragmentos maiores. “É uma espécie de enciclopédia, dedicada ao imperador Alexandre Severo com epítomes sobre questões das ciências naturais, da medicina, magia, agricultura e arte militar. O cristianismo do autor que acredita na magia e teurgia, apresenta-se sob a luz um tanto curiosa (sincretismo)” (ALTANER, B. e STUIBER, A., *op. cit.*, p. 215).

[85](#) Platão, *República* 3, 8 (389 B).

[86](#) Ef 4,25; Zc 8,16.

[87](#) Lc 10,29.

[88](#) Cf. Jt 11.

[89](#) Artaxexes foi rei da Pérsia, neto de Dario. Reinou de 465-425 a.C.

[90](#) Gn 27,18-30.

[91](#) Jo 14,6.

[92](#) Sl 2,12, conforme a *Vulgata*.

[93](#) Jó 31,26-28.

[94](#) Áquila de Sínope foi um nativo da província romana do Ponto, conhecido pela tradução literal que fez da Bíblia hebraica para o grego por volta de 130 d.C. Era um prosélito judeu.

[95](#) Símaco foi exegeta e tradutor da Bíblia. Compôs uma *Explicação dos Provérbios* e um *Comentário do Cântico dos Cânticos*.

[96](#) Em grego transliterado: *metempsychósei*.

[97](#) Alexandre Magno, dito o Grande, foi um príncipe e rei da Macedônia, e um dos três filhos do rei Filipe II e de Olímpia do Épiro. Alexandre foi o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em sua juventude, teve como preceptor o filósofo Aristóteles. Tornou-se rei aos vinte anos, na sequência do assassinato do seu pai.

[98](#) Jerônimo, *In Ephes.* 1, prol. (PL 26, Val. 543-544).

[99](#) Ef 1,4.

[100](#) Gl 1,15.

[101](#) Jr 1,5.

[102](#) Jerônimo, *In Ephes.* 1, 1, 4 (PL 26, Val. 548).

[103](#) Sl 84(83),7.

[104](#) Sl 44(43),20; 119(118),54.

[105](#) Sl 120(119),5.

[106](#) Rm 7,24.

[107](#) Fl 1,23.

[108](#) Sl 119(118),67.

[109](#) Jerônimo, *In Ephes.* 1, 1, 4 (PL 26, Val. 548).

[110](#) Sl 143(142),2.

[111](#) Jerônimo, *In Ephes.* 1, 1, 4 (PL 26, Val. 550).

[112](#) Ef 1,20-21.

[113](#) Jerônimo, *In Ephes.* 1, 1, 20-21 (PL 26, Val. 566).

[114](#) Jerônimo, *ibid.* (PL 26, Val. 567).

[115](#) Ef 2,7.

[116](#) Jerônimo, *In Ephes.* 1, 2, 7 (PL. 26, Val. 576).

[117](#) Jerônimo, *Ibid.*

[118](#) Rufino, em Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Prólogo de Rufino 1 (p. 46) (= Jerônimo. *Epist.* 80, 1, 2). [Na edição que se acaba de indicar, lê-se *doutor da Igreja*. N. E.]

[119](#) Lc 16,8.

[120](#) Lc 16,8.

[121](#) Gn 3,1.

[122](#) Ef 3,1.

[123](#) Fm 1,23.

[124](#) Cf. 2Tm 4,17.

[125](#) Cf. Gl 1,15-16; 1Tm 2,7; 2Tm 1,11.

[126](#) Jerônimo, *In Ephes.* 2, 3, 1-4 (PL 26, Val. 587).

[127](#) Cf. 1Cor 15,53.

[128](#) Rm 7,24.

[129](#) Ef 4,16.

[130](#) Ef 4,7-13.

[131](#) Jerônimo. *In Ephes.* 2, 4, 16 (PL 26, Val. 619-620).

[132](#) Em grego transliterado: *metaphorikos*.

[133](#) Cf. Evágrio de Antioquia; Athanasio, *Vita Antonii*, prol. (PL 26, 834; Coleção Patrística 18); Jerônimo, *In Ephes.* 2, 4, 16 (PL 26, Val. 620).

[134](#) Ef 5,28-29.

[135](#) Jerônimo, *In Ephes.* 3, 5, 28-29 (PL 26, Val. 658).

[136](#) Mt 23,37.

[137](#) 1Cor 15,53.

[138](#) Mt 22,30.

[139](#) Orígenes, *In Ephes.* 3, 5, 28-29.

[140](#) Jerônimo, *In Ephes.* 3, 5, 28-29 (PL 26, Val. 658).

[141](#) Orígenes, *ibid.* (Val. 659).

[142](#) 1Cor 7,29.

[143](#) Mt 22,23-28.

[144](#) Mt 22,29-30.

[145](#) Gl 3,27-28.

[146](#) Cícero, *Tusculanas* 4, 14, 33.

[147](#) Lúscio de Lanúvio foi tradutor de Menandro, rejeitava a *contaminatio* (fusão dos modelos gregos), praticada por Terêncio, cujos prólogos recusam o malévolo velho poeta.

[148](#) Asínio Polião (75- 13 a.C) foi partidário de César e chegou a ser cônsul em 41 a.C. Ele compôs uma *História da Guerra Civil entre César e Pompeu*. Escreveu também comentários sobre diversos autores.

[149](#) Jerônimo, *Epístola* 22, 30.

[150](#) Salústio, *Hist. frag.* 1, 95.

[151](#) Jerônimo, *Epístola* 70, 6, 2.

[152](#) Virgílio, *Geórgicas* 2, 272.

[153](#) Cícero, *Tusculanas* 3, 15, 31; *De Finibus* 5, 30, 92.

[154](#) Horácio, *Epístolas* 2, 1, 70.

[155](#) Horácio, *Epístolas* 1, 2, 69-70; Quintiliano, *Inst. orat.* 1, 1, 5.

[156](#) Lucrécio, 6, 1074 -77; Quintiliano, *Inst. orat.* 1, 1, 5.

[157](#) Em grego transliterado: *axioma*.

[158](#) Cícero, *Tusculanas* 1, 7, 14.

[159](#) Em grego transliterado: *pseudomenos* (falso argumento, termo usado por Cícero).

[160](#) Letes, na mitologia clássica, é irmão da Morte e do Sono, é também a fonte em que os mortos bebem o esquecimento da vida terrestre.

[161](#) Trata-se de Gregório Nazianzeno.

[162](#) Heráclito de Éfeso foi um filósofo pré-socrático considerado o “pai da dialética”. Recebeu a alcunha de “Obscuro”, principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (*panta rei*) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas.

[163](#) Jr 23,25-28.

[164](#) Tertuliano, *Anim.* 45, 4.

[165](#) Cf. Lucrécio 4, 1020; Cícero, *Ac.* 2, 96, 51.

[166](#) Lucrécio, 4, 1020-22.

[167](#) Cf. Is 29,8. Lucrécio 4, 1022-25; 1097-1100; Horácio, *Carm.* 3, 27, 40-42; Cícero, *Ac.* 2, 16, 51; *Phil.* 8, 3, 9; Sêneca, *Herc. O.* 944; *Herc. f.* 752-755.

[168](#) Cf. Mt 7,3.

[169](#) Virgílio, *Eneida* 3, 436. Lactânncio, *Opif.* 1,6.

[170](#) Horácio, *Epodos* 6, 12; *Sátiras* 1, 4, 34; Lactânncio, *Mort. pers.* 32, 3-4.

[171](#) 1Cor 6,10.

[172](#) Gl 5,15.

[173](#) Tg 3,11.

[174](#) Sl 141(140), 3-4.

[175](#) Sl 39(38),2-3, conforme a *Vulgata*.

[176](#) Sl 38(37),15.

[177](#) Cf. Jr 51,56.

[178](#) Dt 32,35; Rm 12,19.

[179](#) Sl 50(49),20-21.

[180](#) Jerônimo, *Epístola* 69, 2.

[181](#) Pérsio, *Prol.* 9-10; *Sat.* 3, 82.87.

[182](#) Cf. Rm 6,3-4.

[183](#) Cf. 1Cor 15,48-49.

[184](#) 1Tm 6,8.

[185](#) Cf. Sl 24(23),3; Sl 15(14),1.

[186](#) Sl 15(14),5.

# SEGUNDO LIVRO

## Primeira parte: Refutação da Apologia de Rufino a Anastásio

1. Até aqui, é a propósito dos meus crimes, ou antes a favor dos meus crimes, aqueles que um panegirista enganador atirou contra mim e que seus discípulos denunciavam com grande assiduidade, que, contendo meu sofrimento, não como eu devia, mas como eu podia, eu respondi. Minha intenção, com efeito, não é tanto acusar a outrem quanto defender-me. Eu voltarei também à sua apologia, na qual ele se esforça em satisfazer a Anastásio, santo bispo da cidade de Roma, e, para defender-se, é contra mim novamente que ele trama uma calúnia; ele me ama tanto que, arrastado por um turbilhão e mergulhado no abismo, ele me agarra o pé acima de tudo, com a finalidade de salvar-se ou perder-se comigo.

2. Ele diz que responde primeiramente aos rumores pelos quais é dilacerada sua fé, na cidade de Roma, de que tanto deu provas tanto na fé quanto na caridade de Deus; a não ser que, tendo sido restituído a seus pais, depois de trinta anos, ele não quisesse separar-se daqueles que ele tinha revisto tão tardiamente, para não ser considerado desumano ou cruel; e que, fragilizado pelo cansaço de tão longa viagem, não pudesse, por sua fraqueza, redobrar suas fadigas, ele teria querido vir pessoalmente. Que, por não tê-lo feito, ele enviou contra os seus ladradores o cajado das suas cartas que o outro pudesse segurar com a mão direita e enxotar os cães que se enraivecem contra ele.<sup>1</sup>

Se sua fé e seu amor de Deus foram provados perante todos e, ainda mais, para aquele bispo a quem escreve, de que modo, em Roma, aflige-se-lhe e dilacera-se-lhe e propaga-se o rumor de sua reputação atingida? Então que humildade há em dizer que sua fé e amor de Deus foram experimentados, quando os apóstolos pedem: “Senhor, aumenta em nós a fé”,<sup>2</sup> e eles têm como resposta: “Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda...”,<sup>3</sup> e que ao próprio Pedro se diz: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”<sup>4</sup> Que dizer da caridade, que é maior que a esperança e a fé<sup>5</sup> e que Paulo almeja mais do que disto se prevalece,<sup>6</sup> sem a qual o sangue derramado no martírio e o corpo entregue às chamas não obtêm a coroa dos prêmios?<sup>7</sup> Ele reivindica para si uma e outra destas a ponto de ter, ainda assim, ladradores em seu encalço, que, se o cajado de um pontífice ilustre não os repele, não cessariam de ladrar.

O que é, de fato, ridículo é que ele se gaba de ter retornado à casa de seus pais após trinta anos, este homem que não tem mais pai nem mãe, e, em sua velhice, sente falta dos que morreram e que ele deixou vivos quando jovem. A não ser que, por acaso, ele chame de “pais” aos que, segundo a linguagem militar ou vulgar, têm com ele parentesco consanguíneo e de afinidade, os quais não deseja deixar, de modo que não o considerem desumano ou cruel; por esta razão, tendo deixado sua pátria, mora em Aquileia. Em Roma, sua fé, que tantas provações sofreu, está exposta a riscos e este, derrubado e cansadinho depois de trinta anos, não pode de carro vir pelo itinerário suavíssimo da Estrada Flamínia; e assim ele alega a lassidão de uma longa viagem, como se tivesse corrido sem cessar desde trinta anos atrás, ou que, apesar de sua permanência de dois anos em Aquileia, o cansaço de sua viagem passada o tenha esgotado.

3. Passemos ao que resta e citemos as próprias palavras de sua epístola: “Ainda que nossa fé tenha sido, em consequência disto, colocada à prova, no tempo da perseguição aos hereges, quando vivíamos na santa Igreja de Alexandria, nas prisões e exílios que eram suportados pela fé...”<sup>8</sup> Eu me admiro que

ele não tenha acrescentado: “acorrentado por causa de Jesus Cristo”<sup>9</sup> e “Fui libertado da fauce do leão”,<sup>10</sup> e em Alexandria: “lutei contra as feras”<sup>11</sup>, e “Terminei minha carreira, guardei a fé, resta para mim a coroa da justiça”.<sup>12</sup> Que diabo de exílios, quais são estas prisões de que ele fala? Escandalizome com mentira tão manifesta. Como se as prisões e os exílios fossem decretados sem as sentenças dos juízes. Quero, porém, certificar-me destas prisões e de quais províncias ele diz ter sofrido o exílio. E certamente ele tem a possibilidade, entre inúmeras prisões e exílios infinitos, de citar algum nome. Que ele manifeste a nós os atos de sua confissão de fé, de que, até o momento presente, não tomamos conhecimento, de modo que, entre outros mártires de Alexandria, nós possamos fazer leitura de suas façanhas também e que, contra seus ladradores, ele possa responder: “De resto, que ninguém me seja importuno; pois eu trago em meu corpo os estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>13</sup>

4. “Se, pois, há alguém que, ainda agora deseja experimentar nossa fé ou ouvir ou aprender, que ele saiba que assim acreditamos a respeito da Trindade”<sup>14</sup> etc. Acima de tudo estendes ao bispo um cajado contra os cães que te atacam, com o qual o bispo armado possa avançar em teu lugar. Agora, como se duvidando, dizes: “Se há alguém que deseja experimentar nossa fé”. Tua dúvida repousa em um só, quando até ti chegam os latidos de muitos. Não deslindo no momento as tuas expressões, que até tu desprezas e desdenhas; minha resposta se orientará apenas pelo sentido.

Algo é indagado a ti e tu te justificas por outra coisa. Combateras já contra as doutrinas de Ário nas prisões e exílios de Alexandria, não com a voz, mas com o sangue. Agora a calúnia se desencadeia contra ti a respeito da heresia de Orígenes. Não quero que cuides das partes sadias, mas que trates as que estiverem feridas. Tu dizes que a Trindade constitui uma única divindade,<sup>15</sup> quando o mundo todo já o crê. Eu penso que até os demônios confessam<sup>16</sup> que o Filho de Deus nasceu de uma virgem e assumiu a carne e a alma da natureza humana.<sup>17</sup>

Se meu interrogatório se faz mais rigoroso, tu chamarás o rábula. Tu dizes que o “Filho de Deus assumiu a carne e a alma da natureza humana”. A ti rogo que respondas sem indignação. Esta alma que Jesus assumiu existia antes que ele nascesse de Maria? Ou então a alma que nascia do Espírito Santo, ela foi criada ao mesmo tempo com o corpo, quando da concepção virginal? Ou ainda, desde que o corpo foi formado no ventre, ela foi criada e enviada do céu? Das três opiniões eu desejo saber qual é a tua. Se ela existiu antes que ele nascesse de Maria, ela não era ainda a alma de Jesus e tinha alguma atividade e é por causa dos méritos das suas virtudes que essa alma tornou-se depois a sua alma. Se ela começou a existir por transmissão, só há uma única condição para as almas humanas, cuja eternidade reconhecemos, e os seres estúpidos que se dissolvem com seu corpo. Se, pelo contrário, a alma é criada e enviada desde que o corpo é formado, reconhece-o com simplicidade e livra-nos da inquietação.

5. Nada destas coisas falas, mas ocupado com outras coisas, tu abusas de nossa simplicidade e não permites que nos detenhamos na questão pela impostura e pompa das palavras. Pois quê, dirás, a questão não tem por objeto a ressurreição da carne e os castigos do diabo? Com isso estou de acordo. Responde, pois, breve e claramente. Não coloco em questão o que escreves: “que a mesma carne, na qual vivemos, ressurgue sem amputação de nenhum membro nem supressão de qualquer parte do corpo”.<sup>18</sup> (Estas são, na verdade, tuas próprias palavras.) Mas eu pergunto, e Orígenes o nega, se os corpos ressuscitam com o mesmo sexo com o qual morreram e, se Maria ressuscita como Maria e João como João, ou como a mistura e a confusão dos sexos, não haja nem homem nem mulher, mas que haja um e outro ou nenhum dos dois. E se os mesmos corpos permanecem para sempre incorruptíveis e imortais e, como astuciosamente nos advertes, conforme o Apóstolo, espirituais;<sup>19</sup> e



não somente os corpos, mas as carnes e o sangue derramado nas veias e irrigando os ossos, o que Tomé tocou;<sup>20</sup> ou, pelo menos, pergunto se estes corpos se reduzem paulatinamente a nada e são reconduzidos aos quatro elementos de cuja reunião eles foram formados. Eis o que deverias ter afirmado ou negado, e não dizer aquilo que Orígenes perfidamente declara – de modo que parecesses brincar com tolos e crianças, “com nenhuma amputação de membros nem da supressão de qualquer parte do corpo...”<sup>21</sup> Naturalmente, tivemos medo de ressuscitar sem nariz e ouvidos e, com os genitais amputados e separados, construir uma cidade de eunucos na Jerusalém celeste!

**6.** Em seguida, ele modera suas palavras a respeito do diabo: “Nós declaramos também que haverá igualmente um julgamento, e que, quando deste julgamento, cada um receberá segundo o que fez em sua vida corporal, sejam as boas, sejam as más obras.”<sup>22</sup> Porque, se os homens hão de ser retribuídos segundo suas obras, quanto mais o diabo que a todos manifestou-se como causa do pecado! O que sentimos a respeito dele é conforme aquilo que está escrito no Evangelho, ou seja, também o diabo e todos os seus anjos, com aqueles que fazem as suas obras, isto é, aqueles que incriminam seus irmãos,<sup>23</sup> entrarão em posse igualmente com ele da herança do fogo eterno.<sup>24</sup> Se, pois, alguém nega que o diabo seja adjudicatário das chamas eternas, que receba com ele sua parte do fogo eterno, a fim de que experimente o que negou”.<sup>25</sup>

Retomemos cada ponto: “Nós declaramos, ele diz, que haverá um julgamento e que, quando deste julgamento...” Eu havia decidido calar-me sobre os defeitos verbais, mas, como seus discípulos admiram a eloquência do mestre, tocarei poucas palavras. Ele dissera “julgamento futuro”, mas, como homem precavido, temeu dizer somente “quando” e colocou “quando deste julgamento”, de modo que nós, esquecidos das palavras anteriores, não pensássemos em “asno”, caso não tivesse repetido “julgamento” pela segunda vez. O que ele introduz também em seguida: “Aqueles que incriminam seus irmãos, com o diabo entrarão em posse da herança do fogo eterno”, contém a mesma graça. Quem alguma vez ouviu “tomar posse das chamas” e “usufruir dos suplícios”? Mas, como homem grego que é, parece-me que ele quis traduzir a si próprio e, em vez da expressão “*kleronomesousin*”<sup>26</sup> que é usada entre os gregos, e que entre nós pode ser usada com um único vocábulo “eles herdarão”, ele empregou uma expressão mais trabalhada e mais ornamentada “entrarão em posse da herança”. Todo o seu discurso está cheio de frivolidades e impropriedades deste gênero. Mas voltemos ao conteúdo.

**7.** O diabo é ferido com terrível lançada, “aquele que a todos manifestou-se como causa do pecado”, se, como os homens, deve prestar contas de suas obras e, com seus anjos, “tomar posse da herança do fogo eterno”! Só faltava, pois, essa: que ele, uma vez estando os homens submetidos ao suplício, ele não tomasse posse das chamas pelas quais, por tanto tempo, havia suspirado! E tu me pareces fazer calúnia ao diabo nesta passagem e acusar o acusador de todos de falsos crimes. Tu dizes, pois: “aquele que se manifestou a todos como causa do pecado” e enquanto imputas sobre ele os crimes, tu libertas os homens da sua culpabilidade e retiras-lhes o poder do livre-arbítrio, quando o Salvador diz que de nosso coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias;<sup>27</sup> e nós lemos de novo sobre Judas em seu Evangelho: “depois do bocadinho, entrou nele Satanás”,<sup>28</sup> porque, antes do bocadinho, ele havia pecado voluntariamente e não se inclinou ao arrependimento nem pela humildade nem pela clemência do Salvador. E por essa razão, diz o Apóstolo: “Eu os entreguei a Satanás para que aprendam a não blasfemar”;<sup>29</sup> e em outra passagem: “Eu entreguei a Satanás para a ruína da carne desta espécie de homens, para que o espírito seja salvo”.<sup>30</sup> Entregou-os a Satanás, como a um carrasco para puni-los, aqueles que, antes que fossem

entregues, haviam blasfemado por vontade própria. E Davi disse: “Purifica-me, Senhor, das minhas faltas ocultas e poupa teu servo das alheias”,<sup>31</sup> designando brevemente tanto o desvio de sua vontade e os aguilhões dos seus vícios. Nós lemos também no Eclesiastes: “Se o espírito daquele que tem o poder de subir até o teu coração, não abandones teu lugar”.<sup>32</sup> De onde se mostra claramente que, se dermos lugar àquele que sobe, nós teremos pecado por ter dado lugar ao que escala nossos muros, não teremos empurrado o inimigo que cai de cabeça para baixo.

Porque amaldiçoas a teus irmãos, isto é, àqueles que te acusam, às chamas eternas com o diabo, não me parece tanto esmagar teus irmãos quanto aliviar o diabo, visto que o diabo há de ser punido com as mesmas chamas com as quais serão punidos os homens cristãos. Quanto ao que se refere às chamas eternas, penso que o que Orígenes costuma entender por isto não te escapa, a saber, a consciência que se tem de seus pecados, e o arrependimento que queima o íntimo do coração, segundo o que diz Isaías: “o verme deles não morrerá e o fogo deles não será apagado”;<sup>33</sup> e contra Babilônia foi escrito: “tu tens carvões ardentes, e sentar-te-ás sobre eles e eles serão para ti úteis”;<sup>34</sup> e que se ouça o penitente dizer em um salmo: “o que se deve dar a ti ou acrescentar-te contra a língua astuciosa? As flechas agudas do poderoso com as brasas devastadoras”,<sup>35</sup> a fim de que as flechas dos preceitos de Deus, dos quais diz o profeta em outra passagem, firam e perfurem a língua astuciosa e façam nela a solidão dos pecadores: “Eu vivi na infelicidade, enquanto se me crava um espinho”.<sup>36</sup> Também aquela passagem em que o Senhor diz: “Eu vim pôr fogo sobre a terra e como eu desejo que ele queime!”,<sup>37</sup> assim é interpretado: Desejo que todos façam penitência e que se consumam pelo fogo do Espírito Santo os vícios e os pecados. Eu sou, pois, aquele de quem se escreve: “Deus é um fogo devorador”.<sup>38</sup> Não é, pois, terrível afirmar a respeito do diabo aquilo que também foi preparado para os homens. Tu deverias ter antes dito, para afastar a suspeita de salvação do diabo: “Tu tornaste perdição, tu te acabarás para sempre”,<sup>39</sup> e da pessoa do Senhor falando a Jó a respeito do diabo: “eis que sua esperança o iludirá e, à vista de todos, será precipitado nos infernos. Não o suscitarei por sua crueldade. Quem pode, pois, manter-se diante de minha face? Quem me deu primeiramente que eu lhe deva devolver? Tudo o que existe sob o céu é meu. Eu não o pouparei, ainda que suas palavras sejam poderosas e dispostas para a súplica”.<sup>40</sup> Na verdade, estas ideias podem ser justificadas como de um homem ingênuo e, visto que não se esquivam às pessoas instruídas, podem, junto às pessoas ignorantes, apresentar, em primeiro lugar, aparência de inocência.

**8.** O que se segue a respeito da condição das almas não pode ser absolutamente justificado. Com efeito, ele diz: “Ouço dizerem que se levantaram problemas a respeito da alma. A propósito disto, cabe a vós considerar, sobre este assunto, se se deve acolher ou rejeitar a queixa. Se, pois, me perguntam a minha opinião, eu confesso que, sobre este problema, li diversas posições, no maior número possível de autores. Li alguns autores que diziam que, juntamente com o corpo, a alma também é espalhada por intermédio da semente humana e isto, com os argumentos com que eles podiam, eles o confirmavam. Entre os latinos, eu penso que esta seja a opinião de Tertuliano<sup>41</sup> ou Lactâncio,<sup>42</sup> e talvez também de alguns outros. Uns afirmam que Deus, uma vez formados os corpos no útero, faz cada dia as almas e as infunde nos corpos. Outros afirmam terem elas sido feitas já desde muito tempo, isto é, quando então Deus criou tudo a partir do nada e a partir de então Deus regula o nascimento das almas no corpo segundo o seu próprio julgamento. Tal é a opinião de Orígenes e de alguns outros gregos. De minha parte, embora tenha lido cada uma destas teorias, sendo Deus testemunha disto, eu afirmo que, até o presente, não detenho nada de seguro ou preciso sobre esse problema, mas eu deixo a Deus o conhecer o que este problema seja na verdade e se para alguém este

se dignar a revelá-lo. Por mim, não nego, porém, ter lido também cada uma destas teorias e confesso que até aqui continuo ignorando-as, salvo este ponto que a Igreja transmite claramente, o qual diz que Deus é o criador das almas e dos corpos”.<sup>43</sup>

**9.** Antes que discuta sobre o conteúdo, admirarei as palavras de nosso Teofrasto: “Ouço dizerem que se levantaram problemas a respeito da alma. A propósito disto, cabe a vós considerar, sobre este assunto, se se deve acolher ou rejeitar a queixa.” Se foram levantadas questões a respeito da condição da alma em Roma, que pesar ou queixa é esta que deixa ao julgamento dos bispos determinar se deve ser admitido? A menos que, por acaso, “problema” ou “queixa” venham a significar, em seu julgamento, a mesma coisa e que ele tenha descoberto uma figura deste gênero nos comentários de Capro! Ele continua: “Li alguns autores que diziam que, juntamente com o corpo, a alma também é espalhada por intermédio da semente humana e isto, com os argumentos que eles podiam, eles o confirmavam”. Eu te pergunto: que atrevimento é este no uso das figuras? E esta desordem no emprego dos modos e tempos? “Li alguns autores que dizem... eles o confirmavam com os argumentos que eles podiam”. E no que segue: “Outros sustentam que Deus, uma vez os corpos formados no útero, criaria as almas cotidianamente e aí as infundiria. Segundo outros, elas teriam sido feitas, já há muito tempo, isto é, no tempo em que Deus tudo criou a partir do nada, agora regularia que elas nascessem no corpo segundo seu julgamento”. Eis então a belíssima ordem: “Outros, diz ele, sustentam isso ou aquilo. Outros sustentam que elas foram feitas há muito tempo, isto é, no tempo em que... agora regularia que elas nascessem no corpo segundo seu julgamento”. Ele fala tão afetada e confusamente que eu me canso mais ao censurar do que ele ao escrever. No final, ele acrescentou: “De minha parte, ainda que eu tenha lido cada uma destas teorias...” e enquanto seu pensamento ficava em suspense, ele acrescentou, como se adiantasse algo de novo: “eu não nego, porém, ter lido cada uma destas teorias e confesso a ignorância em que permaneço”.

**10.** Ó almas desventuradas que, por tão grandes golpes de lança de imperfeições, são feridas. Eu não penso – segundo o erro de Orígenes – que as almas, tendo precipitado do céu sobre a terra e revestido corpos grosseiros, tenham sofrido tanto quanto agora que, de ambas as partes, estão golpeadas por palavras e ideias, sem mencionar a expressão *malsoante*<sup>44</sup> que diz que a alma é propagada por intermédio da semente humana. Sei que não é costumeiro repreender entre os cristãos os defeitos de estilo, mas eu quis, com poucos exemplos, mostrar de qual irreflexão é ensinar o que desconheças, escrever o que ignores, de modo que nos ponhamos em busca de uma tal sagacidade também sobre o fundo.

Ele envia uma carta, isto é, um bastão vigorosíssimo do qual pode armar-se o bispo da cidade de Roma. E na questão mesma, pela qual os cães ladram, diz que não sabe aquilo que se investiga. Se ele ignora a qual propósito uma calúnia é desencadeada contra si, que necessidade há de enviar uma apologia que não contenha a sua defesa, mas a confissão de sua ignorância? Isto é não adormentar as suspeitas entre os homens, mas encadeá-las. Ele cita três pontos de vista sobre a condição das almas e conclui no final: “Eu não nego, diz, ter lido cada uma destas teorias e confesso que continuo ignorando”. Talvez tu o julgarias um Arcesilau<sup>45</sup> ou Carnéades,<sup>46</sup> que afirma que tudo é incerto, embora ele os ultrapasse em precaução. Eles que não suportavam a hostilidade de todos os filósofos porque estes privavam de vida a vida, descobriram o verossímil para temperar pelo provável sua ignorância da realidade das coisas. Este se diz estar na incerteza, e dos três pontos de vista, ele não sabe absolutamente qual seja o verdadeiro. Se havia de responder isto, que razão o impeliu que fizesse testemunha de sua ignorância a tão eminente pontífice? Seguramente é esta lassidão que tornou impossível sua vinda a Roma, ele que estava esgotado por uma viagem de trinta anos. E quantas outras

questões desconhecemos e não procuramos, porém, testemunhas de nossa incompetência! A propósito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, do nascimento do Senhor Salvador, sobre o qual exclama Isaías: “Quem narrará sua geração?”,<sup>47</sup> ele fala com audácia e reivindica, para o seu conhecimento, o mistério ignorado por todos dos séculos passados.<sup>48</sup> E isto apenas ignora: aquilo que, se ignorado aos olhos de todos, provoca escândalo. Ele sabe como uma virgem gerou a Deus e não sabe como ele próprio tenha nascido. Ele reconhece que Deus seja o criador das almas e dos corpos: “Seja que as almas tenham existido antes dos corpos, seja que elas nasçam com o começo dos corpos, seja que elas sejam enviadas uma vez que os corpos tenham tomado forma e figura no ventre, em todas as coisas nós reconhecemos que Deus é-lhes autor”. Nem vem ao caso, no momento, saber se Deus ou um outro as tenha feito, mas qual das três posições que ele propôs é a verdadeira: ele diz que não sabe.

Toma cuidado para que não te acusem logo de confessar tua ignorância dos três por não seres obrigado a condenar um deles, e assim poupar a Tertuliano e Lactâncio para não degolar Orígenes com eles. Tanto quanto minha memória me vale, e salvo engano de minha parte, ignoro ter lido que Lactâncio diz que a alma *seria semeada*<sup>49</sup> com o corpo. Pelo menos tu que escreves tê-lo lido, diz em qual livro tens lido para que não pareça que tu calunias a Lactâncio depois da sua morte, como fizeste a mim durante meu sono. Mas nisto avanças ainda cambaleante e precavido. Tu dizes, com efeito: “Eu considero que, entre os latinos, tal é a posição de Tertuliano e Lactâncio, e talvez também de alguns outros”. Tu não te contentas em ter dúvidas sobre o estado das almas, mas mesmo no que diz respeito às opiniões dos autores, tu “achas”. Entretanto, isto tem alguma importância! De fato, com relação às almas, ignoras abertamente e confessas a falta de conhecimento. Sobre os autores, porém, assim tu dizes saber ao ponto de “achar”, preferencialmente a afirmar algo sobre eles. É só a respeito de Orígenes que não caís em embaraço. Efetivamente, tu dizes: “Assim pensa Orígenes”. E eu te indagarei: pensa bem ou mal? Tu dizes: eu não sei. Por que tentas, portanto, instruir-me, despachando-me correspondências e numerosíssimos emissários para que eu saiba o que ignoras? E, para que, por acaso, eu não vá crer em tua incompetência, e que não estime que tu fazes sabiamente silêncio sobre o que sabes, tu juras “tomando Deus por testemunha” que, até o presente, “algo de certo e preciso sobre esta questão não tens” e tu “deixas a Deus o conhecimento do que ele é na verdade, assim como aquele a quem ele se dignar revelá-lo”. No decorrer de tantos séculos, ninguém te parece ter sido digno de ter recebido as revelações do Senhor sobre esta questão? Nem um patriarca, nem um profeta, nem um apóstolo, nem um mártir? Nem a ti, também, quando tu te detinhas nas prisões e exílios, os mistérios desta espécie foram revelados? O Senhor disse nos Evangelhos: “Pai, revelei o teu nome aos homens”.<sup>50</sup> Aquele que revelou o Pai, calou-se sobre o estado das almas? E te admiras que, contra ti, se arrojem os escândalos dos irmãos, quando então juras ignorar o que as Igrejas de Cristo reconhecem que sabem.

**11.** Depois da exposição da sua fé, ou antes a confissão da sua ignorância, ele passa a um outro ponto e esforça-se por justificar por qual razão tenha vertido para o latim os livros *Perì Archôn*. E eis textualmente o que ele escreve: “Em verdade, porque ouço também que mesmo a tradução latina de certos textos de Orígenes do grego para o latim a pedido dos irmãos deu lugar a discussão, eu penso que todos entendem que apenas o ciúme provocou essas acusações. Se, com efeito, existe algo que desagrade no autor, por que distorcê-lo contra o tradutor? Assim, o teor do texto grego, pediram-me que, em latim, o apresentasse tal qual. Aos sentidos gregos eu me contentei em dar as palavras latinas. Portanto, se há nessas ideias algum mérito, este não é meu; se há alguma culpa, igualmente não é minha”.<sup>51</sup> Ele diz: “Eu ouço também que isso deu lugar a uma discussão”. Com quanta prudência ele chama de “discussão” a acusação feita a ele! “A tradução latina de certos textos de Orígenes que eu fiz

a partir do grego a pedido dos irmãos...” Quais são aqueles “certos” textos? Não têm nome? Tu guardas silêncio. Os livros dos acusadores vão falar. “Eu creio, ele diz, que todos entendem que só o ciúme provocou estas acusações”. Qual ciúme? Por acaso invejam a tua eloquência, ou então fizeste aquilo de que nenhum homem nunca foi capaz? Eia, pois, eu também traduzi muita coisa de Orígenes, e exceto tu, não há ninguém que me inveje ou calunie. “Se, com efeito, ele diz, se há algo que desagrade no autor, por que voltar seu desagrado ao tradutor? Pediram-me que apresentasse tal qual em latim o teor do texto grego. Eu me contentei em dar aos sentidos gregos palavras latinas. Portanto, se há nessas ideias algum mérito, este não é meu; se há alguma culpa, igualmente não é minha.” E tu te admiras que os homens tenham má impressão de ti, quando fazes declarações de blasfêmias manifestas. “Se há algo que desagrade no autor...” A todos desagradam aquelas coisas que foram ditas naqueles livros e tu és o único a duvidar e te lamentas que isto que louvaste no prefácio da tua tradução se dirija contra o tradutor. Pediram-te que traduzisses para o latim tal como era expresso em grego. Oxalá tivesses feito aquilo que finges ter-te sido pedido! Tu não te sujeitarias a nenhuma inveja. Se tu tivesses observado a fidelidade da tradução, eu não teria tido a obrigação de arruinar uma falsa tradução pela verdadeira. Tu tens consciência daquilo que acrescentaste, daquilo que suprimiste, daquilo que modificaste como te pareceu bom em um e outro sentido e, depois disso, tu ousas dizer que não é a ti, mas ao autor que se devem imputar as boas e más coisas. E oprimido pela hostilidade, tu moderas ainda tuas palavras e falas como se andasses com passos contados sobre pontas de espigas: “Que haja nestas ideias algum mérito... ou que haja alguma culpa...” Tu não ousas defendê-los; entretanto, tu não queres condená-los. Escolhe das duas opções a que queres, a escolha te é dada: se a tua tradução é boa, louva; se é má, condena.

Mas ele se esquiva e acrescenta um outro artifício. Ele diz, com efeito: “Ainda mais, acrescentei mais isso, como eu o assinalei em meu prefaciozinho, que, na medida do possível, eu cortei um bom número de passagens, aquelas que, porém, caíam sob minha suspeita, porque elas não pareciam ter sido ditas pelo próprio Orígenes, mas interpoladas por outros, e isso porque eu tinha lido uma formulação católica dos mesmos assuntos em outras passagens do mesmo autor”.<sup>52</sup> Admirável eloquência e com variação de flores áticas: “Ainda mais” e “acrescentei mais... que caíam sob minha suspeita”! E ele ousou transmitir a Roma estas monstruosidades verbais! Talvez acredites que sua língua, travada e atada com nós inextricáveis, com muito custo possa fazer sair um som humano. Mas que eu volte ao assunto.

Quem te deu esta licença para cortares muitas passagens da tradução? Haviam-te pedido que traduzisses o grego para o latim, não que o corrigisses; que apresentasses os pareceres de um outro, não que redigisses os teus próprios. Tu reconheces que não fizeste o que te pediram, cortando várias passagens. E oxalá tivesses cortado as passagens viciosas e não tivesses colocado tuas inúmeras passagens na defesa das más passagens. Destes exemplos, eu tomarei um, de modo que, a partir deste, sejam também conhecidos os demais. No primeiro livro do *Peri Archôn* em que Orígenes, com língua sacrílega, proferiu a blasfêmia de que o Filho não vê o Pai,<sup>53</sup> tu também expões as razões, como se o próprio escritor em pessoa as expusesse; e tu traduzes o *Comentário*<sup>54</sup> de Dídimo, em que ele tenta por vãos esforços defender o erro de outrem, que Orígenes, na verdade, teria falado bem. Mas nós, homens simples e domesticados de Ênio,<sup>55</sup> não podemos compreender nem a sabedoria de Orígenes, nem a tua, que o traduziste.

O teu prefácio, ao qual fazes menção e no qual me cobres de admiráveis elogios, te faz réu de péssima tradução. Tu dizes, com efeito, que do grego cortaste muitas passagens, ainda que guardes silêncio sobre o que acrescentaste. As passagens que cortaste eram boas ou más? Más, com certeza. As passagens que conservaste eram boas ou más? Boas, com certeza, e, com efeito, não podias traduzir as



más. Portanto, cortaste as más e deixaste as boas? Ninguém tem dúvida disso. Ora, as passagens traduzidas revelam-se quase todas más. Por conseguinte, o que quer que eu mostre de ruim na tradução a ti será imputado que o traduziste como bom. É como se fosse um censor iníquo diante dos culpados de um mesmo crime, despediras a uns do Senado como réus, e a outros manterias na cúria. Mas tu dizes: eu não podia mudar tudo. Eu acreditei que devia me contentar de suprimir o que eu julgava serem acréscimos dos hereges. Muito bem. Se tu suprimiste aquilo que acreditavas ter sido acrescentado pelos hereges, então aquilo que deixaste é, pois, daquele que traduzias. Se é daquele que traduziste, responde se é bom ou mau. Tu não podias traduzir o que é ruim, pois suprimiste uma vez por todos os acréscimos dos hereges. A menos que, por acaso, tenha-te sido necessário suprimir as más passagens dos hereges e traduzir para o latim os erros integrais de Orígenes. Diz, pois, por que traduziste as más passagens de Orígenes para o latim: foi para denunciar o fautor do mal, ou foi para louvá-lo? Se o denuncias, por que o louvas no prefácio? Se o louvas, tu és reconhecido herege. Resta que avançaste estes textos como bons. Mas estes bons textos revelam-se maus. Por conseguinte, tanto o autor quanto o tradutor cairão sob a única e mesma acusação, e este adágio se cumprirá: “Tu vias um ladrão e corrias com ele e punhas teu quinhão com os adúlteros”.<sup>56</sup> Não é necessário que, por meio de arrazoado, um assunto evidente se faça duvidoso. Dando sequência, que ele diga de onde lhe veio a suspeita de que tais passagens tinham sido acrescentadas pelos hereges; é que ele diz: “Eu tinha lido uma formulação católica dos mesmos assuntos em outras passagens do mesmo autor”.

**12.** Vejamos o que é o primeiro ponto, que por ordem tenha vindo ao segundo. Eu constato, entre os múltiplos erros de Orígenes, estas principais heresias: que o Filho de Deus seria uma criatura; o Espírito Santo, um ministro de Deus. Mundos inumeráveis se sucederiam na eternidade dos séculos, os anjos se transformariam em almas humanas. A alma do Salvador teria existido antes que nascesse de Maria e seria ela [a alma] que, “ainda que fosse de condição divina, não reteve ciosamente a classe que a igualava a Deus, mas se aniquilou tomando a condição de servo”;<sup>57</sup> a ressurreição de nossos corpos haveria de acontecer sem que tivessem os mesmos membros, visto que, cessando as funções dos membros, para nada estes nos seriam dados. Os próprios corpos, tênues e espirituais, esvaecer-se-iam e dissipar-se-iam em um sopro sutil para reduzir-se a nada. E quando da restauração universal, quando o perdão soberano tiver vindo, então os querubins e os serafins, tronos, principados, dominações, virtudes, potestades, arcanjos, anjos, diabo, demônios, as almas de todos os homens, tanto de cristãos como de judeus e gentios, teriam uma única situação e estatura. E quando tiverem alcançado a igualdade de condição e de nível, e que o exército novo do povo de retorno do exílio do mundo tiver apresentado criaturas racionais libertadas de todas as impurezas dos corpos, então de novo, com um novo começo, um outro mundo e outros corpos que revestiriam as almas caídas do céu surgiriam, de modo que nos seria necessário temer que nós agora, que somos homens, nasçamos mulheres depois, e aquela que hoje é virgem, então talvez seja uma prostituta. Essas heresias nos livros de Orígenes eu exponho; indica tu em qual das suas obras tu tenhas lido o contrário.

**13.** Não quero que digas: “Aquilo de que tinha lido sobre os mesmos assuntos numa formulação católica em outras passagens do mesmo autor”. Para que não me remetas aos seis mil livros de Orígenes que tu acusas ao venerável papa Epifânio de ter lido. Mas designa as passagens precisas. Não me basta isso ainda, a não ser que tenhas citado textualmente as afirmativas em questão. Orígenes não é um imbecil e eu sei disso. Ele não pode contradizer-se. Desde então, deste cálculo chega-se ao resultado seguinte: que não é dos hereges aquilo que suprimiste, mas de Orígenes, do qual traduziste as más passagens que julgaste boas, a ti devem ser imputadas tanto as boas quanto as más passagens dele, cujos escritos em teu prólogo tiveram tua aprovação.

**14.** Na mesma apologia segue: “Quanto a mim, eu não sou nem o defensor, nem o advogado, nem o primeiro tradutor de Orígenes. Outros antes de mim tinham realizado esta mesma tarefa. Eu também a realizei por último, a pedido dos irmãos. Se se ordena que não se faça, a ordem costuma ser cumprida no futuro. Se aqueles que a realizaram antes da ordem recebem culpa, que a culpabilidade seja atribuída àqueles que começaram”.<sup>58</sup> Enfim, ele vomitou o que queria, e o abscesso de toda a sua alma arrojou o ódio em nossa acusação. Quando ele traduz os livros do *Peri Archôn*, ele diz que me segue; quando ele é acusado de tê-lo feito, ele cita meu exemplo. Tanto em segurança quanto em perigo, ele não pode viver sem mim. Que ele ouça, pois, o que ele finge ignorar. Ninguém te censura por haver traduzido Orígenes – de outro modo, Hilário e Ambrósio cairão sob esta acusação – mas por haver apoiado com o elogio de teu prefácio as heresias que traduziste. Eu próprio que tu incriminas, eu traduzi setenta homilias de Orígenes e alguns de seus tomos, de sorte que, traduzindo as boas passagens, eu retirava as más e que, para refutar tua tradução, eu mostrava abertamente, no *Peri Archôn*, o que o leitor devia evitar. Tu queres traduzir Orígenes para o latim? Tu tens muitas homilias de Orígenes e tomos nos quais o sentido moral é tratado e são explicadas as passagens obscuras das Escrituras. Traduz aquelas, dá-as àqueles que te pedem. Por que teu primeiro trabalho começa pela má reputação? Por que, no momento de traduzir as heresias, tu as fazes preceder, para defendê-las, do pretensio livro de um mártir e repisas aos ouvidos romanos aquilo que, traduzido, aterrorizou o mundo todo? Ou, em todo caso, se é para acusá-lo de heresia que traduzes Orígenes, nada mudes no texto grego, e atesta no prefácio aquilo mesmo que o nosso papa Anastásio exprimiu muito sabiamente na epístola que ele escreve contra ti ao bispo João, absolvendo-me por havê-lo feito e culpando a ti que não quiseste fazê-lo. E para que não negues talvez também, eu anexei um exemplar da carta, de modo que, se não queres ouvir o irmão que te adverte, tu ouças um bispo que te condena.

### **Segunda parte: Refutação do tratado de Rufino sobre a adulteração dos livros de Orígenes**

**15.** Tu dizes que não és o defensor, nem o advogado de Orígenes. Já vou citar-te agora o teu livro, do qual falas naquele famoso prefaciozinho de tua notável obra, com os termos seguintes: “A razão desta divergência, nós te fizemos conhecê-la mais completamente na apologia escrita por Pânfilo em seus livros, acrescentando um breve libelo em que, por provas a meu ver evidentes, nós mostramos que hereges e pessoas mal-intencionadas tinham falsificado os livros de Orígenes em numerosas passagens e principalmente nestas que me exigis agora que eu traduza, isto é, o *Peri Archôn*”.<sup>59</sup> A defesa de Orígenes por Eusébio não te havia bastado ou, pelo menos, como tu queres, a de Pânfilo, a não ser que tu acrescentasses, como se fosses mais inteligente e mais sábio, aquilo que consideravas que eles tinham tratado insuficientemente. Eu levaria muito tempo se eu quisesse introduzir teu livro todo na obra que aí está e, tendo sido apresentados os parágrafos, responder ponto por ponto, assinalando as incorreções, as afirmações mentirosas, a própria falta de encadeamento de palavras no texto. É por isso que, fugindo ao tédio da discussão filandrosa e compactando as palavras em articulações, responderei apenas com relação ao conteúdo. Logo que saía do porto deu com o navio a pique.<sup>60</sup> Tratando, com efeito, da Apologia do mártir Pânfilo – que demonstramos ser de Eusébio, chefe dos arianos – da qual ele havia dito: “Na medida de nossas possibilidades, ou das exigências do empreendimento, nós a organizamos pela língua latina”,<sup>61</sup> ele avançou isso: “Eis aquilo que quero de que sejas avisado, Macário, homem de desejos:<sup>62</sup> que saibas que esta regra de fé, em todo caso, exposta por nós acima segundo seus livros, é tal que se deve abraçar e guardar. Porque se mostra evidente que, em todos estes pontos, há um sentido católico”.<sup>63</sup>

Embora ele tenha feito muitas supressões no livro de Eusébio e tenha-se esforçado a modificar no

bom sentido aquilo que diz respeito ao Filho e ao Espírito Santo, encontramos aí muitas pedras de escândalo e blasfêmias absolutamente manifestas que ele não poderá renegar, visto que ele as proclama católicas. Eusébio ou, como queres, Pânfilo diz no mesmo volume que o Filho é ministro do Pai, que o Espírito Santo não é da mesma substância do Pai e do Filho; que as almas humanas caíram do céu e se transformaram, de anjos, nisto que nós somos; que na restauração universal, anjos, demônios e homens serão iguais; e muitas outras impiedades e abominações que seria até um crime reproduzir.

O que fará o advogado de Orígenes e o tradutor de Pânfilo? Se há tanta blasfêmia naquilo que ele corrigiu, quantos sacrilégios estão contidos naquilo que ele pretende ter sido falsificado pelos hereges! Para justificar sua opinião, ele constrói a hipótese de que “um homem que não é nem um idiota nem um louco” não pôde fazer afirmações contraditórias<sup>64</sup> entre si. E para que não pensemos talvez que Orígenes tenha escrito variadas coisas em tempos diversos e que ele tenha publicado posições contrárias segundo as épocas, ele acrescentou: Que fazemos quando, às vezes, nas mesmas passagens e, por assim dizer, de um capítulo a outro, um ponto de vista contraditório acha-se intercalado? Por acaso, na mesma obra do mesmo livro e, às vezes, como dissemos, justamente de um capítulo a outro, pôde Orígenes estar esquecido de si, por exemplo, ele que dissera acima que não se acha em nenhuma parte em toda a Escritura em que se dissesse que o Espírito Santo tenha sido feito ou criado, ele acrescentaria que o Espírito Santo foi feito entre as outras criaturas? Ou então novamente aquele que apontou o Pai e o Filho como de uma só substância, que em grego se diz *consustancial*,<sup>65</sup> desde os capítulos seguintes poderia dizer que o Espírito Santo é de uma outra substância e que foi criado, aquele de quem ele havia proclamado pouco antes que o Espírito Santo havia nascido da mesma natureza de Deus Pai?<sup>66</sup>

**16.** São suas próprias palavras, ele não pode negá-lo. Não quero que tu digas: “por exemplo, ele que tinha dito mais acima...”, mas cita precisamente o livro em que, escrevendo que o Espírito Santo e o Filho são consubstanciais ao Pai, logo a seguir ele teria sustentado que eles são criaturas. Não sabes tu que eu tenho tudo de Orígenes, que eu o li em sua maior parte?

“Ao povo o ouropel! Eu, de minha parte, conheço-te por dentro e até sob a pele.”<sup>67</sup>

O sapientíssimo Eusébio – eu disse sapientíssimo, não católico, para que não trames para mim uma calúnia com tua maneira habitual e, também nisso – não faz no decorrer dos seis volumes nada mais que manifestar que Orígenes partilha sua fé, isto é, a perfídia ariana. Ele dá muitos exemplos e o verifica constantemente. Em qual sonho do cárcere alexandrino foi-te revelado que inventasses a falsificação das passagens que ele, Eusébio, declara autênticas? Mas talvez este, enquanto ariano, forçou em um sentido favorável a seus erros os acréscimos dos hereges, para que não o considerassem o único a contrapor à Igreja seu sentimento errôneo. O que responderás tu por Dídimo que, pelo menos no que diz respeito à Trindade, é católico, e cujo livro sobre o Espírito Santo nós também traduzimos para a língua latina? Certamente ele não pode concordar com aquilo que os hereges acrescentaram nas obras de Orígenes. E nos próprios livros do *Peri Archôn*, que tu traduziste, ele compôs breves comentários, não para negar que o que aí se acha escrito tenha sido escrito por Orígenes, mas que nós, homens simples, não podemos entender as coisas que aí são ditas, e ele tenta persuadir-nos em qual sentido estas devem ser tomadas em boa parte – pelo menos no que diz respeito ao Filho e ao Espírito Santo. Aliás, quanto às outras teses, tanto Eusébio quanto Dídimo muito abertamente partilham as posições de Orígenes e aquilo que todas as Igrejas reprovam, eles defendem que foi formulado pia e catolicamente.

**17.** Vejamos, porém, por quais argumentos ele se esforça para provar que os escritos de Orígenes

foram corrompidos pelos hereges. Clemente, ele disse, discípulo dos apóstolos, que foi, depois dos apóstolos, bispo e mártir da Igreja romana, publicou livros que têm por título *Anagorismós*,<sup>68</sup> isto é, Reconhecimento, nos quais, enquanto bom número dentre eles expõem em nome do apóstolo Pedro uma doutrina tida por verdadeiramente apostólica, insere-se em alguns a crença de Eunômio,<sup>69</sup> de tal modo que nada mais se creia que o próprio Eunômio faça suas discussões, assegurando que o Filho de Deus foi criado a partir de nenhum ser existente.<sup>70</sup> Depois de outras considerações que seria prolongado descrever, ele diz: “O que, pergunto eu, deve-se pensar disso? Que um homem apostólico tenha escrito heresias? Ou deve-se acreditar antes isso... que homens perversos, para defender suas opiniões, sob o nome de santos varões, tanto quanto seja mais fácil de se acreditar, inseriram coisas que não se deve acreditar que eles tenham pensado ou escrito?”<sup>71</sup> Ele escreve também em seus livros que Clemente, presbítero da Igreja de Alexandria, homem católico, diz, algumas vezes, que o Filho de Deus foi criado,<sup>72</sup> e Dionísio, bispo da cidade de Alexandria, homem cultíssimo, que discute em quatro volumes contra Sabélio,<sup>73</sup> cai na crença ariana.<sup>74</sup> E sob estes exemplos, aquilo faz com que se ateste que os membros da Igreja e os católicos não tiveram opinião errônea,<sup>75</sup> mas que os hereges corromperam seus escritos, e que se conclua, ao fim, dizendo: “A propósito de Orígenes também, no qual igualmente se encontra certa divergência, como naqueles dos quais falamos acima, isto não bastaria para pensar o que se pensa sobre os católicos já previamente examinados ou que se entende para os varões, nem de semelhante causa basta semelhante justificativa”.<sup>76</sup>

Se se admite que tudo que se encontra nos livros de todos tenha sido corrompido por outros, nada será daqueles dos quais se ostenta por nomes, mas será atribuído àqueles por quem se diz ter sido falsificado, ainda que também daqueles dos quais incertos são os nomes. E disso resultará que, enquanto tudo é de todos, nada é de ninguém. Graças à confusão que este sistema de defesa mantém, nem Marcião,<sup>77</sup> nem Mani,<sup>78</sup> nem Ário,<sup>79</sup> nem Eunômio poderão ser acusados, porque tudo o que nós censuramos que por eles tenha sido sacrilegamente dito, os discípulos responderão que assim não foi publicado por seus mestres, mas que foi violado por seus inimigos. Desta maneira, mesmo este livro do qual tu és o próprio autor não será teu, mas talvez meu, e o meu livro, no qual eu respondo a ti, sob acusação, não será meu, se tu criticas nele alguma coisa, mas será teu, por quem ele é criticado. Enquanto tudo reportas aos hereges, o que atribuirás aos homens da Igreja aos quais nada deixas de próprio? E como, dirás tu, em seus livros, existem algumas passagens corrompidas? Se eu responder que desconheço as razões das falsificações, eu não vou logo julgar os autores heréticos. Pode acontecer ou que se tenham simplesmente enganado, ou que tenham escrito com outro sentido, ou, como copistas incompetentes, seus escritos tenham-se paulatinamente corrompido, ou, pelo menos, antes que Ário não nascesse em Alexandria, como o demônio do meio-dia,<sup>80</sup> que tenham falado certas coisas inocentemente e com menos prudência, e que não pudessem esquivar a calúnia de indivíduos pervertidos.

Contra Orígenes são lançadas acusações e tu não o defendes, tu acusas outros e não refutas a acusação, mas buscas uma multidão de culpados. Se te fosse dito: quais companheiros Orígenes tem na heresia? Tu terias razão de adiantar estes fatos. Agora perguntam a ti se estas coisas que se encontram escritas nos livros de Orígenes são boas ou más. Tu manténs o silêncio e, em vez destas, falas outras coisas: Clemente diz isso, Dionísio é repreendido neste erro, o bispo Atanásio assim defende o erro de Dionísio, os escritos dos apóstolos foram semelhantemente distorcidos.<sup>81</sup> Do mesmo modo, outros te impingem a acusação de heresia, e tu calas por ti e confessas por mim. Eu não acuso a ninguém, estando contente por haver respondido apenas por mim. Não sou o que denuncias, se tu és aquilo de que te acusam, tu mesmo deves vê-lo. Nem a minha absolvição nem minha acusação te

trarão a prova de tua inocência ou de tua culpabilidade da acusação.

**18.** Depois de haver tratado primeiramente a falsificação infligida aos apóstolos pelos hereges, aos dois, a Clemente e a Dionísio, ele chega a Orígenes e fala nestes termos: “Nós provamos esta falsificação pelos escritos e pelas vozes daquele que disso se queixa e deplora-a. O que o mesmo aturou, na verdade, então quando estava vivendo na carne, em plena consciência e lucidez, quanto às alterações de seus livros e discursos ou de suas versões adulteradas, é-nos ensinado evidentemente pela epístola deste próprio que escreve a alguns de seus caros amigos em Alexandria”.<sup>82</sup> Ele acrescenta logo um exemplar da carta e aquele que imputa aos hereges a falsidade dos escritos de Orígenes, esse começa ele próprio com a falsidade, não traduzindo assim tal qual está contido em grego, nem deixa ouvir em latim o que Orígenes declara em sua carta. Todas as vezes que Orígenes, ao longo de toda a carta, dilacera Demétrio, pontífice da cidade de Alexandria, e ataca os bispos e clérigos do mundo inteiro, e ele diz ter sido em vão excomungado das Igrejas, e não querer replicar as maledicências, de modo que não pareça ser evidentemente maledicente o homem que em tanto tenha sido cauteloso a ponto de não ousar maldizer nem sequer o diabo, o que deu ocasião a Cândido, adepto da tese valentiniana, de lhe imputar caluniosamente que o diabo tem uma natureza tal que ela deve ser salva. Ora, tendo sido dissimulado o argumento da epístola, este inventa em favor de Orígenes aquilo que ele não diz. É por esta razão que eu traduzi uma parte da carta deste, tomando um pouquinho das considerações acima, e a estas juntei aquelas que foram traduzidas fraudulentas e abreviadamente para que o leitor reconheça em qual deliberação ele guardou silêncio sobre o que precedia.

Orígenes, pois, que discutia contra os sacerdotes da Igreja, geralmente, pelos quais tinha sido julgado indigno da comunhão da Igreja, avançou as seguintes palavras: “Que necessidade há de falar sobre as linguagens dos profetas, pelas quais pastores, anciãos, sacerdotes e príncipes do povo sejam, com muita frequência, ameaçados e acusados? Vós podeis sem nós escolhê-las da Sagrada Escritura e ver com muita clareza que talvez seja o nosso tempo de que se fala: ‘Não queirais crer nos amigos nem espereis em vossos chefes’;<sup>83</sup> e agora se cumpre o oráculo: ‘Os dirigentes de meu povo não me conheceram. São filhos estúpidos e sem inteligência. A inteligência, eles a têm para fazer o mal; mas não souberam agir bem’.<sup>84</sup> Deles devemos nos compadecer mais do que devemos odiá-los e orar por eles mais do que maldizê-los.<sup>85</sup> Nós fomos criados para bendizer, e não para maldizer.<sup>86</sup> Daí que também Miguel, quando se debatia contra o diabo pelo corpo de Moisés, não ousou lançar uma sentença blasfematória nem mesmo contra um ser tão perverso, mas disse: ‘Que o Senhor te domine’.<sup>87</sup> Nós lemos igualmente em Zacarias algo de semelhante: ‘Que o Senhor te repreenda, Satanás, que o Senhor te repreenda, ele que elegeu Jerusalém’.<sup>88</sup> Nós também desejamos que sejam repreendidos pelo Senhor aqueles que não querem com humildade ser repreendidos pelo próximo. Quando Miguel diz: ‘Que o Senhor te repreenda, Satanás!’ e Zacarias de modo semelhante, se o Senhor repreende ou não repreende o diabo, a ele cabe decidir; e se repreende, ele saberá como ele repreenderá”. E depois de muitas considerações que seria muito longo transcrever, ele acrescenta: “De nossa parte, nós sentimos que serão rejeitados do Reino dos Céus não só aqueles que cometeram pecados graves, por exemplo, os fornicadores, os adúlteros, aqueles que se deitam com homens e os ladrões,<sup>89</sup> mas também aqueles que cometeram faltas menores, segundo o que está escrito: ‘Nem os bêbados, nem os maledicentes possuirão o reino de Deus’;<sup>90</sup> e tanto na bondade quanto na severidade de Deus, há uma medida.<sup>91</sup> Assim nós nos esforçamos para em tudo agir com discernimento, no ato de beber do vinho<sup>92</sup> e na moderação das palavras,<sup>93</sup> para que a ninguém ousemos maldizer. Assim, embora nos guardemos, por temor de Deus, de proferir maledicências contra quem quer que seja, lembrando-nos daquela sentença: ‘Ele não ousou trazer uma sentença blasfematória’;<sup>94</sup> que se diz de



Miguel contra o diabo em outra passagem: ‘As dominações, certamente, eles rejeitam, as glórias, eles as blasfemam’,<sup>95</sup> alguns daqueles que se comprazem a inventar assuntos de conflito imputam a blasfêmia a nós e a nosso ensinamento. Sobre esse assunto, cabe a eles ver como eles ouvem aquele versículo: ‘Nem os bêbados nem os maledicentes possuirão o Reino de Deus’<sup>96</sup>, ainda que eles digam que o pai da maldade e da perdição daqueles que são rejeitados do Reino de Deus possa ser salvo, o que, nem mesmo alguém tomado de loucura poderia dizer”<sup>97</sup> e o restante que ele<sup>98</sup> traduziu da mesma epístola.

Em lugar da passagem sobre a qual nós traduzimos ao fim palavras de Orígenes: “Assim, apesar de evitarmos, por temor de Deus, proferir maledicências contra alguém etc.”, ele, de sua parte, tendo astuciosamente suprimido a primeira parte da qual depende a sequência, assim se pôs a traduzir a carta como se esse fosse o começo do pensamento. E ele disse: “Alguns daqueles que se comprazem em incriminar seus próximos imputam a nós e à nossa doutrina o crime de blasfêmia que de nós nunca ouviam. A esse respeito, cabe a eles ver, eles que não querem observar aquele mandamento segundo o qual os maledicentes não possuirão o Reino de Deus,<sup>99</sup> e que dizem que eu defendo que o pai da maldade e da perdição daqueles que são rejeitados do Reino de Deus, isto é, o diabo, deve ser salvo, o que, mesmo com a mente atrapalhada e em delírio manifesto, ninguém poderia declarar”.<sup>100</sup>

**19.** Confrontai as palavras de Orígenes que eu traduzi literalmente acima com aquelas que por ele não foram vertidas, mas invertidas, e vós percebereis quanta dissonância têm entre si, não apenas de palavras, mas também de sentidos. Eu vos suplico que não vos seja incômoda uma tradução mais longa. Se traduzimos tudo, é para estabelecer em qual intuito ele guardou silêncio sobre o que precedia.

Os gregos possuem um diálogo de Orígenes e de Cândido, defensor da heresia valentiniana, no qual confesso que assisti ao espetáculo de dois gladiadores lutando entre si com olhos vendados. Cândido diz que o Filho é oriundo da substância do Pai, errando pelo fato de defender que é uma “emissão”, isto é, *probolén*.<sup>101</sup> Ao contrário, Orígenes concorda com Ário e Eunômio, para negar que ele tenha sido emitido ou que tenha nascido, para que Deus não seja dividido em partes, mas diz que ele é uma criatura elevada e eminentíssima, que provém da vontade do Pai, como outras criaturas também. Eles retornam novamente à segunda questão. Cândido defende que o diabo é de péssima natureza e que nunca esta possa ser salva. Contra isso, Orígenes responde com acerto que o diabo não é de natureza perecível, mas que se arruinou por vontade própria e pode ser salvo. Isto Cândido distorce caluniosamente, como se Orígenes tivesse afirmado que a natureza do diabo devesse ser salva. A crítica injustificada do primeiro, o outro a refuta. E entendemos que é apenas neste diálogo que Orígenes denuncia a falsidade herética, e não em outros livros a respeito dos quais nunca houve questionamento. Aliás, se tudo o que há de herético não é de Orígenes, mas dos hereges – quase todos os seus tomos, porém, estão cheios destes erros –, nada será de Orígenes, mas daqueles de quem ignoramos os nomes.

Não lhe basta caluniar os gregos e antigos a respeito dos quais o recuo dos tempos e o distanciamento das regiões lhe dão permissão de dizer todas as mentiras que quiser. Ele vem aos latinos<sup>102</sup> e cita primeiro o confessor Hilário sob a alegação de que, após o sínodo de Rímini,<sup>103</sup> seu livro teria sido falsificado pelos hereges e que, por esta razão, como lhe punham uma dificuldade na assembleia dos bispos, ele teria ordenado que trouxessem de sua casa um livro que, sem que ele soubesse, encerrado em seus cofres, era tido como herético. Como o livro tinha sido produzido e por todos julgado herético, o autor do livro, excomungado, teria deixado a reunião do concílio.<sup>104</sup> Eis o sonho que este caro amigo narra, e se considera ser dono de tal autoridade que ninguém ousa

contradizer a ele que inventa essas coisas contra o confessor. Responde, eu peço: O sínodo pelo qual foi excomungado, em qual cidade aconteceu? Diga o nome dos bispos, diga os sufrágios expressos, os votos contrários e favoráveis. Faz-nos saber quais foram os cônsules naquele ano, qual imperador mandou congregar este sínodo, se só havia bispos da Gália, ou também da Itália e da Espanha, e, pelo menos, por qual razão o Sínodo foi reunido. Nada disso tu mencionas, mas, para defender Orígenes, tu acusas um homem de uma eloquência insigne, que foi a trombeta da língua latina contra os arianos, de ter sido excomungado por um sínodo. Mas é preciso tolerar de qualquer modo a calúnia contra um confessor. Ele passa ao ilustre mártir Cipriano<sup>105</sup> e declara que o livro de Tertuliano intitulado *Da Trindade* é lido e relido sob o nome deste em Constantinopla, pelos hereges do partido macedoniano. Neste agravo, há duas mentiras, porque o livro não é de Tertuliano, também não é atribuído a Cipriano, mas é de Novaciano,<sup>106</sup> está posto em seu nome, e demonstra a elocução do autor pela particularidade do estilo.

**20.** Eu penso que é também supérfluo refutar sandices manifestas, enquanto me é recitada minha historieta – evidentemente uma lira para um asno! –, que eu sou visado sob o nome de um certo amigo de Dâmaso, bispo da cidade de Roma, a quem este teria confiado a redação das cartas eclesiásticas, e que se descrevem as maquinações dos apolinaristas, que, tendo recebido para lê-lo o livro de Atanásio em que se encontra a expressão “dominicus homo”,<sup>107</sup> tê-la-iam alterado, restabelecendo sobre um borrão o que eles teriam raspado, para dar a crer, claro, que não tinha sido falsificado por eles, mas que tinha sido acrescentado por mim.<sup>108</sup> Eu te peço, amigo caríssimo, que, nos tratados eclesiásticos, onde se põe em questão a verdade dos dogmas, e onde se pede com insistência a autoridade dos antigos a respeito da salvação das nossas almas, abandones este gênero de divagações e não tomes histórias de almoços e jantares por prova da verdade. Pode acontecer que, mesmo que tenhas ouvido de mim algo verdadeiro, alguém que não esteja a par da coisa diga que é uma invenção de tua parte e, ao modo do mimo de Filistão,<sup>109</sup> de um Lêntulo<sup>110</sup> ou de um Marulo,<sup>111</sup> um artifício forjado em uma linguagem refinada.

**21.** Até onde não chegaria a temeridade, uma vez desenfreada!<sup>112</sup> Depois da excomunhão de Hilário, depois do livro herético *falsamente atribuído*<sup>113</sup> a Cipriano, depois do borrão acompanhado de uma correção por cima por parte de Atanásio, enquanto eu cochilava, ele estoura finalmente contra o papa Epifânio, exala o sofrimento de seu peito em sua Apologia por Orígenes, porque Epifânio, na carta que ele tinha escrito ao bispo João, o denuncia como herege<sup>114</sup> e se consola com as seguintes palavras: “É bem necessário descobrir neste lugar a verdade escondida. Porque é impossível a qualquer um dos homens fazer uso de tão iníquo juízo que não aprecie identicamente uma causa idêntica. Mas os instigadores da difamação de Orígenes, sendo aqueles que têm costume de manter discussões prolongadas na Igreja, ou mesmo escrever livros, que se inspiram em Orígenes, ou para falar ou para escrever, temendo que muitos deles não se deem conta de seus plágios, os quais, em todo caso não pareceriam de nenhum modo condenáveis, se estas pessoas não fossem ingratas em relação a seu mestre, eles dissuadem da leitura de Orígenes todas as pessoas mais simples. Finalmente, um dentre eles que imagina ter a necessidade, em todas as nações e em todas as línguas, de falar mal de Orígenes, assim como de evangelizar, confessou diante de uma multidão considerável de irmãos que ele tinha lido seis mil livros de Orígenes. Se, de todo modo, como ele costuma dizer, ele os lia com o objetivo de conhecer as teorias viciosas de Orígenes, ele teria podido contentar-se com dez livros para conhecê-las, ou, em todo caso, vinte, ou no máximo trinta. Mas ler seis mil livros não é querer conhecê-los, mas é consagrar quase toda a sua existência a seus ensinamentos e a seu estudo. Como

então este deve ser ouvido meritoriamente, quando ele culpa aqueles que, por causa de sua documentação, fizeram algumas raras leituras de Orígenes salvaguardando a regra de fé em toda fidelidade?<sup>[115](#)</sup>

**22.** Quem são estes “que costumam manter prolongadas discussões na Igreja” e “escrever livros, aqueles que se inspiram em Orígenes para falar e para escrever”, que, enquanto não querem que “sejam reconhecidos os plágios” como seus e “são ingratos em relação ao mestre”, assim “aterrorizam os mais simples com a leitura de Orígenes”? Tu deverias falar por nomes e assinalar precisamente as pessoas. Assim, os veneráveis bispos Anastásio,<sup>[116](#)</sup> Teófilo,<sup>[117](#)</sup> Venério,<sup>[118](#)</sup> Cromácio<sup>[119](#)</sup> e todo o sínodo dos católicos tanto do Oriente quanto do Ocidente que, por uma sentença unânime testemunhando sua unanimidade de espírito, denunciam-no aos povos como herege devem ser condenados como plagiários de seus livros, e, quando nas Igrejas pregam, não são os mistérios das Escrituras, mas os plágios de Orígenes que eles evocam? Não te basta a detração passiva contra todos, a não ser que apontes a lança de teu estilo contra o venerável e insigne sacerdote da Igreja? Quem é aquele “que imagina que tem a necessidade de falar mal de Orígenes, assim como de evangelizar através de todas as nações e através de todas as línguas”, que confessou ter lido seis mil livros de Orígenes, diante de uma multidão considerável de irmãos a ouvir? Tu também, tu te achavas lá, no meio desta multidão e ajuntamento de irmãos, visto que ele se queixa em sua carta que tu avançaste teses sacrílegas em favor da heresia de Orígenes.<sup>[120](#)</sup> Deve-se fazer-lhe o agravo de saber o grego, o sírio, o hebraico, o copta e em parte o latim? Portanto, os apóstolos também e os homens apostólicos, que falavam línguas, caem sob este agravo; e tu, bilíngue, tu vais rir de mim que sou trlíngue? Dos seis mil livros, porém, que dizes que por ele foram lidos, quem crerá que tu dizes a verdade, ou que ele tenha podido mentir? Se, pois, Orígenes tivesse escrito seis mil livros, podia acontecer que, homem erudito e formado desde a infância nas letras sagradas, por curiosidade e ciência, ele fizesse leituras em outros domínios. Mas o que o primeiro não escreveu, como este pôde lê-lo? Conta a lista de seus livros que, no terceiro volume de Eusébio, no qual escreve a vida de Pânfilo, não estão contidas não digo seis mil, mas não acharás a terça parte. Nós temos a epístola do supracitado pontífice, na qual ele responde a esta tua calúnia, enquanto estavas no Oriente, e ele refuta uma mentira flagrante com a fronte soberana da verdade.

**23.** Depois destas e de tantas coisas, ousas dizer em tua apologia que tu “não és o defensor de Orígenes nem seu advogado”,<sup>[121](#)</sup> por cuja defesa Pânfilo e Eusébio te pareceram ter dito pouco. Tentarei, em outra ocasião, responder, se o mestre desta vida me dá o tempo, a seus volumes. No momento, que me baste ter apenas ido ao encontro das afirmações tuas e ter instruído este leitor prudente de que eu vi este livro, que circulava sob o nome de Pânfilo, primeiramente escrito em tua obra, e eu não me preocupava com o que se dissesse de um herege, eu tinha sempre considerado que Pânfilo e Eusébio tinham feito obra diferente; em seguida, porém, levantada a questão, eu quis responder a seus escritos e, por este motivo, eu li o que cada um pensava de Orígenes e compreendi claramente que o primeiro dos seis volumes de Eusébio era aquele mesmo que tu publicaste sob o nome de Pânfilo, tanto em grego quanto em latim, limitando a modificar as ideias relativas ao Filho e ao Espírito Santo que traziam exposta uma blasfêmia flagrante. Assim, também, há dez anos, como Destro, meu amigo, que administrou a prefeitura do pretório, me pedira que lhe compusesse um catálogo dos autores da nossa religião, eu citei, entre outros que disso trataram, este livro publicado por Pânfilo, crendo-o tal qual o havíeis apresentado, tu e teus discípulos. Mas como o próprio Eusébio diz que Pânfilo nada escreveu senão curtas cartas a seus amigos, e que o primeiro livro dos seis volumes de Eusébio encerra o mesmo conteúdo e nos mesmos termos que o que inventaste de colocar sob o nome de Pânfilo, é claro

que, se quisesse espalhar este livro, era para introduzir uma heresia sob o patrocínio de um mártir. E como, precisamente também neste livro que fazes crer que seja de Pânfilo, tu desfiguraste muitas passagens que se encontram de uma forma em grego e de outra em latim, tu não deves imputar uma fraude tua a um erro meu. Eu acreditei, com efeito, que o livro tinha por autor aquele que o seu título ostentava.

Tal como o *Perì Archôn*, também muitas outras obras de Orígenes e vários autores gregos: ou não os li antes ou então eis-me agora forçado a lê-los, desde que foi suscitada a questão da heresia, para saber o que eu devo evitar e o que eu devo aprovar. É porque eu traduzi, em minha juventude, para aqueles que me pediam, as únicas homilias que ele dirigia ao povo e que não continham tão grandes escândalos, sem impedir a ninguém de partir do que recebe aprovação para fazer boa acolhida ao que é manifestamente herético. Em todo caso – para abreviar uma longa exposição – como eu mostro que eu recebi o livro que transcreveram do teu códice, assim faz-nos tu saber de quem tu deténs o exemplar, para que aquele que não tiver podido apresentar um outro autor do livro, é este que tomaremos como culpado de impostura. “O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o que é bom”,<sup>122</sup> e é da doçura dos frutos que se conhece a árvore de generosa semente.<sup>123</sup>

### **Terceira parte: Justificação das traduções bíblicas de Jerônimo**

24. Meu irmão Eusébio escreve-me que ele encontrou, junto aos bispos da África que tinham vindo à corte para tratar de assuntos das Igrejas, uma carta escrita como se fosse em meu nome, e na qual eu fazia penitência e atestava que eu tinha sido em minha juventude induzido por hebreus a traduzir em latim os volumes hebraicos e, nisso, não há nenhuma verdade. Esta novidade me deixou estupefato. E visto que toda palavra é estabelecida na boca de duas e três testemunhas,<sup>124</sup> e que não há crédito para uma única testemunha,<sup>125</sup> nem que a testemunha fosse Catão,<sup>126</sup> os escritos de muitos irmãos enviados de Roma me informaram este fato, indagando se era mesmo isso e indicando com lágrimas aquele por quem a mesma carta foi propagada publicamente. Quem ousou fazer isto, que outra coisa não ousaria fazer? Felizmente a maldade não tem forças proporcionais às suas tentativas! Pereceria a inocência, se a sagacidade estivesse sempre ligada à perversidade e se tudo o que a calúnia deseja prevalecesse. Por mais hábil que ele seja para falar, ele não pôde reproduzir meu estilo, qualquer que ele seja, nem meus torneios de frase, mas, através de seus próprios artifícios e da máscara de um outro de que ele hipocritamente se revestira, ele mostrou quem ele era.

Assim, pois, ele, que tinha forjado uma carta em meu nome em que eu exprimia meu pesar de ter cometido o erro de traduzir os volumes hebraicos, diz-se que ele me reprova de ter traduzido as Santas Escrituras para condenar os *Setenta*:<sup>127</sup> desde então, quer sejam falsos quer verdadeiros os textos que eu traduzi, eu permaneceria alvo de acusação, enquanto confesso que me enganei na publicação de uma nova obra, ou então a versão moderna é uma condenação da velha.

Eu me admiro que ele tenha tratado de homicida e adúltero e sacrílego e parricida e todo tipo de torpezas que o pensamento secreto de uma mente pode revolver em seu interior. Eu devo agradecer-lhe que, sendo tão grande a floresta dos agravos, ele tenha lançado em meu rosto o único agravo de erro ou falsidade. Por acaso, eu falei algo contra a edição dos *Setenta*, que, há vários anos, com o maior cuidado corrigida, eu ofereci aos estudiosos de minha língua, a qual todos os dias na assembleia dos irmãos eu explico, sobre cujos salmos eu medito assiduamente pela recitação cantada. Eu seria tão estúpido de querer esquecer na velhice o que aprendi na infância? Todos os meus tratados foram entrelaçados de citações dos *Setenta*. Os comentários sobre os doze profetas explicam ao mesmo tempo minha própria versão e a dos *Setenta*. Ó labores humanos sempre incertos! Ó gostos dos

mortais que têm fins às vezes opostos! Justamente quando eu acreditava ser reconhecido por meus compatriotas latinos e encorajar os ânimos dos nossos a aprender a versão que os gregos, mesmo depois de tão grandes tradutores, não repudiam a tradução latina, é aí que denunciam minha culpa e que eu engulo a comida com o estômago em náuseas! Porventura há algo que seja seguro no homem, se a inocência é criminosa? Durante o sono do *paterfamilias*, o homem inimigo semeou o joio sobre o trigo.<sup>128</sup> O javali que veio da floresta aniquilou a vinha e a fera solitária devorou-a.<sup>129</sup> Quanto a mim, eu me calo e a carta que não é minha fala contra mim. Eu ignoro minha falta e eu confesso esta falta no mundo inteiro! “Ai de mim, minha mãe, para que me geraste, para ser um homem submetido ao julgamento e à crítica de toda a terra?”<sup>130</sup>

25. Todos os meus curtos prefácios aos livros do Antigo Testamento, dos quais eu acrescentei adiante exemplares, são testemunhos deste fato, e é supérfluo dar outra redação àquilo que neles foi dito.

Eu começarei, pois, pelo Gênesis, cujo prólogo é este: “Do meu caro Desidério recebi as tão desejadas cartas, ele que obteve por sorte, como por certo presságio de coisas futuras, o mesmo nome que Daniel,<sup>131</sup> ele me solicita que eu dê aos ouvidos dos nossos compatriotas o *Pentateuco* traduzido para a língua latina a partir do idioma hebraico. Obra certamente perigosa, sujeita aos latidos de meus detratores, que afirmam que eu forjo, para enodoar a tradução dos *Setenta*, textos novos em lugar dos antigos; eles apreciam o talento como o vinho, quando então eu não cessei pessoalmente de atestar que eu oferecia o que eu podia como porção viril para a tenda de Deus,<sup>132</sup> e que a pobreza de um não estragava os recursos dos outros.

O que me levou a ter ousadia foi o zelo de Orígenes que integrou à versão antiga a tradução de Teodocião,<sup>133</sup> pontuando toda a sua obra com asterisco e óbelo, isto é, uma estrela e uma flecha, ou enquanto ele esclarece as passagens que antes faltavam, ou corta e trespassa todas aquelas que eram supérfluas; e é sobretudo a autoridade dos evangelistas e apóstolos, nos quais lemos muitas citações do Velho Testamento, que nossos manuscritos não contêm, como estes versículos: “Do Egito eu chamei meu filho”;<sup>134</sup> “Porque será chamado Nazareno”,<sup>135</sup> e: “Eles verão aquele que eles transpassaram”;<sup>136</sup> “Rios de água viva manarão de seu interior”,<sup>137</sup> e: “O que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu e que não subiu ao coração do homem, eis o que Deus preparou para aqueles que o amam”,<sup>138</sup> e muitas outras passagens que buscam a obra<sup>139</sup> própria.

Interroguemos, pois, nossos manuscritos onde esses versículos se acham escritos e, quando eles não tiverem podido no-lo dizer, citemos a partir dos livros hebraicos. A primeira citação se acha em Oseias,<sup>140</sup> a segunda em Isaías,<sup>141</sup> a terceira em Zacarias,<sup>142</sup> a quarta nos Provérbios,<sup>143</sup> a quinta igualmente em Isaías.<sup>144</sup> Muitos são aqueles que, ignorando isso, vão atrás das extravagâncias dos apócrifos e preferem aos livros autênticos as ninharias ibéricas.<sup>145</sup> Não cabe a mim expor as causas deste erro.

Os judeus dizem que se agiu por medida de prudência, de modo que Ptolomeu,<sup>146</sup> que cultuava a um só deus, não surpreendesse mesmo junto aos hebreus uma dupla divindade, os quais ele tinha em muito alta estima porque pareciam cair no dogma de Platão. Com efeito, onde quer que a Escritura ateste algo sagrado sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou eles traduziram diferentemente ou então eles guardaram um silêncio absoluto, de modo a satisfazer ao rei e não divulgar o segredo da fé. E não sei qual foi o primeiro autor que, com sua mentira, ergueu as setenta celas de Alexandria, nas quais eles redigiram separadamente textos idênticos, quando Aristeu, *guarda-costas*<sup>147</sup> do mesmo Ptolomeu e, depois de muito tempo, José, nada disso eles relataram, mas escrevem que, reunidos em uma mesma residência real, eles conferenciaram, mas não profetizaram. Uma coisa é ser profeta, outra



coisa é ser tradutor: em um caso, o Espírito prediz o que há de vir e, no outro caso, a erudição e a riqueza do vocabulário traduz aquilo que se entende. A menos que, por acaso, se deva considerar que Cícero tenha traduzido *Econômico* de Xenofonte,<sup>148</sup> o *Protágoras*<sup>149</sup> de Platão e o *Pro-Ctesifonte* de Demóstenes ao sopro retórico da inspiração; ou então o Espírito Santo compôs para os mesmos livros atestações diferentes por intermédio dos *Setenta* e dos apóstolos, de modo que o que aqueles mantiveram em silêncio, estes mentiram dizendo que estava escrito. Então o que dizer? Nós condenamos os antigos? De modo algum; mas nosso trabalho sucede aos estudos de nossos predecessores na casa do Senhor, segundo nossas possibilidades. Eles fizeram uma tradução anterior ao advento de Cristo; e o que eles ignoravam eles exprimiram com sentenças indecisas. O que nós escrevemos depois de sua paixão e ressurreição não é tanto profecia quanto é história. As coisas ouvidas são narradas de um modo, e as coisas vistas, de outro. Aquilo que melhor entendemos também exprimimos melhor. Escuta, pois, rival, dá-me ouvidos, maledicente; eu não condeno, eu não critico os *Setenta*, mas a eles todos eu prefiro resolutamente os apóstolos. E o Cristo que retine os meus ouvidos pela boca daqueles que eu leio que se acham situados antes dos profetas, entre os carismas espirituais, dentre os quais os tradutores ocupam quase o último lugar.<sup>150</sup> Por que te torturas de ciúme? Por que suscitais contra mim os corações dos ignorantes? Em toda parte em que eu pareço errar na tradução, interroga os hebreus, consulta os mestres de diversas cidades: o que eles têm sobre o Cristo, teus manuscritos não o têm. A menos que eles tenham estabelecido as atestações contra eles e que os exemplares latinos sejam mais corretos que os gregos e que os gregos o sejam mais que os hebreus.<sup>151</sup>

**26.** Do mesmo modo, nos livros de Samuel e dos Reis, que denominamos os quatro livros dos Reis, depois do catálogo da Divina Escritura, eis as observações que eu fiz: “Visto que assim elas se apresentam, eu suplico a ti, leitor, que não penses que o meu trabalho seja uma crítica aos antigos. Para o tabernáculo de Deus, cada um oferece o que pode: uns oferecem ouro e prata e pedras preciosas, outros linho puro, púrpura, escarlata e jacinto. Para nós, está muito bom se tivermos oferecido peles e pelos de cabras.<sup>152</sup> Porém, o apóstolo julga mais necessários nossos presentes mais desprezíveis.<sup>153</sup> Por esta razão, toda essa beleza do tabernáculo, cujos diversos aspectos distinguem a Igreja presente e futura, é recoberto de peles e pelos de cabra. São os materiais mais vis que detêm o ardor do sol e os danos das chuvas”.<sup>154</sup> Vê o orgulho de que estou cheio junto aos *Setenta*, ao ponto de proclamar que eles ofereceram na tenda de Cristo ouro, pedras preciosas e púrpura, e eu, peles e pelos de cabras.

**27.** Eu citarei mais um testemunho, para que tu não vás dizer que é sob a pressão das circunstâncias que eu fui obrigado a mudar de opinião. Na ocasião [da tradução] do Livro das Crônicas, isto é, os *Paralipômenos*, que se chamam em hebraico os “Dabre Iamim”, eis o prefácio de que me vali, para o santo papa Cromácio:

“Se a edição dos *Setenta* tradutores permanecesse inalterada e tal qual foi por eles traduzida para o grego, é inutilmente que tu, meu caro Cromácio, o mais santo e o mais sábio dos bispos, tu me levarias a traduzir os volumes hebraicos para a língua latina. Com efeito, este texto que havia sido assimilado pelos ouvidos dos homens e fortalecera a fé da Igreja nascente, era justo que fosse aprovado também com o nosso silêncio. Mas agora que circulam diversos modelos de tradução que variam por regiões, e que esta versão autêntica e primitiva tenha sido corrompida e maculada, tu pensas que seja nossa decisão ou julgar a partir dos vários textos qual é o verdadeiro, ou fazer uma obra nova a partir da antiga e, apesar da zombaria dos judeus, furar o olho à gralha.<sup>155</sup> Alexandria e o



Egito recomendam a autoridade de Hesíquio<sup>156</sup> para a sua edição dos *Setenta*. De Constantinopla até Antioquia têm vigência os modelos estabelecidos pelo mártir Luciano. As províncias intermediárias leem os manuscritos palestinos, os quais têm sido objeto de trabalho cuidadoso de Orígenes e foram divulgados por Eusébio e Pânfilo. E o mundo inteiro disputa entre si por esta divergência em três partes. Em todo caso, Orígenes não se contentou em associar os exemplares das quatro versões, transcrevendo palavra por palavra, uma diante da outra, para que um texto apenas em desacordo fosse logo denunciado por outras que entre si estivessem em acordo; mas – o que é mais audacioso – ele integrou a versão de Teodocião à dos *Setenta*, apontando com asteriscos as que faltavam e com vírgulas as que pareciam ter sido introduzidas a título de glosas. Se, pois, foi permitido a outros o não se aterem ao texto que tinham uma vez recebido e, se, depois das setenta celas – histórias que são lançadas ao público sem autor –, eles abriram cada um a sua cela, e lê-se nas Igrejas o que os *Setenta* ignoraram, porque os meus compatriotas latinos não me receberiam, eu que, sem atingir a antiga versão, estabeleci uma nova versão de modo que eu garantisse por meu trabalho a autoridade dos Hebreus e – o que é maior que isso – a dos apóstolos?

Eu escrevi há pouco tempo um livro ‘Sobre a melhor maneira de traduzir’, mostrando aí as seguintes passagens do Evangelho: ‘Do Egito chamei meu filho’<sup>157</sup> e ‘Porque ele será chamado Nazareno’<sup>158</sup>; ‘Eles verão aquele que eles traspassaram’,<sup>159</sup> e este texto do apóstolo: ‘O que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu e que não subiu até o coração do homem, eis o que o Senhor preparou para aqueles que o amam’,<sup>160</sup> e outras passagens semelhantes a estas se encontram nos livros dos hebreus.<sup>161</sup> Certamente, os apóstolos e os evangelistas conheciam os *Setenta* tradutores. Mas de onde vem que eles citam esses textos que não se acham nos *Setenta*? O Cristo, nosso Deus, autor de dois testamentos, declara no Evangelho segundo São João: ‘Aquele que crê em mim, ele diz, conforme diz a Escritura, de seu interior fluirão rios de água viva’.<sup>162</sup> Com toda a certeza está escrito aquilo que o Salvador testemunha que foi escrito. Onde está escrito? A edição dos *Setenta* não tem este texto, e a Igreja ignora os apócrifos. Deve-se, pois, voltar aos hebreus, segundo os quais fala o Senhor e os discípulos antecipam os exemplos.”

Eu o digo, salvo o respeito devido aos velhos, e apenas respondo aos meus detratores que, com dente canino, me roem, em público dizem mal de mim, pelos cantos me leem, ao mesmo tempo acusadores e defensores, porque eles em outros reprovam o que em mim aprovam, como se a virtude e o vício não tivessem nada de objetivo, mas que mudasse com o autor. De resto, eu me lembro de ter outrora comunicado aos nossos a versão dos *Setenta* corrigida a partir do grego e não se deve tomar-me por inimigo daqueles que eu sempre explico na assembleia de meus irmãos. E se eu traduzi agora os “Dabre Iamim”, isto é, as “palavras dos dias”, é para pôr em ordem o emaranhado das cesuras e a selva dos nomes, confundidos pelo erro dos copistas, e os barbarismos cometidos na interpretação, pela clareza que podem trazer os membros de frase. É para mim mesmo e para os meus, ao modo de Ismênio,<sup>163</sup> que eu canto, se os outros fazem ouvidos surdos.<sup>164</sup>

**28.** No volume de Esdras também eu sustentei palavras semelhantes em meu prefácio e depois de múltiplas considerações, eu acrescentei isto: “A conclusão que eu vou tirar é perfeitamente justificada. Eu publiquei um texto que o grego não comporta, ou que ele comporta sob uma forma que é diferente daquela que eu traduzi. Por que se dilacera o tradutor? Que se interroguem os hebreus e, tomando-os a eles próprios por autores, que se conceda ou que se tire todo crédito à minha tradução. De resto, é outra coisa, como se diz, se, com olhos fechados querem falar mal de mim, e que eles não imitam o zelo e a boa disposição dos gregos que, depois dos *Setenta* tradutores, e que, já estando a resplandecer o Evangelho de Cristo, leem atentamente os judeus e os ebionitas, tradutores da antiga

Lei, a saber: Áquila, Símaco e Teodocião e que, através do trabalho de Orígenes, fizeram, nas *Hexaplas*,<sup>165</sup> homenagem às Igrejas. Quanto mais os latinos deveriam ser gratos ao ver a Grécia exultante tomar-lhe emprestado alguma coisa! Primeiramente, com efeito, é de grandes despesas e de infinita dificuldade poder ter todos os exemplares. Em seguida, aqueles que as tiverem tido, mas que ignoram o hebraico, se perderão muito, ignorando qual entre tantos autores terá tido a expressão mais verídica. E o que aconteceu a um homem de grande inteligência, ao ponto de ter, às vezes, abandonado o sentido da Escritura para seguir o erro de um certo tradutor. Nós, porém, que temos, pelo menos, um modesto conhecimento do hebraico – e o latim, de toda maneira, não nos falta, nós podemos, ao mesmo tempo, fazer sobre os outros um julgamento e expor em nossa língua o que nós compreendemos”.<sup>166</sup>

**29.** Eu passarei ao livro de Jó, o qual, depois da edição dos Setenta tradutores, a qual Orígenes pontuou com asteriscos e óbelos, há vários anos vertido para o latim, retraduzi-o diretamente do hebraico, eis o que eu disse:

“Sou forçado a responder, por cada livro da Divina Escritura, às calúnias dos meus adversários, que acusam a minha tradução de ser uma crítica dos *Setenta*, como se, entre os gregos Áquila, Símaco e Teodocião, não tivessem igualmente adotado um método de tradução, seja literal, seja buscando reproduzir o sentido ou ainda construindo uma síntese equilibrada dos dois procedimentos e que Orígenes não tivesse pontuado todos os volumes do Velho Testamento com óbelos e asteriscos, sinais que ele introduziu na antiga versão, seja que ele os acrescentou, seja que ele os tenha tomado de Teodocião, provando que o que foi acrescentado preenchia uma lacuna. Que meus detratores aprendam a receber em totalidade aquilo que por partes tomaram, e a limpar a minha tradução com seus asteriscos. Não pode acontecer que, com efeito, eles não reconheçam que aqueles que eles constatarem que omitiram várias coisas não sejam os mesmos a ter errado em certos pontos, especialmente em Jó, ao qual, se subtrairdes o que foi acrescentado sob os asteriscos, uma parte muito grande será cortada, e isto pelo menos entre os gregos. Além do mais, entre os latinos, antes dessa tradução que ultimamente traduzimos sob asteriscos e óbelos, o texto conta com setecentos ou oitocentos versos, se bem que o livro encurtado, mutilado e corroído exponha a sua fealdade àqueles que o leem em público”.<sup>167</sup> E depois de muitos pontos que eu salto em meu esforço para ser breve, aqui está o que eu acrescentei no fim: “Por isso ouçam meus cães que, se penei neste volume, não foi para repreender a antiga tradução, mas para manifestar mais claramente, pela nossa tradução, aqueles pontos que, nela, ou são obscuros ou omissos, ou ainda alterações devidas à falta dos copistas, nós que, em parte, aprendemos o hebraico e, na língua latina, fomos exercitados desde o berço, entre gramáticos, retóricos e filósofos. Pois, se entre os gregos, depois da edição dos *Setenta*, estando já resplandecente o Evangelho de Cristo, o judeu Áquila, os heréticos judaizantes Símaco e Teodocião foram adotados, os quais ocultaram por uma tradução enganadora muitos mistérios do Salvador, e entretanto as versões estão contidas nas *Hexaplas* junto às Igrejas e lá são explicadas por homens de Igreja: quanto mais eu, cristão de pais cristãos e carregando à minha frente o estandarte da cruz, que me esforcei por restituir as omissões, corrigir as alterações e revelar os mistérios da Igreja em uma linguagem pura e ortodoxa, não devo ser reprovado por leitores desdenhosos ou mal-intencionados!”<sup>168</sup>

**30.** Quanto ao Saltério que Roma adotou há pouco, pelo menos na versão muito correta estabelecida por nossos cuidados segundo os *Setenta*, eu os muni de um prefácio, retraduzindo-o do hebraico, e eis o que eu disse em uma parte do prólogo: “Assim, pois, discutindo com um hebreu, tu avançaste certas citações dos Salmos em favor do Senhor Salvador, e ele, querendo brincar contigo, quase a cada frase afirmava que não havia no hebraico o que tu tiravas da edição dos *Setenta*; para objetar-lhe, com

muito zelo, solicitaste que eu traduzisse uma nova edição em língua latina, depois de Áquila, Símaco e Teodocião. Tu dizias, com efeito, que a variedade dos tradutores te perturbava muito e, pelo amor que tu me tens, tu te contentavas com a minha tradução e o meu julgamento. E por isso que, impelido por ti, a quem não posso recusar o impossível, eu me entreguei novamente aos latidos de meus detratores; eu preferi que tu pusesses em questão antes as minhas capacidades que a minha boa vontade na amizade. Certamente direi resolutamente, e citarei muitas testemunhas em favor de minha obra, que, pelo menos conscientemente, não mudei nada à verdade hebraica. Se, pois, a minha edição estiver em desacordo com as antigas, interroga qualquer hebreu, e verás com evidência que sou dilacerado em vão pelos rivais, os quais preferem parecer desprezar as obras eminentes que aprendê-las:<sup>169</sup> pessoas profundamente perversas! De fato, eles que sempre buscam prazeres novos e à sua gula os mares vizinhos não bastam, por que não se contentam com um sabor antigo senão pelo estudo das Escrituras? Eu não digo isto para dilacerar os meus predecessores ou porque eu penso que devem ser malditos aqueles cuja versão, com todo cuidado corrigida, eu entreguei outrora às pessoas que falam minha língua, mas uma coisa é ler os salmos nas assembleias daqueles que creem em Cristo, outra coisa responder aos judeus que nos caluniam em cada palavra”.<sup>170</sup>

**31.** Quando eu traduzia também os livros de Salomão, dos quais eu tinha dado outrora em latim uma versão conforme os *Setenta* e que eu os dedicava aos santos bispos Cromácio e Heliodoro, com um acréscimo de óbelos e asteriscos, a partir do hebraico, eis o que acrescentei no fim do meu prefácio: “Se há alguém a quem agrade mais a versão dos *Setenta* tradutores, ele a tem corrigida outrora por nós. Na verdade, nós não fabricamos coisas novas para destruir as antigas”.<sup>171</sup>

**32.** Passarei igualmente a Isaías e introduzirei a parte de seu prólogo que fala da tradução dos *Setenta*. “Aquele de quem eu dizia que era mais evangelista que profeta, visto que ele tinha desenvolvido de um modo límpido a totalidade dos mistérios do Cristo e da Igreja que se acreditaria que em vez de profetizar sobre o futuro, ele compunha a história do passado”,<sup>172</sup> eu acrescentei também isto:

“Donde eu suponho que naquele momento os *Setenta* não quiseram revelar aos pagãos os mistérios de sua fé, para não dar aos cães o que é santo, nem pérolas aos porcos.<sup>173</sup> Estes mistérios, vós constatareis pela leitura desta versão que eles as dissimularam. E eu não ignoro quanto trabalho seja necessário para compreender os profetas, nem que alguém possa julgar sua tradução à condição de compreender antes o que leu, e que nós estamos expostos às mordidas de vários que, sob o estímulo da inveja, desprezam o que não são capazes de conseguir. É, pois, com consciência e com prudência que eu meto a mão no fogo; entretanto, eu dirijo esta súplica aos leitores desdenhosos: do mesmo modo que os gregos leem Áquila, Símaco e Teodocião, depois dos *Setenta* tradutores, seja para melhor compreendê-los confrontando com os *Setenta*, seja pelo interesse por sua doutrina, do mesmo modo que eles querem também consentir em ter, pelo menos, um tradutor a mais que os anteriores. Que eles leiam antes para desprezar depois, para não dar a crer que não é o discernimento, mas o ódio preconcebido que os faz condenar o que eles ignoram”.<sup>174</sup>

**33.** A respeito de Daniel, porém, responderei brevemente que eu não neguei que ele fosse profeta, o qual reconheci logo no começo de meu prólogo que fosse profeta,<sup>175</sup> mas eu quis mostrar o que diziam os hebreus e por quais argumentos eles se esforçavam por justificar seu ponto de vista, e eu informei ao leitor que as Igrejas de Cristo leem este profeta segundo Teodocião e não segundo os *Setenta* tradutores.<sup>176</sup> Se eu disse neste livro que sua versão deles é bastante distanciada da verdade e reprovada por justa causa pelas Igrejas de Cristo,<sup>177</sup> não sou eu que o disse que tenho culpa, mas aqueles que leem. Temos à disposição quatro edições, Áquila, Símaco, a dos *Setenta* e Teodocião. As

Igrejas leem Daniel segundo Teodocião. Quanto a mim, em que eu pequei, se eu segui o julgamento das Igrejas? Quanto a reportar o que os hebreus costumam dizer<sup>178</sup> para opor à história de Susana<sup>179</sup> e o hino dos três meninos<sup>180</sup> e as histórias de Bel e do dragão,<sup>181</sup> que não se encontram no volume hebraico, aquele que me acusa disso prova que é um estúpido sicofanta.<sup>182</sup> Não é, com efeito, o que eu próprio senti, mas aquilo que eles têm costume de nos dizer que eu desenvolvi. E se eu não refutei o ponto de vista deles no prólogo, para que eu não parecesse escrever um prefácio, mas um livro, eu penso que logo expus o motivo. Eu disse, com efeito: “disto não é o momento de discutir”.<sup>183</sup> Aliás, também pelo fato de eu ter sustentado que Porfírio disse muitas coisas contra esse profeta e invocado a “Metódio, Eusébio e Apolinário como testemunhas deste fato, os quais com muitos milhares de versos responderam à extravagância dele”,<sup>184</sup> ele poderá acusar-me de não ter escrito, no meu prefaciozinho, contra os livros de Porfírio. Aquele que se apegue a ninharias deste tipo e não quer acolher a verdade da Escritura hebraica, que ele me ouça proclamá-lo com toda franqueza: ninguém o força a ler o que ele não quer. Eu, eu escrevi para aqueles que me pediam, não para os desdenhosos; para aqueles que têm reconhecimento, não para os invejosos; para os aplicados, não para os que bocejam. Entretanto, eu me admiro de que maneira ele leia Teodocião, um herege e um judaizante, e que ele despreze a versão de um cristão, tão pecador que ele seja.

**34.** Eu te rogo, amigo caríssimo, que a tal ponto és curioso que até meus sonhos conheces, e pões em acusação tudo o que eu escrevi durante tantos anos sem medo da calúnia vindoura, que respondas como podes desconhecer os prefácios daqueles livros que tu acusas, os quais têm, por uma espécie de adivinhação, refutado a calúnia futura, cumprindo o provérbio: primeiramente o antídoto, depois o veneno.

Em que prejudica às Igrejas nossa tradução? E com grandes despesas, pelo que sei, que compraste as de Áquila, Símaco e Teodocião e os tradutores judaicos da quinta e sexta edição. Teu Orígenes e – para que não te queixes de que, por acaso, te tenham ferido com um elogio hipócrita – Orígenes nosso – eu digo “nosso” por causa da erudição do gênio, não por causa da verdade de suas opiniões – expõe e discute em todos os seus livros, depois dos Setenta tradutores, as traduções dos judeus. Eusébio e também Dídimo fazem o mesmo. Eu excetuo Apolinário, que, com uma aplicação louvável, sem dúvida, mas não segundo a ciência,<sup>185</sup> tentou coser em uma só roupa peças retiradas das traduções de todos, e entretecer uma série da Escritura, não conforme uma regra de verdade, mas conforme o seu próprio julgamento. Os discípulos dos apóstolos se utilizam das Escrituras hebraicas. É evidente que os evangelistas e os apóstolos fizeram eles próprios o mesmo. O Senhor e Salvador, todas as vezes que faz menção ao Velho Testamento, cita exemplos dos volumes hebraicos, como esta passagem: “Aquele que crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva fluirão de seu ventre”,<sup>186</sup> e na própria cruz: “*Eli, Eli, lema sabachtani*”, o que se traduz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”,<sup>187</sup> não como foi citado pelos Setenta: “Ó Deus, meu Deus, olha-me, por que me abandonaste?”,<sup>188</sup> e muitas passagens a estas similares. E se dizemos isto, não é que estigmatizamos os Setenta tradutores, mas é o Cristo e os apóstolos que têm mais autoridade, onde quer que os Setenta não estejam em desacordo com o hebraico, aí os apóstolos tomaram exemplos de sua tradução; onde há divergência de fato, eles puseram em grego o que haviam aprendido junto aos hebreus. Da mesma forma, pois, quanto a mim, eu mostro numerosos textos do Novo Testamento citados a partir dos Velhos Livros que não se acham nos Setenta, e eu mostro que eles se acham escritos em hebraico, assim que o meu acusador mostre alguma coisa que esteja escrita no Novo Testamento, segundo a tradução dos Setenta tradutores que o hebraico não contém, e a contenda então chega ao fim.

**35.** De tudo isso, resulta que tanto a versão dos Setenta tradutores, que foi firmada pela vetustez dos

leitores, que é útil às Igrejas, porque as nações ouvem que o Cristo haverá de vir antes de sua vinda real, e outros tradutores não devem ser rejeitados, pois não traduziram seus próprios volumes, mas os volumes divinos, e que meu amigo deve acolher de um cristão e amigo seu aquilo que com grande custo ele apressou-se a copiar para si segundo os judeus.

Eu ultrapassei os limites de uma carta e eu, que contra uma abominável heresia acabava de pegar o estilo, fui forçado a justificar-me, esperando os três volumes de meu amigo e, entretido com toda a mente pelo monte de seus agravos, salvo se é mais leve proteger-se de um inimigo declarado que enfrentar um inimigo escondido sob o nome de um amigo.

[1](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 1.

[2](#) Lc 17,5.

[3](#) Lc 17,6.

[4](#) Mt 14,31.

[5](#) Cf. 1Cor 13,13.

[6](#) Cf. Fl 3,12 e Cl 3,14.

[7](#) Cf. 1Cor 13,3.

[8](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 2, 1-3.

[9](#) Cf. Ef 3,1; Fl 1,9.

[10](#) 2Tm 4,17.

[11](#) 1Cor 15,32.

[12](#) 2Tm 4,7-8.

[13](#) Gl 6,17.

[14](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 2, 4-5.

[15](#) Rufino, *ibidem* 2, 5-6.

[16](#) Cf. Tg 2,19.

[17](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 3, 1-3.

[18](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 4, 1-2.4-5.

[19](#) Rufino, *ibidem* 4, 6-10 (cf. 1Cor 15,44).

[20](#) Cf. Jo 20,25-27.

[21](#) A edição da *Apologia de Rufino a Anastásio*, editada por Migne, tomo XXI, coluna 625, traz em nota de rodapé a declaração de que o texto de Rufino acrescenta o pronome possessivo *nostrae* ao termo *ressurrectionis*, dando a entender que assim o fez para afastar a suspeita de adotar uma máxima de Orígenes.

[22](#) Cf. 2Cor 5,10.

[23](#) Cf. Ap 12,10.

[24](#) Cf. Mt 25,41.

[25](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 5.

[26](#) Em grego transliterado: *kleronomesousin*.



[27](#) Mt 15,19.

[28](#) Jo 13,27.

[29](#) 1Tm 1,20.

[30](#) 1Cor 5, 5.

[31](#) Sl 19(18),13-14, conforme a *Vulgata*.

[32](#) Ecl 10,4.

[33](#) Is 66,24.

[34](#) Is 47,14-15, conforme a *Septuaginta*.

[35](#) Sl 120(119),3-4.

[36](#) Cf. Sl 31,4, conforme a *Vulgata*.

[37](#) Lc 12,49.

[38](#) Dt 4,24; Hb 12,29.

[39](#) Ez 28,19, conforme a *Septuaginta*.

[40](#) Jó 40,28-41,3, na *Vulgata*.

[41](#) Tertuliano (160-220) foi um prolífico autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África. Ele foi o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária (*corpus*) em latim. Ele também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia. Embora conservador, ele organizou e avançou a nova teologia da Igreja antiga. Ele é talvez mais famoso por ser o autor mais antigo cuja obra sobreviveu a utilizar o termo “Trindade” (em latim: *Trinitas*) e por nos dar a mais antiga exposição formal ainda existente sobre a teologia trinitária. É um dos Padres latinos. Algumas das ideias de Tertuliano não eram aceitáveis para os ortodoxos e, no fim de sua vida, ele se tornou um montanista.

[42](#) Lactâncio foi um autor entre os primeiros cristãos (240-320) que se tornou um conselheiro do primeiro imperador romano cristão, Constantino I, guiando sua política religiosa que começava a se desenvolver e sendo o tutor de seu filho. Lactâncio nasceu na África do Norte e foi discípulo de Arnóbio de Sica (de acordo com Metódio de Olimpos, *Da Castidade* 9, 2) e ensinou retórica em várias cidades do Império Romano do Oriente, até chegar a Constantinopla. Ele escreveu livros apologéticos explicando o cristianismo em termos que eram compreensíveis para pagãos intelectualizados que ainda praticavam as religiões tradicionais, enquanto defendia-o contra ideias de filósofos pagãos. O seu *Divinae institutiones* (“Instituições Divinas”) é um exemplo de apresentação sistemática do pensamento cristão. Ele foi considerado, de certo ponto, herético, depois de sua morte, mas os humanistas da Renascença reabilitaram o interesse em Lactâncio, mais pelo seu estilo latino de retórica, extremamente elaborado, do que por sua teologia. Lactâncio nasceu pagão e nos seus primeiros anos de vida ensinou retórica na sua terra natal.

[43](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 6.

[44](#) Em grego transliterado: *kakémphaton*.

[45](#) Arcesilau (316-241 a.C.), filósofo grego, nascido na Eólia, fundador da Nova Academia; foi mestre de Carnéades. Utilizou o método dialético contra o dogmatismo dos estoicos e procurou retornar ao pensamento de Sócrates e Platão.

[46](#) Carnéades, dito o *platônico*, foi um filósofo grego nascido em Cirene no ano de 214 a.C. Suas ideias filosóficas iam contra vários antigos preceitos, como o estoicismo, criando novos dogmas, com base em seus ideais céticos. Em 155 a.C., ele e mais dois filósofos, Critolau, o peripatético, e Diógenes, o estoico, foram levados em missão diplomática, de Atenas a Roma, onde fizeram conferências. Em uma delas, Carnéades afirmou que os deuses não existiam e que a justiça e injustiça são questão de pura conveniência. Essa declaração fez com que Catão fosse ao Senado, propondo que os três filósofos fossem mandados de volta a Atenas.

[47](#) Is 53,8, conforme a *Septuaginta*.

[48](#) Cf. Cl 1,26.

[49](#) Em grego transliterado: *syspeiroménen*.



[50](#) Jo 17,6.

[51](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 7, 1-8.

[52](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 7, 8-13.

[53](#) Orígenes, *Tratado sobre os Princípios* 1, 1, 8 (p. 67-68).

[54](#) Em grego transliterado: *Schólion*.

[55](#) Ênio foi autor dos *Anais*, obra publicada nos primeiros tempos da literatura latina com acentuada influência da literatura grega, especialmente de Homero.

[56](#) Sl 50(49),18.

[57](#) Fl 2,6-7.

[58](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 7, 17-22.

[59](#) Rufino, em Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Prólogo de Rufino 3 (p. 47) [O leitor não estranhe as leves diferenças entre esta citação, como ocorre aqui, na *Apologia*, e na obra indicada no início desta nota. Em vez de *uniformizá-las*, preferimos manter as versões dos respectivos tradutores. N. do E.]; Jerônimo, *Epístola* 80, 2-4.

[60](#) Quintiliano, *Inst. orat.* 4, 1, 61.

[61](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 1, 3-4.

[62](#) Dn, 9,23; 10,11, conforme a *Vulgata*.

[63](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 1,4-8.

[64](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 1, 19-20.

[65](#) Em grego transliterado: *homooúsiôn*.

[66](#) Rufino, *ibidem*, 1, 24-36.

[67](#) Pérsio, *Sátiras* 3, 30.

[68](#) O texto original traz o termo em caracteres gregos.

[69](#) Eunômio de Cízico, morto em 393 d.C., foi um dos líderes dos arianos extremos ou anomoeanos, que já foram chamados de “eunomeanos”; nasceu em Dacora, na Capadócia, no século IV d.C. Ele estudou teologia em Alexandria, sob Aécio de Antioquia, e, depois, acabou sob a influência de Eudóxio de Antioquia, que o ordenou diácono. Recomendado por Eudóxio, ele foi em seguida ordenado bispo de Cízico em 360 d.C. Ali, sua liberdade em expressar pontos de vista extremos do arianismo levaram a reclamações populares e Eudóxio foi compelido, por comando do imperador romano Constâncio II, a depô-lo menos de um ano após tê-lo ordenado. Durante os reinados de Juliano, o Apóstata, e de Joviano, Eunômio morou em Constantinopla, mantendo um estreito relacionamento com Aécio, consolidando um partido de oposição e consagrando bispos. Ele então foi viver na Calcedônia, de onde, em 367 d.C., foi banido para a Mauritânia por ter dado guarida ao rebelde Procópio usurpador. Foi chamado de volta, porém, antes de ter chegado ao seu destino.

[70](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 3, 1-7.

[71](#) Rufino, *ibidem*, 3, 14-15.18-22.

[72](#) Rufino, *ibidem*, 4, 1-5.

[73](#) Sabélio foi um teólogo cristão que se opôs ao ensino ortodoxo da Trindade Essencial, defendendo a doutrina da Trindade Econômica. Deus, ele arguiu, teria uma substância indivisível, mas dividido em três atividades fundamentais, ou modos, manifestando-se sucessivamente como o Pai (criador e legislador), o Filho (o redentor) e o Espírito Santo (o criador da vida, e a divina presença no homem). Efetivamente, Sabélio negava “qualquer distinção entre os termos substância e hipóstase aplicáveis às três pessoas da Trindade, de tal modo que, entre elas, não existiria nenhuma diferença, uma vez que são perfeitamente iguais.

[74](#) Rufino, *ibidem*, 5, 1-7.

[75](#) Rufino, *ibidem*, 6, 1-4.

[76](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 6, 4-8.

[77](#) Marcião foi expulso da Igreja Católica do mar Negro e da Ásia Menor e excomungado da Igreja Romana. Marcião sintetizou sua doutrina nas *Antíteses* (contrastes entre o Antigo e o Novo Testamento). Repudia todo o Antigo Testamento com seu Deus criador, iracundo e justo (Demiurgo), opondo-lhe o Deus, até então desconhecido, do amor, revelado em Jesus Cristo; sua doutrina valorizava apenas alguns livros do Novo Testamento purificado de todas as falsificações judaizantes. Sua interpretação do Velho Testamento é comum à do gnosticismo (Altaner, B. e Stuiber, A., 1988, p. 115-116).

[78](#) Mani foi um filósofo e pensador que deu origem ao Maniqueísmo, que é uma filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Mani, que divide o mundo simplesmente entre *Bem*, ou Deus, e *Mal*, ou o Diabo. A matéria é intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom. Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser um adjetivo para toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do Bem e do Mal.

[79](#) Ário foi bispo de Alexandria nos primeiros tempos da Igreja primitiva e condenado pela Igreja por negar a existência da consubstancialidade entre Jesus e Deus, que os igualasse, fazendo do Cristo preexistente uma criatura, embora a primeira e mais excelsa de todas, que encarnara em Jesus de Nazaré. Jesus, então, seria subordinado a Deus, e não o próprio Deus. Segundo Ário, só existe um Deus, e Jesus é seu filho, e não o próprio. Ao mesmo tempo, afirmava, que Deus seria um grande eterno mistério, oculto em si mesmo, e que nenhuma criatura conseguiria revelá-lo, visto que Ele não pode revelar a si mesmo. Essa doutrina, que chamamos de arianismo, foi uma visão cristológica sustentada pelos seguidores de Ário. Como resultado da condenação de Ário pela Igreja, o símbolo da fé passou a trazer o adjetivo consubstancial, ao falar de Jesus em relação ao Pai.

[80](#) Sl 91(90),6.

[81](#) Cf. Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 3-4; 5; 9, 4-6.12.

[82](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 6, 8-14.

[83](#) Mq 7,5, conforme a *Septuaginta*.

[84](#) Jr 4,22.

[85](#) Cf. Lc 6,27-28.

[86](#) Cf. 1Pd 3,9.

[87](#) Jd 9.

[88](#) Zc 3,2.

[89](#) Cf. 1Cor 6,9-10.

[90](#) 1Cor 6,10.

[91](#) Cf. Rm 11,22.

[92](#) Cf. Pr 31,4.

[93](#) Cf. Pr 17,27.

[94](#) Jd 9.

[95](#) Jd 8.

[96](#) 1Cor 6,10.

[97](#) Orígenes, *Epístola* (livro 4).

[98](#) Rufino.

[99](#) 1Cor 6,10.

[100](#) Orígenes, *Epístola* (livro 4), citado em Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 7, 4-11.

[101](#) Em grego transliterado.

[102](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 10.

[103](#) Convocado pelo Imperador Constâncio, este Sínodo, realizado em 359 d.C., na verdade, apesar de não chegar a conclusões satisfatórias sobre a questão da consubstancialidade do Pai e do Filho, não rejeitou Hilário; pelo contrário, sua teologia foi bem-aceita.

[104](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 11, 1-14.

[105](#) Cipriano passou para a história não apenas como santo, mas também como excelente orador. É ainda considerado um dos Padres latinos. A principal fonte sobre sua vida é a obra *Vida de São Cipriano*, escrita por seu discípulo Pôncio de Cartago. Converteu-se ao cristianismo quando contava trinta e cinco anos de idade. No ano 249, foi escolhido para bispo de sua cidade e empenhou-se na organização da Igreja em África. Revelou-se extraordinário mestre de moral cristã. Deixou diversos escritos, sobretudo cartas, que constituem preciosa coleção documental sobre fé e culto. Contribuiu para a criação do latim cristão.

[106](#) Novaciano era um sacerdote romano que, em 251 d.C., se opôs à eleição do Papa Cornélio, que se seguiu ao martírio do Papa Fabiano durante a perseguição, sob o argumento de que ele era muito frouxo em seus critérios para aceitar os cristãos arrependidos. Ele se permitiu ser eleito como rival, o primeiro antipapa. Seu argumento era que os *lapsi* não deveriam ser recebidos de volta em comunhão com a Igreja e que casar novamente era ilegal. Ele e seus seguidores foram excomungados por um sínodo realizado em Roma em outubro daquele mesmo ano. Acredita-se que o próprio Novaciano tenha sido martirizado durante a perseguição do imperador Valeriano (253-260) aos cristãos. Novaciano é autor de cartas, numerosos tratados, como o *De Trinitate*, o *De cibis iudaicis*, o *De spectaculis* e o *De bono pudicitiae*.

[107](#) *Homem do Senhor*, referido, provavelmente, a Cristo.

[108](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 13, 3-26.

[109](#) Filistião é o nome de um mimógrafo.

[110](#) Lântulo, segundo Pierre Lardet, seria, provavelmente, um personagem que viveu entre 150 e 200 d.C. e que aparece na Epístola 147 de Jerônimo, conforme LARDET, P. (1993), p. 204.

[111](#) Marulo, segundo Pierre Lardet, seria, provavelmente, um personagem contemporâneo de Lântulo e teria escarnecido o Imperador impunemente, conforme LARDET, P. (1993), p. 204.

[112](#) Cícero, *Catilinárias* 1,1,1.

[113](#) Em grego transliterado: *pseudepígraphon*.

[114](#) Jerônimo, *Epístola* 51, 6,4.

[115](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 14, 7 – 15, 12.

[116](#) Bispo de Roma de 399 a 402, na controvérsia origenista, foi favorável à condenação de Orígenes.

[117](#) Bispo de Alexandria de 385 a 412. Ferrenho opositor do origenismo, chegou, injustamente, a acusar João Crisóstomo de origenista, de quem empenhou-se pela deposição da sede de Constantinopla. A história apresenta-o como figura bastante ardilosa.

[118](#) Bispo de Milão de 400/401 a 408. Contam-se Venério e Cromácio dentre os intercessores junto ao Imperador Honório, a quem escreveram, em favor de João Crisóstomo, quando de sua expulsão de sua sede, Constantinopla, em 403, sob injusta acusação de ser origenista.

[119](#) Bispo de Aquileia entre 387 e 407. Cf. também nota acima.

[120](#) Jerônimo, *Epístola* 51, 6, 4.

[121](#) Rufino, *De adulteratione librorum Origenis* 7, 17-18.

[122](#) Mt 12,35; Lc 6,44-45.

[123](#) Cf. Mt 12,33. Quintiliano, *Inst. orat.* 8, 3, 76.

[124](#) Cf. Mt 18,16; 2Cor 13,1.

[125](#) Cf. Dt 17,6.

[126](#) Marco Pórcio Catão (234-149 a.C.), também conhecido como Catão, o Velho ou o Censor, foi um político romano. Foi cônsul de Roma em 195 a.C., e censor em 184 a.C. Catão procedia de uma antiga família plebeia que se distinguira por resenháveis serviços

militares, mas não pelo desempenho de magistratura política. Fora criado ao modo dos seus antepassados latinos e educado na agricultura, à qual se dedicava quando não estava integrado no serviço militar. Contudo, Catão chamou a atenção de Lúcio Valério Flaco, que o levou para Roma, onde, graças à sua influência, Catão foi ascendendo através das diferentes etapas do Cursus honorum: tribuno em 214 a.C., questor em 204 a.C., pretor em 198 a.C., cônsul em 195 a.C. junto ao seu velho patrão, e finalmente censor em 184 a.C. Como censor, Catão distinguiu-se pela sua conservadora defesa das tradições romanas, em contraposição com o luxo da corrente helenística procedente do Oriente.

[127](#) Ou *Septuaginta*, a versão grega das Escrituras, traduzidas do hebraico pelos setenta sábios de Alexandria.

[128](#) Cf. Mt 13,25.

[129](#) Cf. Sl 80(79),14.

[130](#) Jr 15,10.

[131](#) Cf. Dn 9,23; 10,11.19.

[132](#) Cf. Ex 35,20-29.

[133](#) Teodocião corrigiu a *Septuaginta* onde ela não estava de acordo com o texto hebraico. As citações de Is 25,8 em 1Cor 15,54 e Zc 12,10 em Jo 19,37 estão de acordo com a versão de Teodocião, e fizeram com que se postulasse ou uma tradução de Teodocião antes de Paulo e João ou se obrigasse uma datação bem posterior para esses dois escritos neotestamentários. Não poderíamos deixar de mencionar a *Hexapla* de Orígenes, no século III. Era um monumental trabalho em seis colunas, contendo: Texto hebraico Massorético, Texto Hebraico transliterado em caracteres gregos, tradução de Áquila, tradução de Símaco, *Septuaginta*, tradução revisada de Teodocião. Foi o primeiro grande trabalho de Crítica Textual na Antiguidade, mas de que infelizmente restam apenas citações em outros autores. Ainda há a recensão de Luciano, no século IV.

[134](#) Mt 2,15; Os 11,1.

[135](#) Mt 2,23 e respectiva nota na *Bíblia de Jerusalém*, Paulus, 2002.

[136](#) Jo 19,37; Zc 12,10.

[137](#) Jo 7,38 e respectiva nota na *Bíblia de Jerusalém*, Paulus, 2002.

[138](#) 1Cor 2,9 e respectiva nota na *Bíblia de Jerusalém*, Paulus, 2002.

[139](#) Em grego transliterado aparece o vocábulo *syntagma*.

[140](#) Os 11,1.

[141](#) Is 11,1.

[142](#) Zc 12,10.

[143](#) Pr 18,4.

[144](#) Is 64,3.

[145](#) Jerônimo considera a Ibéria como lugar de origem de, pelo menos, alguns livros apócrifos; cf. Jerônimo, *Epístola* 120.

[146](#) Ptolomeu foi discípulo de Valentino, o gnóstico.

[147](#) Em grego transliterado aparece o vocábulo *hyperaristés*.

[148](#) Xenofonte, filho de Grilo, originário de Erquia, uma deme de Atenas, foi soldado, mercenário e discípulo de Sócrates. É conhecido pelos seus escritos sobre a história do seu próprio tempo e pelos seus discursos de Sócrates. Autor de *Anabasis*.

[149](#) *Protágoras*, nome da obra de Platão escrita em homenagem ao personagem de mesmo nome que foi um sofista da Grécia Antiga, responsável por cunhar a frase: “*O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são*”. Tendo como base para isso o pensamento de Heráclito. Tal frase expressa bem o relativismo tanto dos Sofistas em geral quanto o relativismo do próprio Protágoras. Se o homem é a medida de todas as coisas, então coisa alguma pode ser medida para os homens, ou seja, as leis, as regras, a cultura, tudo deve ser definido pelo conjunto de pessoas, e aquilo que vale em determinado lugar não deve valer, necessariamente, em outro. Esta máxima (ou axioma) também significa que as coisas são conhecidas de uma forma particular e muito pessoal por cada indivíduo, o que vai contra, por exemplo, ao projeto de Sócrates de

chegar ao conceito absoluto de cada coisa. Assim como Sócrates, Protágoras foi acusado de ateísmo (tendo inclusive livros seus queimados em uma praça pública), motivo pelo qual fugiu de Atenas, estabelecendo-se na Sicília, onde morreu aos sessenta e dois anos.

[150](#) Cf. 1Cor 12,28.

[151](#) Jerônimo, *Vulgata* Gênesis, prol., WEBER 1, 3-4, 1-46, *apud* LARDET, P. (1983), p. 176.

[152](#) Cf. Ex 35,22-26.

[153](#) Cf. 1Cor 12,21-23.

[154](#) Jerônimo, *Vulgata* I-IV reg., prol., WEBER 1, 365, 58-65, *apud* LARDET, P. (1983), p. 178.

[155](#) Cícero, *Pro Murena*, 11, 25.

[156](#) Hesíquio, provavelmente alexandrino, reviu, cerca de 300, segundo São Jerônimo, que critica seu trabalho, o texto dos LXX e também o do Novo Testamento.

[157](#) Mt 2,15.

[158](#) Mt 2,23.

[159](#) Jo19,37.

[160](#) 1Cor 2,9.

[161](#) Jerônimo, *Epístola* 57, 7, 6.7.4; 57, 9, 5-6.

[162](#) Jo 7,38.

[163](#) “É necessário, de fato, manter *Ismenium*, adjetivo que designa um habitante do país onde corre o *Ismenós*, na Beócia”. Conforme LARDET, P. (1993), p. 226.

[164](#) Cícero, *Brut.* 49, 187 (Jerônimo, *Vulgata* I-III par., prol., WEBER 1, 546-547, 1-41), *apud* LARDET, P. (1983), p. 182.

[165](#) Em grego transliterado: *exaplois*.

[166](#) Jerônimo, *Vulgata*, Esdras, prol., WEBER 1, 638-639, 29-44, *apud* LARDET, P. (1983), p. 185.

[167](#) Jerônimo, *Vulgata*, Iob, prol., WEBER 1, 731, 1-14, *apud* LARDET, P. (1983), p. 187.

[168](#) Jerônimo, *ibid.*, WEBER 1, 732, 37-48, *apud* LARDET, P. (1983), p. 188.

[169](#) Plínio (?), *locus incertus*, *apud* LARDET, P. (1983), p. 188.

[170](#) Jerônimo, *Psalt. sec. Hebr.* prol., WEBER 1, 768-769, 18-35, *apud* LARDET, P. (1983), p. 190.

[171](#) Jerônimo, *Vulgata Lib. Salom*, prol., WEBER 2, 957, 22-23, *apud* LARDET, P. (1983), p. 190.

[172](#) Jerônimo, *Vulgata Is.* prol., WEBER 2, 1096, 9-11, *apud* LARDET, P. (1983), p. 191.

[173](#) Mt 7,6.

[174](#) Jerônimo, *Vulgata Is.* prol., WEBER 2, 1096, 11-23, *apud* LARDET, P. (1983), p. 192.

[175](#) Jerônimo, *Vulgata Dan.* prol., WEBER 2, 1341, 1, *apud* LARDET, P. (1983), p. 192.

[176](#) Jerônimo, *ibid.*, WEBER 2, 1341, 1-2, *apud* LARDET, P. (1983), p. 192.

[177](#) Jerônimo, *ibid.*, WEBER 2, 1341, 6-7, *apud* LARDET, P. (1983), p. 192.

[178](#) Jerônimo, *Vulgata Dan.*, prol., WEBER 2, 1341-1342, 20-44, *apud* LARDET, P. (1983), p. 192.

[179](#) Cf. Dn 13.

[180](#) Cf. Dn 3,51-90.



[181](#) Cf. Dn 14.

[182](#) O que acusa um ladrão de figos, em Atenas. Velhaco, embusteiro, impostor, mentiroso, lisonjeiro, adulator, hipócrita.

[183](#) Jerônimo, *Daniel*, WEBER 2, 1342, 48-49, *apud* LARDET, P. (1983), p. 194.

[184](#) Jerônimo, *ibid.*, WEBER 2, 1342, 49-51, *apud* LARDET, P. (1983), p. 194.

[185](#) Cf. Rm 10,2, conforme a *Vulgata*.

[186](#) Jo 7,38.

[187](#) Mt 27,46.

[188](#) Sl 22(21),2.

# TERCEIRO LIVRO

## Primeira parte: Procedimentos respectivos dos dois adversários e de seus aliados

1. Lidas as cartas de tua sabedoria pelas quais tu te arremessas contra mim – aquele outrora elogiado e que dizias teu verdadeiro colega e irmão, agora é por teus livros que o provocas a responder e tu o aterrorizas com as tuas acusações –, eu compreendi que em ti havia-se cumprido a palavra de Salomão: “Na boca do tolo está o bastão do insulto”,<sup>1</sup> e: “O louco não admite as palavras sensatas, a não ser que digas o que ocupa seu coração”.<sup>2</sup> Isaías diz também: “O louco dirá loucuras e seu coração meditará tolices, e assim levará a cabo as iniquidades e dirá mentira na presença de Deus”.<sup>3</sup> Que necessidade houve, pois, de enviar os volumes de acusação e proferir insultos em público, se tu, na última parte de tua carta, me dissuades, com a notificação de minha morte, que eu ouse responder a tuas acusações, ou antes a teus elogios? São os mesmos pontos, com efeito, que tu proclamas e que tu acusas, e de uma só fonte procede o doce e o amargo.<sup>4</sup> É por isso que te rogo que a descrição e o recato que de mim exigis, tu os exibas antes que eu, e tu que acusas a outrem de mentira, cesses tu de mentir.

Quanto a mim, eu não crio escândalo a ninguém e, no momento, não sou o acusador de ti. Com efeito, eu não considero o que tu mereces, mas o que me convém,<sup>5</sup> e temo muito a palavra do Salvador, quando diz: “Aquele que tenha escandalizado a um só destes pequeninos que creem em mim, é melhor para ele que se pendure uma mó de asno em seu pescoço e que seja precipitado no fundo do mar”,<sup>6</sup> e “Ai do mundo por causa dos escândalos. É necessário que apareçam os escândalos, mas ai daquele homem por quem um escândalo vem”.<sup>7</sup> Eu poderia, pelo menos contra ti, acumular falsidades, e dizer que ou ouvi ou vi aquilo que ninguém ignora, de modo que, junto àqueles que o ignoram, o atrevimento fosse considerado como verdade e o frenesi, firmeza.<sup>8</sup> Mas longe de mim ser teu imitador e eu próprio fazer o que critico em ti! Aquele que pode cometer torpezas é que mantém conversas torpes: o homem mau tira do mau tesouro de seu coração aquilo que é mau. “A boca fala do que abunda no coração”.<sup>9</sup> Tem por lucro, para o momento, o fato de que teu antigo amigo não quer, mesmo acusado, objetar-te coisas torpes. E digo isso não pelo fato de temer as espadas de tua acusação, mas porque prefiro ser acusado a acusar, e sofrer a injustiça a fazê-la, sabendo o preceito do Apóstolo: “Não vos vingueis vós mesmos, ó caríssimos, mas dai lugar à ira. Na verdade está escrito: ‘A mim a vingança e eu a retribuirei’,<sup>10</sup> diz o Senhor. Mas se teu inimigo tem fome, alimenta-o; se tem sede, dá-lhe de beber. Fazendo, pois, isso, tu reunirás carvões ardentes sobre sua cabeça”.<sup>11</sup> Aquele que, com efeito, se vinga por si mesmo não merece ser vingado pelo Senhor.

2. Entretanto, antes de responder à tua carta, eu acho bom perguntar-te a razão, ó mais velho dos monges, excelente presbítero, imitador de Cristo: tu podes matar teu irmão, se, só de odiá-lo, és um homicida?<sup>12</sup> Tu aprendeste do Salvador que àquele que te bate em uma face tu deves oferecer a outra?<sup>13</sup> Deste modo, ele respondeu a quem lhe batia: “Se falei mal, dá testemunho do que eu disse de mau; se eu falei bem, por que me bates?”<sup>14</sup> Tu me ameaças de morte: as serpentes também podem infligi-la. A morte é de todos, o homicídio é dos piores. Pois quê? Se tu não me matas, eu serei imortal? Por que não te serei grato porque fazes da necessidade uma virtude? Mesmo os apóstolos, sem prejuízo de suas amizades mútuas, não estiveram em desacordo, quando Paulo e Barnabé brigaram por causa de João, com sobrenome de Marcos, e a viagem marítima separou aqueles que o Evangelho de Cristo unia?<sup>15</sup> O próprio Paulo não fez resistência na presença de Pedro, declarando que

ele não caminhava com passo acertado no Evangelho?<sup>16</sup> E, entretanto, ele o chama seu predecessor, a coluna da Igreja,<sup>17</sup> e ele expõe a sua pregação, “para não correr ou ter corrido em vão”.<sup>18</sup> Em se tratando de religião, os filhos também não discordam dos pais, e as mulheres, dos maridos, sem ferir a sua afeição? Mas vós, se vós vos achais assim como nós nos achamos, por que nos odiais? Se vossa crença é outra, por que quereis matar? Acaso aquele que de vós discordar deve ser morto? Eu invoco a Jesus, testemunha da minha consciência, o qual há de julgar tanto esta carta quanto a tua epístola: à advertência do nosso santo pai Cromácio, eu queria calar-me, pôr fim às malquerenças e vencer o mal pelo bem;<sup>19</sup> mas, visto que ameaças de morte se eu não me tiver calado, sou forçado a responder, para que não pareça o meu silêncio uma confissão de culpabilidade, e que não interpretes a minha doçura como sinal de uma má consciência.

**3.** Este é teu verdadeiro dilema – e ele não passou pela prova da dialética que tu ignoras, mas pela sala de tortura e pelo ofício dos carrascos: se eu me tiver calado, serei culpado; se eu respondo, maledicente. Tu, pois, tanto me proíbes quanto me obrigas a responder. Nisso agirei ponderadamente num e noutro sentido, de modo que eu lave o que foi acusado ao mesmo tempo que me abstenha de injustiça. Quem, pois, não teme aquele que está preparado para matar? Eu seguirei os passos de tua exposição, reservando o resto àqueles livros eruditíssimos, os quais, antes de lê-los, eu refutei.

Tu dizes “que tu enviaste tua acusação contra mim apenas àqueles que minhas palavras tinham ferido, e não a muitas pessoas, porque não se deve falar aos cristãos para a ostentação, mas para a edificação”. E de onde, eu te pergunto, chegou até mim a fama de teus livros? Quem os difundiu na Itália, em Roma, através das ilhas da Dalmácia? Se em teus cofres e nos de teus amigos estavam escondidos, como chegaram até mim os agravos feitos a mim? E ousas dizer que falas, como se fosses cristão, não para ostentação, mas para a edificação, tu que, em tua velhice, inventas a respeito do velho tanto quanto não diria um assassino de um ladrão, de uma cortesã uma meretriz, de um palhaço um bobo; tu que me pares montanhas de acusações<sup>20</sup> e, desde muito tempo, tu afias as espadas para cravá-las em meu pescoço! Se teus “Cereais”<sup>21</sup> e teus “Anabásios”<sup>22</sup> percorreram diversas províncias, era para ler aí meus elogios? Para recitar o teu panegírico nas esquinas e nas praças ou nas fábricas de tecido das mulherzinhas? Esta é aquela tua santa descrição, esta, a edificação cristã! Tu és tão modesto, tão reservado que aqueles que vêm em multidão do Ocidente narraram-me teus insultos com tal fidelidade à memória e com tal conformidade com a verdade que eu era forçado a responder, não a teus escritos, que não havia ainda lido, mas às opiniões dos escritos, aparar com o escudo da verdade os dardos de falsidade que voavam pelo mundo todo.

**4.** Segue em tua epístola: “Não vás comprar meu secretário a peso de ouro, como teus amigos o fizeram para os meus papéis do *Perì Archôn* ainda não corrigidos, ainda não passados a limpo, para que mais facilmente pudessem falsificar aquilo que ninguém tinha ou muito poucas pessoas. Recebe gratuitamente, enviado por mim, a obra que desejarias adquirir a grandes custos”. Não te envergonha este preâmbulo? Eu compraria a preço de ouro o teu secretário? E quem é tão grande e forte que ousa rivalizar com os Cresos<sup>23</sup> e os Darios<sup>24</sup> quanto a riquezas, que não tenha grande medo de se deparar improvisadamente com Demarato<sup>25</sup> ou Crasso?<sup>26</sup> Até que ponto endureceste a fronte, para que ponhas a esperança tua na mentira e imagines que tu possas ser protegido por uma mentira<sup>27</sup> e penses que se deva acreditar em qualquer coisa que tenhas inventado? Quem roubou em Belém, no quarto do irmão de Eusébio, a carta que fazia teu elogio? Por astúcia de quem e com servos de quem foi encontrada, na pousada de Santa Fabíola e desse homem cristão e prudente que é Oceano,<sup>28</sup> a obra que eles nunca tinham visto? Tu colocas tua inocência no fato de que tudo que é teu tu transferes a outros? Quem te

tiver ofendido, ainda que seja simples e irrepreensível, se tornará, sem demora, um criminoso? Tu possuis, com efeito, aquilo pelo qual o pudor de Dânae<sup>29</sup> foi vencido, porque Giezi preferiu, à santidade<sup>30</sup> de seu mestre, aquilo por causa de que Judas entregou o seu Senhor.<sup>31</sup>

5. Vejamos, todavia, quais falsificações meu amigo trouxe a teus papéis “que nem mesmo corrigidos estavam, nem ainda passados a limpo” e, por isso, a falsificação foi mais fácil para ele, ou porque ninguém as tinha, ou muito poucos. Eu o escrevi antes e agora assevero as mesmas coisas, tomando Deus por árbitro, que eu não aprovei sua acusação, nem de qualquer cristão para cristão. Que necessidade há que se exponha à luz do dia, para o escândalo e ruína de muitos, aquilo que se pode em segredo censurar ou corrigir? Mas porque cada um vive com seu humor e como um amigo não tem domínio da vontade do outro, como eu repreendo uma acusação, mesmo justificada, eu não admito que seja imputada a um homem santo a falsificação dos teus papéis. O que um latino pôde transformar a partir de uma tradução grega? Ou então o que suprimiria ou acrescentaria nos livros *Peri Archôn*, onde tudo está tão compactado e uma coisa depende da outra, de modo que, se quiseses tirar ou acrescentar, isto aparecerá como um remendo em uma roupa? O que, pois, me aconselhas, faze-o tu mesmo. Um pouquinho de modéstia pratica, pelo menos a humana, senão a cristã; nem penses que, depois de desprezar e pisar a tua consciência, tu hás de ser purificado pelas palavras, que és apertado pelo peso dos fatos. Se Eusébio resgatou a preço de ouro os papéis não corrigidos para falsificá-los, produz tu os que não foram falsificados; e se nada tiveres encontrado neles de herético, então é ele que será sujeito ao crime de falsidade. Por mais que mudes, por mais que corrijas, não provarás que são católicos. Se, pois, houvesse um erro em palavras ou em algumas ideias, poder-se-ia cortar o ruim, e no lugar dele recolocar o bom. Mas quando toda a discussão é nivelada, e todas as criaturas racionais que, por vontade própria, decaíram, devem retornar depois a um único estado, de modo que de um outro começo haja novas quedas, que tens a corrigir, a não ser que mudes tudo? Porque, se quiseses fazê-lo, já não traduzirás os livros alheios, mas comporás os teus.

Eu não compreendo de qual espécie é este argumento: “E, disse ele, porque meus papéis não estavam corrigidos e ainda não passados a limpo, que Eusébio falsificou-os mais facilmente”. Ou eu sou mais lento, ou para mim parece-me um argumento bastante tolo e estúpido. Se os teus papéis não estavam corrigidos nem passados a limpo, o erro destes papéis não será imputado a Eusébio, mas a teu atraso e à tua lentidão, pois demoraste a corrigir; e apenas por este motivo será ele culpado: porque difundiu teus escritos junto ao povo, os quais tu decidiras corrigir paulatinamente. Se, porém, como tu queres, é Eusébio que os falsificou, por que tu discutes alegando que é sem terem sido corrigidos nem passados a limpo que eles surgiram em público? Quer tenham sido corrigidos, com efeito, quer não tenham sido corrigidos, eles sofrem falsificação similar.

“Ninguém, diz ele, tinha esses livros, ou bem poucos.” Em uma só sentença, quanta contradição! Se ninguém os tinha, como existiam em casa de poucos? Se poucos os tinham, por que mentes dizendo que ninguém os teve? Porém, porque dizes que eles estiveram em mãos de poucos, e, segundo tua própria confissão, seja derrubada a afirmação de que ninguém os tenha detido, de onde vem a tua queixa acerca de teu secretário comprado a preço de ouro? Diz o nome do secretário, a quantidade de ouro dada, o lugar, o intermediário ou o destinatário. Com certeza, tu te livraste daquele que te traiu, e rompeste relações com um culpado de tão grande crime. Cuida para que não haja uma outra versão mais exata: esses poucos amigos teus teriam dado a Eusébio e a outros uns exemplares que entre si se assemelham e concordam que nem por um ponto sequer eles diferem um do outro. Então, que prudência há em dar a outros um exemplar que tu não corrigiste ainda? Teus papéis não estavam passados a limpo, e os teus erros que era necessário corrigir já estavam em poder de outros! Tu sentes

que tua mentira não tem consistência própria, e que aquilo que em dado momento foi útil a ti para esquivar-te das sentenças dos bispos está aberto à discussão, e que tu és refutado por tuas próprias palavras? Donde aparece que, segundo uma nota de um célebre orador, tu tens a vontade de mentir, mas não tens a arte de fingir.<sup>32</sup>

6. Eu seguirei a ordem da carta e acrescentarei tuas próprias palavras, como as empregaste: “A tua eloquência, como tu dizes, eu reconheço ter louvado, mas que também agora eu louvaria, se tu não a tivesses tornado, contra o parecer de teu Cícero, odiosa por muita presunção”.<sup>33</sup> Onde é que gabei a minha eloquência, eu que nem mesmo por ti admiti de bom grado que ela fosse louvada? Por acaso dizes isso porque não queres ser lisonjeado por uma pregação hipócrita? Tu serás abertamente acusado, de modo que tu que escarras sobre aquele que te louva, sentirás quem te ataca. Tua incompetência, porém, eu não seria tão tolo de repreender, a qual ninguém pode acusar com mais força senão tu próprio, quando escreves; mas eu quis mostrar a teus condiscípulos, que contigo não aprenderam as letras,<sup>34</sup> os progressos que fizeste por trinta anos no Oriente, a ti que, letrado sem letras, tomas a insolência por eloquência e o maldizer a todos como sinal de boa consciência.<sup>35</sup> Eu não aplico a palmatória em ti, como dizes, nem me esforço a ensinar as letras a meu *discípulo senil de Atenas*,<sup>36</sup> com o açoite e as chagas; mas como não podemos, nós todos os escritores, suportar o raio de tua eloquência e de tua ciência, e, como feres os nossos olhos pela agudeza de teu talento, a tal ponto que consideras que todos têm inveja de ti, nós nos rivalizamos no desejo de te arrebentar, para que não ocorra que, se porventura tu obtiveres a primazia escrevendo e te instalares no pináculo da eloquência,<sup>37</sup> não nos seja permitido murmurar a todos nós que presumimos saber alguma coisa. Eu sou filósofo, retórico, gramático, dialético, hebreu, grego, latino, trilingue? Nestes termos, tu serás, quanto a mim, bilíngue, porque é tamanho o teu conhecimento, que tens do grego e do latim, que, ao mesmo tempo, os gregos te consideram um latino, e os latinos, um grego; e nosso papa Epifânio será *pentaglota*,<sup>38</sup> porque ele fala em cinco línguas contra ti e teu favorito.

E, ao mesmo tempo, eu me admiro do atrevimento com que ousas dizer contra um homem de tantas qualificações: “Tu que vigias com olhos armados de tantas disciplinas, como devemos agradecer-te com o perdão se cometeres engano, e não fores encoberto com o eterno silêncio da vergonha?” Assim que li esta frase, achei que, em alguma parte em meu estilo, tivesse falhado – “Quem, com efeito, não peca em palavra, este é perfeito”<sup>39</sup> – e suspeitava que ele fosse denunciar algum de meus defeitos, subitamente ele introduziu estas palavras: “Há dois dias antes que partisse o portador desta, a minhas mãos chegaram estas invectivas que lançaste contra mim”. Onde está, pois, o que ameaças e dizes: “como devemos agradecer-te com o perdão se cometeres engano, e não fores encoberto com o eterno silêncio da vergonha?” A menos que, por acaso, não pudeste, premido pelo tempo, colocar em ordem estas frases, ou havias de incumbir a alguém entre as pessoas instruídas que fosse procurar em meus opúsculos os adornos das pérolas para a tua eloquência. Mais acima, tu escreves: “Recebe gratuitamente de minha parte a obra que desejarias comprar a grandes custos”, e agora fala sob os embustes da humildade: “Não quis te imitar; mas como aquele que voltava para ti retornava apressadamente, eu achei melhor escrever a ti em poucas palavras que aos outros responder mais desenvolvidamente a teus insultos”. E durante este tempo, aproveita da tua incompetência. Uma vez, com efeito, confessaste dizendo: “Foi-te supérflua a repreensão em poucos pontos, porque, proferida a nós, abrange tudo”. Assim, não criticarei que tenhas empregado *adquirido*<sup>40</sup> a respeito da obra, em vez de *comprado*,<sup>41</sup> ainda que *aquisição*<sup>42</sup> se refira a termos equivalentes, *compra*<sup>43</sup> seja o cálculo de um preço, nem cometido um *pleonismo*<sup>44</sup> de elocução sordidíssima como “aquele que voltava para ti retornava apressadamente”. Vou responder apenas pelo conteúdo, e eu te convencerei em todas as



coisas que, de nenhum modo, tu és o autor de solecismos e barbarismos, mas um mentiroso, um astuto, um desavergonhado.

**7.** Se só para mim escreves uma carta, para me chamar a atenção, e queres corrigir-me, para que não faças escândalo aos outros e que uns não sejam degolados por outros desvairados, por que escreves livros contra mim para outros, e espalhas ao mundo todo por tua escolta para serem lidos? Onde está teu silogismo, pelo qual tentas enredar-me e falas: “Quem nisso, ó mestre excelente, desejavas corrigir? Se aqueles aos quais escreves, em nada cometeram falta; se a mim que acusas, não foi a mim que tinhas escrito?” Eu responderei a ti então com tuas próprias palavras: A quem querias corrigir, ó mestre ignorante? Aqueles que não tinham pecado, ou a mim a quem não tinhas escrito? Tu pensas que teus leitores são brancos e que nenhum deles entende tua penetração, ou antes tua malícia, pela qual também a serpente foi o mais compenetrado do que todos os animais no paraíso,<sup>45</sup> a ponto de tu me pedires uma advertência secreta, a mim que persegues com uma acusação pública? Não te envergonhas de chamar “apologia” tua acusação? Tu te queixas também que eu oponha um escudo a teu punhal e te metes, como um religioso e santinho, a máscara da humildade, e dizes: “Se eu tivesse errado, por que escreves a outros e não te diriges a mim próprio a tua refutação?” É isso precisamente que eu vou retornar contra ti. Com efeito, tudo o que me censuras por não ter feito, por que tu próprio não fizeste? E como se alguém, batendo em outro com socos e pontapés e, se este quisesse resistir, diga a ele: Não te foi prescrito: “Aquele que te tiver batido numa face, apresenta-lhe também a outra?”<sup>46</sup> O que, com efeito, ó bom homem, foi-te prescrito que me batas, que me vases o olho? E se me remexo um pouco, tu me cantarás os preceitos do Evangelho?

Queres saber todos os ardis das tuas argúcias e as armadilhas das raposinhas que habitam nos escombros, das quais também fala Ezequiel: “Como raposas no deserto são teus profetas, Israel?”<sup>47</sup> Escuta o que fizeste: Tu me louvaste em teu prefácio a tal ponto que me censuram por teus elogios e, se eu me dissesse alheio a tão grande panegirista, eu seria julgado herético. Depois que eu repeli os teus agravos, isto é, teus louvores e, sem ódio a teu nome, eu respondi a estes agravos, não àquele que os formulava, e para provar minha ortodoxia, eu que tu havias desacreditado, eu me lancei contra os hereges, e tu te enraiveces, tu deliras e forjas contra mim livros elegantíssimos. E como tu os tinhas dado a todos para serem lidos e cantados, chegaram até mim, da Itália, da cidade de Roma e da Dalmácia os escritos, com os quais tu me terias ornado com elogios, meu panegirista de antanho.

**8.** Eu o confesso, eu respondi logo às censuras e tentei provar com todas as forças que eu não era herege. E eu enviei estes livros de minha apologia àqueles que tinhas ferido para que, aos venenos teus, seguisse o nosso antídoto. Por causa desta falta, tu me envias ao mesmo tempo teus livros anteriores e a recente carta cheia de injúrias e agravos. Que queres que eu faça, ó bom amigo? Calar-me? Darei a entender que eu reconheço minha culpabilidade. Falar? Tu me aterrorizas com tuas espadas, e me ameaças com a acusação não mais eclesiástica, mas diante dos tribunais. O que eu fiz? Em que me tornei culpado? Em que te causei dano? É porque eu disse que não era herege? Porque disse que era indigno de teus elogios? Porque descrevi com palavras abertas as fraudulências e os perjúrios dos hereges? E quanto a ti que te gabas de ser ao mesmo tempo católico e sincero, que, com melhor disposição, me acusas do que te defendes? Por acaso minha defesa é a tua acusação? Ou, então, não poderias ser ortodoxo de outra forma senão provando que sou herege? Em que minha companhia te é útil? Ou então o que é esta sagacidade? Acusado por uns, tu acusas um outro. Tu és atacado por um, e dando as costas a ele, tu provocas contra ti um outro que está tranquilo.

**9.** Eu tomo Jesus como mediador: é contra minha vontade e a contragosto que eu desço a essas

palavras e, se tu não me provocasses, sempre teria guardado o silêncio. Em suma, não queiras acusar, e eu, por minha parte, cessarei de defender-me. Qual é, na verdade, a edificação daqueles que ouvem se dois velhos se digladiam entre si por causa de hereges, sobretudo quando ambos querem passar-se por católicos? Abandonemos o patrocínio dos hereges e não haverá entre nós nenhum conflito. Com o mesmo fervor com o qual anteriormente louvamos, condenemos Orígenes, que agora está condenado pelo mundo todo. Apertemos as mãos, unamos os corações e sigamos, com passo alegre, os dois *porta-troféus*<sup>48</sup> do Oriente e do Ocidente.<sup>49</sup> Quando jovens, nós erramos: corriamos, quando velhos. Se tu és um irmão, alegra-te de me ver corrigido. Se eu sou um amigo, pela tua conversão devo parabenizar-te. Enquanto houver entre nós desavença, nós pareceremos enunciar a verdadeira fé por obrigação, e não espontaneamente. As nossas inimizades nos tiram um ao outro o testemunho de um verdadeiro arrependimento. Se temos uma só fé, se queremos e recusamos ao mesmo tempo a mesma coisa – que daí nascem as amizades sólidas, até Catilina<sup>50</sup> atesta<sup>51</sup> –, se nós igualmente odiamos os hereges, e condenamos indistintamente nosso antigo erro, por que nós nos erguemos um contra o outro, visto que são as mesmas ideias que atacamos, as mesmas que defendemos? Perdoa-me que eu tenha louvado, em minha idade juvenil, a erudição de Orígenes e o zelo pelas Escrituras, antes que eu conhecesse mais plenamente a sua heresia, e eu te darei o perdão por teres escrito a apologia de seus livros no tempo de tua cabeça branca.

**10.** Tu atestas que meus opúsculos chegaram a tuas mãos dois dias antes que nos escrevesse tua carta, e que, por esta razão, não tiveste tempo livre para responder. Ao contrário, se nos tivesses falado contra nós depois de preparação e meditação, pareceria que tu lançavas raios, não agravos. E quem, pois, acredita em ti, o homem sinceríssimo, quando um negociante de víveres orientais que, ao mesmo tempo, tinha a obrigação de vender o estoque levado daqui e lá comprar o que ele traria de volta para cá, teria estado dois dias apenas na Aquileia, de tal modo que, às pressas e de improviso, tu serias forçado a ditar<sup>52</sup> uma epístola contra nós. Teus livros, com efeito, que poliste por três anos, estão mais eloquentes? A não ser que não houve atualmente quem corrigisse tuas bagatelas e, por esta razão, todo o percurso de tua elocução, à qual falta a arte de Palas,<sup>53</sup> se acha entrecortado pelas asperezas e voragens de teus defeitos. Tão manifesta é tua mentira acerca do tempo que não direi quanto a responder, mas que não sejas capaz de ler meus escritos em dois dias. O que vem mostrar que, ou tu levaste vários dias para escrever aquela carta, como prova a elegância de seu estilo, ou que, se tua elocução é caótica, tu és bastante negligente, porque tal como tu és na improvisação, tu foste mais medíocre ainda, depois de reflexão.

### **Segunda parte: retorno sobre os métodos de tradução e de comentário, bem como sobre um problema de atribuição**

**11.** Aquilo, porém, para o qual buscas escapatória e dizes que tu traduziste do grego aquilo que eu traduzira primeiramente para a língua latina, não entendo muito o que queiras dizer, a menos que, talvez, tu não incrimines ainda os *Comentários aos Efésios* e, como se nada sobre este assunto te tivesse sido respondido, tu endureces a falta de vergonha da frente e, com os ouvidos tapados, tu não recebes as palavras do encantador.<sup>54</sup> Nós, em nossos comentários, tanto esses quanto aqueles, desenvolvemos o nosso ponto de vista e o dos outros, abertamente reconhecendo o que é herético e o que é católico. Isto é, com efeito, o usual em termos de comentários e a regra dos exegetas: eles buscam as opiniões divergentes quanto à explicação, e expõem o seu próprio ponto de vista e o dos outros. É isto o que fazem não apenas os exegetas das Santas Escrituras, mas também os comentadores das literaturas profanas, tanto latina quanto grega. Tu não podes alegar o mesmo para os livros do *Peri*

*Archôn*. Condenar-te-á, com efeito, o teu prefácio, no qual prometes que, cortadas as más passagens e as que tinham sido acrescentadas por hereges, ficaram as passagens excelentes, de modo que tudo o que aí disseres de bom ou de mau já não seja imputável àquele que traduzes, mas a ti, que o traduziste. A menos que, por acaso, tu devas ter que corrigir os erros dos hereges e divulgar aos olhos de todos os maus aspectos de Orígenes! Mas a este respeito, visto que nos remetes à tua obra, nós te respondemos antes que lêssemos teus escritos.

**12.** Quanto ao livro de Pânfilo, por acaso aconteceu-me uma aventura, não ridícula, como escreves, mas risível, que, depois que afirmei que aquele livro era de Eusébio, e não de Pânfilo, eu disse no fim que também eu acreditava há vários anos que era de Pânfilo e que tinha tomado emprestado de ti um exemplar deste volume. Vê quanto eu temo as tuas gargalhadas, a tal ponto que até agora eu apresento as mesmas afirmativas. Sobre a base de tua obra, nós recebemos um exemplar como se fosse de Pânfilo. Eu acreditei em um cristão, eu acreditei em um monge: não pensei que tu pudesses imaginar tamanho crime. Mas, em seguida, tendo-se elevado a questão contra Orígenes, por meio da tua tradução, eu diligenciei-me em buscar exemplares e descobri na biblioteca de Cesareia os seis volumes de Eusébio da *Apologia de Orígenes*.<sup>55</sup> Tendo-os lido, eu encontrei como primeiro livro aquele que tu publicaste isoladamente sob o nome do mártir, tendo sido comutadas, em boa parte, várias blasfêmias em relação ao Filho e ao Espírito Santo. Eu não sei quem é que fez isto, se foi Dídimo, ou tu ou um outro, isto que declaradamente tu estás convencido de ter feito nos livros do *Peri Archôn*, tanto mais que o próprio Eusébio – como já em dois livros eu mostrei – escreve que Pânfilo não publicou nenhuma obra própria.

Dize, pois, tu também a quem tomaste teu exemplar, não me cites, para esquivar-te à acusação, alguns nomes de mortos, de modo que, quando não puderes mostrar o autor, tu apontes alguém que não pode responder. Mas se este riachozinho tem sua fonte em teus escrínios, o que se segue, mesmo que eu me cale, não representa nenhuma dúvida para ti. Porém, supõe que um outro admirador qualquer de Orígenes tenha mudado o título deste livro e do nome do autor: por que traduzes isso para a língua latina? Evidentemente para que, pelo testemunho de um mártir, todos cressem nos escritos de Orígenes, com a muralha erguida de tão grande autoridade e testemunha. Não te basta a apologia de um homem muito sábio, a não ser que escrevas também um volume próprio em sua defesa. Uma vez estes escritos largamente difundidos, doravante com segurança tu traduzes os livros *Peri Archôn* do grego e recomendas esses livros com um prefácio, dizendo que alguns pontos nesses livros foram adulterados por hereges, os quais corrigiste pela leitura de outros livros de Orígenes. Tu fazes meu elogio para que algum dos meus amigos não contradiga a ti. Tu celebras o *arauto*<sup>56</sup> de Orígenes; tu elevas aos céus a minha eloquência para afundar minha fé na lama, tu me chamas de irmão e colega e declaras-te o imitador de minha obra. Enquanto tu gabas as setenta homilias de Orígenes traduzidas por mim e alguns dos tomos sobre o Apóstolo, nos quais eu teria polido tudo “de modo que nada neles que destoe da fé católica o leitor latino encontre”,<sup>57</sup> agora tu acusas os mesmos livros heréticos e, com o estilete virado, aquele que tinhas celebrado porque consideravas teu associado, tu o acusas, porque enxergas nele um inimigo de tua perfídia. Qual de nós dois é o caluniador do mártir? Eu, que digo que ele não foi herege nem escreveu um livro que é censurado por todos, ou tu, que publicaste um volume de um ariano sob o nome de um mártir com título mudado? Não te basta o escândalo da Grécia a não ser também aquele que trazes aos ouvidos dos latinos e deformas com tua tradução um ilustre mártir, com tudo o que tens. Tu, certamente, agiste com outra intenção, não a de denunciar um mártir, não a de acusar-me, mas a de defender, por nosso intermédio, os escritos de Orígenes. Sabe, porém, que a fé romana, louvada pela voz do Apóstolo,<sup>58</sup> não admite artifícios desta natureza, e que, mesmo se um

anjo anunciasse diferentemente do que foi pregado uma vez por todas, a fé sustentada pela autoridade de Paulo<sup>59</sup> não poderia mudar.

Portanto, irmão, que o livro tenha sido falsificado por ti, como muitos pensam, ou então por outros, como tu talvez tentas convencer-nos – e levianamente acreditaste que a *obra composta*<sup>60</sup> de um homem herege fosse de um mártir! –, muda o título e livra a simplicidade romana de tão grande perigo. Não te é útil que por ti um mártir de grande fama seja tido como um herege, de modo que aquele que verteu seu sangue pelo Cristo fosse considerado um adversário da fé do Cristo. Dize tu antes: eu achei um livro, eu presumo que seja de um mártir. Não temas a penitência. Já não te pressionarei, não direi de quem o recebeste. Cita alguém dos mortos, ou então dize que o compraste de um desconhecido na praça pública. Não é a tua condenação, com efeito, que procuramos, mas tua conversão. É melhor que tenhas cometido um erro que um mártir tenha sido herege. Enquanto isso, tira o teu pé como quer que seja do grilhão presente. Tu é que tens que ver, quando do julgamento por vir, o que responder às queixas do mártir contra ti.

**13.** Tu apresentas para ti também as objeções que ninguém fez e dissolves as acusações que ninguém dirige a ninguém. Tu declaras, com efeito, que leste em minhas cartas: “Dize-me quem te permitiu que, na tua tradução, tu tirasses, acrescentasses ou modificasses certas coisas?” Logo tu te dás a resposta e falas contra mim: “E eu te digo: eu te suplico, o que te permitiu que, em teus comentários, tu escrevesse alguma coisa de Orígenes, ou de Apolinário ou de ti mesmo e não totalmente a partir de Orígenes, ou de ti ou de outro? Durante este tempo, é contra ti mesmo que, enquanto fazes outra coisa, tu produziste um agravo extremamente forte, e esqueceste o velho provérbio, de que os mentirosos têm que ter memória. Tu dizes, com efeito, que eu pus em meus comentários textos de Orígenes, de Apolinário, e de mim próprio. Se, pois, os textos são de Apolinário e de Orígenes, aqueles que sob o nome de outros eu mencionei, como em teus livros a mim diriges o agravo que, quando eu escrevo: “Um outro diz isso..., alguém assim conjectura...”, que o “outro” seja ele e o “alguém” seja eu? Entre Apolinário e Dídimo, tanto o estilo de exegese quanto a divergência de doutrinas é grande. Quando, em um único capítulo, eu cito diversos pontos de vista, deve-se acreditar que eu adoto sentidos contraditórios? Mas estas questões veremos em outra ocasião.

**14.** Neste momento, eu te pergunto quem te censurou por ter, na obra de Orígenes, suprimido alguns pontos, ou ter acrescentado, ou ter modificado, e ter-te interrogado como se estivesse colocado em um cavalete: são bons ou maus os textos que traduziste? Em vão finges inocência, para enfraquecer por uma pergunta boba a verdadeira questão. Eu não te acusei de ter traduzido Orígenes por tua vontade: eu mesmo, com efeito, o fiz e, antes de mim, Victorino, Hilário e Ambrósio o fizeram; mas porque reforçaste com o testemunho de teu prefácio uma tradução herética. Tu me obrigas a repetir mais uma vez as mesmas coisas e fazer o meu caminho. Tu dizes, com efeito, no mesmo prólogo, que tu cortaste as coisas que tinham sido acrescentadas pelos heréticos e que puseste em seu lugar boas coisas. Se tiraste os maus textos dos hereges, então os que deixaste e os que acrescentaste ou serão de Orígenes ou teus, os quais seguramente citaste como bons. Mas muitas passagens más nestes textos não poderás negar que as há. Tu me dirás: o que eu tenho a ver com isso? Atribui a Orígenes; quanto a mim, com efeito, eu apenas modifiquei as passagens que tinham sido acrescentadas pelos hereges. Expõe as causas por que tu suprimiste as coisas más dos hereges e deixaste intactas as coisas más de Orígenes? Não é evidente que condenaste os maus textos de Orígenes, em parte sob a atribuição dos mesmos aos hereges, e em parte aceitaste, porque julgavas que não eram maus, mas bons e de acordo com a tua fé? Esses textos são aqueles dos quais eu inquiri se eram bons ou maus, aqueles que no teu prefácio louvaste, dos quais, cortadas as piores partes, tu confessaste que ficaram como excelentes. E é assim

que eu te dependurei ao cavalete do raciocínio verdadeiro, de modo que, se disseres que são bons, tu te mostras herético, e se maus, tu ouças logo: Por que, pois, tu louvaste em teu prefácio os que são maus? E não acrescentei aquela frase que tu imitas com esperteza: por que traduziste os maus textos para dá-los a conhecer aos latinos? Mostrar os maus textos, com efeito, às vezes, cabe não a quem ensina, mas a quem procura evitá-lo; para deixar o leitor precavido, não para que siga os erros; para que ele despreze as coisas conhecidas que, por vezes desconhecidas, são objeto de admiração. E ousas dizer que eu seja o autor de tais escritos; tu, porém, como tradutor nos quais pudeste corrigir alguma coisa, fizeste mais do que um tradutor; e nos trechos em que não pudeste corrigir, apenas traduziste. Com razão isto dirias se os teus livros *Perì Archôn* não tivessem um prefaciozinho. “É o que fez também Hilário, ao traduzir suas homilias para que os bons e os maus textos não fossem atribuídos ao tradutor, mas a seu autor.” Se não tivesses dito que cortaste as piores passagens e que ficaram as melhores, de um modo ou de outro tu sairias da lama. Isto é o que destrói os artifícios de teu parco talento, e não te permite sair daqui, tu que estás encerrado nele. Não abuses também da simplicidade do leitor e, assim, considera rudes todos os que lerão teus escritos, a tal ponto que não riam ao te verem aplicar emplastos a um corpo são enquanto deixas as feridas apodrecerem.

**15.** A tua posição quanto à ressurreição da carne, já a aprendemos na tua Apologia: “sem amputação de nenhum membro nem corte de nenhuma parte do corpo”.<sup>61</sup> Esta é a confissão declarada e pura de tua simplicidade que afirmas que foi aceita por todos os bispos da Itália. Eu creia em tua palavra se este livro, que não é de Pânfilo, não me fizesse duvidar de ti. Entretanto, eu admiro que a Itália aprove o que Roma desprezou, que os bispos tenham aceitado o que a Sé Apostólica condenou.

### **Terceira parte: Esclarecimentos acerca de diversas personalidades no Oriente e no Ocidente**

**16.** Tu escreves igualmente que, em minha carta, eu indiquei que o nosso papa Teófilo publicou recentemente uma exposição da fé que até vós ainda não chegou. E tu prometes que segues tudo o que ele escreveu. Eu não sei se escrevi isso nem se alguma vez despachei carta desse tipo. Mas se tu concordas com o que é incerto e com aquilo do qual ignoras o que há de ser, é para afastar o que é certo e para não ser tido por apoiá-los. Eu traduzi mais ou menos, no decorrer dos dois últimos anos, duas de suas epístolas, uma sinódica e outra pascal, contra Orígenes e seus discípulos, e outra contra Apolinário e o próprio Orígenes, e dei-as a ler aos homens de nossa língua para a edificação da Igreja. Uma outra obra dele eu ignoro tê-la traduzido. E, entretanto, tu que dizes seguir em todos os pontos o parecer de nosso papa Teófilo, toma cuidado para que os teus mestres e condiscípulos não ouçam isto, e para que não ofendas o maior número possível que nos chamam, a mim, de ladrão e a ti, de mártir; toma cuidado para que não se enfade contra ti aquele que, despachando cartas para ti contra o papa Epifânio, exortava-te a que permanecesses na verdade da fé, para que não mudasses de opinião sob terror nenhum. Esta carta autógrafa está em poder daqueles aos quais ela foi remetida. E depois disto, tu falas por teu costume e, a respeito daquilo que acima disseras: “Por mim, eu te darei satisfação mesmo se estás em desvario”, agora dizes: “O que te parece? Tu tens além disso algum ponto ao qual possas mandar as forças de tua loquacidade?”<sup>62</sup> E tu te indignas se eu te condeno quando falas afetadamente, quando tu, escritor eclesiástico, assumes as obscenidades das comédias e as brincadeiras das prostitutas e dos devassos!

**17.** Em seguida vem a tua pergunta sobre o momento em que eu comecei a seguir o parecer de nosso papa Teófilo e associar-me a ele pela comunhão da fé e tu respondes a ti mesmo: “Eu creio, que seja então quando, com todos os esforços e com todos os zelos, tu defendias Paulo, a quem ele condenara;



quando a este induzias a recuperar o sacerdócio, que ele perdera por sentença episcopal, graças a um escrito imperial”. Não responderei para defender-me antes de ter falado dos danos causados aos outros. Que humanidade, que piedade é essa de insultar as calamidades dos outros e as feridas alheias a todos mostrar? Assim te ensinou também aquele samaritano a levar à estalagem o homem semimorto, a derramar óleo nas feridas, a prometer ao estalajadeiro seu salário?<sup>63</sup> Assim tu lês que a ovelha foi trazida de volta, a dracma achada, o filho pródigo acolhido?<sup>64</sup> Convenhamos que eu te tenha prejudicado e, com certas pontadas, como dizes, te tenha levado à loucura de teus insultos. O que mereceu um homem que se escondia para desnudar-lhe as cicatrizes e reabrir a pele fechada, com um sofrimento inesperado? Não é verdade que, mesmo se ele fosse digno de opróbrios, tu não deverias fazê-lo? Salvo engano de minha parte, é verdadeiro o comentário que muitos proferem: que tu persegues os inimigos dos origenistas em sua pessoa e aproveitas da ocasião para ser cruel com um e com outro de uma só vez. Se tu te agradas das sentenças de nosso papa Teófilo e consideras sacrilégio que as sentenças pontificais sejam abolidas, o que dizes de todos os outros que ele condenou? O que dizer do papa Anastásio a respeito de quem, como dizes, “a ninguém parece verdade que o bispo de tão importante cidade pudesse causar prejuízo a ti que eras inocente ou ausente”? Nem digo isto porque faço julgamento das sentenças dos bispos, ou desejo rasgar seus decretos, mas porque cada um deve fazer com seu próprio risco o que bem lhe parecer, e que este mesmo saiba como devem ser julgadas as coisas a partir de seu próprio julgamento.

É do nosso agrado a hospitalidade no mosteiro, e todos os que até nós chegam recebemos com semblante alegre de humanidade. Nós tememos, com efeito, que Maria, acompanhada de José, não encontre lugar na hospedaria,<sup>65</sup> e que Jesus nos diga, tendo sido repellido: “Eu era um estrangeiro e vós não me recebestes”.<sup>66</sup> Os hereges são os únicos que não recebemos, os únicos que vós recebeis. Nós temos, com efeito, por vocação, de lavar os pés dos que vêm, e não discutir os méritos. Lembra-te da sua confissão e do seu peito que os açoites lavraram; recorda-te do cárcere, das trevas, do exílio, das minas de metais; e tu não te indignarás que ao passageiro tenha sido dada a hospitalidade. Por acaso a ti parecemos rebeldes, porque estendemos, aos que têm sede, um copo de água fresca, em nome de Cristo?<sup>67</sup>

**18.** Tu buscas as razões que temos de amá-lo mais e tu de odiá-lo mais? Uma facção de hereges, há pouco tempo rechaçada do Egito e de Alexandria, dirigiu-se a Jerusalém e quis aliar-se a ele, de modo que, tendo eles uma única dor, que uma só acusação se fizesse. Mas a estes ele repeliu, desprezou, rejeitou, dizendo que ele não era o inimigo da fé nem que empreendia guerra contra a Igreja; que suas empresas anteriores deviam ser tidas como de dor, não de traição; nem que ele tenha atacado a inocência de outrem, mas que ele tenha querido a sua própria. Tu consideras ímpio o rescrito imperial depois das sentenças sacerdotais? O que quer que seja, sabe-o aquele que o mereceu. Que impressão tens daqueles que, quando condenados, vêm sitiar o palácio e, formando o grupo uma cunha, perseguem a fé do Cristo na pessoa de um só homem?

Da comunhão que nos unia, a mim e ao nosso papa Teófilo, eu não invocarei nenhum outro testemunho senão aquele que presumes que eu tenha prejudicado, e não ignoras as cartas sempre dirigidas a mim, mesmo naquele tempo em que tu impEDIAS que elas me fossem remetidas e, pelos mensageiros enviados cotidianamente, tu repetias que seu inimigo era um amigo nosso e dos mais íntimos, e tu pregavas as mentiras que agora desavergonhadamente escreves, para aticar contra nós o seu ódio e fazer com que o sofrimento causado pela afronta se transformasse em violência para a minha fé. Mas como homem circunspecto e de sabedoria apostólica, ele demonstrou, com o tempo e as circunstâncias, ao mesmo tempo, o nosso estado de espírito com relação a si e às vossas armadilhas

contra nós. Se os meus discípulos, como escreves, em Roma atijaram a hostilidade e roubaram, enquanto dormias, os papéis que não haviam sido ainda corrigidos, quem fez o nosso papa Teófilo se levantar contra rebeldes no Egito? Quem fez os decretos dos reis? Quem fez o consenso nesta parte do mundo? E tu te glorias de ter sido, desde tua adolescência, ouvinte e discípulo de Teófilo, quando também ele, antes de tornar-se bispo, por uma modéstia inata em si, nunca ensinou, e tu, depois que ele se tornou bispo, não estavas em Alexandria. E ousas dizer para estigmatizar-me: “A meus mestres não acuso nem modifico”. Porque se é verdade, tu fazes suspeita para mim tua frequência. Não, eu não condeno, como me acusas, os que me formaram, mas temo aquilo que disse Isaías: “Ai daqueles que declaram mau o que é bom, e bom o que é mau, que mudam as trevas em luz e a luz em trevas, que declaram amargo o que é doce, e doce o que é amargo”.<sup>68</sup> Tu, porém, enquanto bebes igualmente os venenos e os vinhos melados dos mestres, tu te afastaste do mestre Apóstolo que ensina que não se deve seguir nem mesmo um anjo nem a ele mesmo, se eles tiverem cometido algum erro em matéria de fé.<sup>69</sup>

**19.** Em nome de Vigilância, eu não sei o que tu sonhas. Onde, com efeito, eu escrevi que ele se maculou pela comunhão com os hereges, em Alexandria? Apresenta o livro, mostra a carta: não encontrarás em nenhuma parte, de nenhum modo, isso. Com a mesma ousadia, ou antes o descaramento com que mentes, com o qual achavas que todos haveriam de acreditar em teus discursos, tu acrescentas: “quando tu citaste contra ele um testemunho das Escrituras de uma forma tão ofensiva que eu não ousa repeti-lo com minha própria boca”. Tu não ousas repeti-lo e, calando-te, tu aumentas ainda mais o agravo, e como não tens nada a lançar-me na cara, tu finges discrição, para que o leitor ache que tu poupas a mim, quando, mentindo, tu não poupaste nem à tua alma. Qual testemunho da Escritura é aquele que não pode sair dessa tua boca discretíssima? Ou que de escandaloso pode ser relatado nos Livros Santos? Se tu coras de falar, escreve pelo menos, para que nos convença o próprio discurso da insolência. Para não falar do resto, é apenas neste único capítulo que eu comprovarei que tu possuis a fronte férrea da trapaça. Vê quanto eu temo tua acusação: se tu inventas aquilo de que me ameaças, recairá sobre mim tudo que é teu.

Para mim, na pessoa de Vigilância, é a ti que respondi. Ele me acusava, com efeito, com os mesmos termos com que tu, depois, tanto louvas, como amigo, quanto acusas, como inimigo. Eu sei quem atijou sua raiva contra mim, eu conheço os teus túneis subterrâneos, não ignoro a tua candura que todos proclamam: por causa da tolice dele, a tua maldade arrebatou-se contra mim. Se eu o repeli com a minha carta, para que não pareças ser o único a ter o cajado das letras, tu não deves dissimular a torpeza dos termos, a qual não leste absolutamente em parte alguma, mas deves compreender e reconhecer que é por sua estupidez que houve resposta a tuas calúnias.

**20.** Na epístola de nosso santo papa Anastácio, tu te mostraste inconstante; e na tua agitação, tu não encontras nada em que possas fincar o pé. Com efeito, ora dizes que eu a compus, ora que ela devia ter sido entregue a ti por aquele a quem ela foi enviada. De novo denuncias a injustiça daquele que escreve. Aliás, que a epístola tenha sido escrita por ele ou que ela não tenha sido, tu atestas que não te cabe em nada, porque tens o testemunho de seu predecessor e que, por amor de tua cidadezinha fortificada, tu desprezaste o pedido de Roma de que tu a honrasses pelo brilho de tua presença. Se tu suspeitas que esta carta tenha sido forjada por mim, por que não a procuras no arquivo da igreja romana, para que, assim que descobrires que ela não foi enviada pelo bispo, com toda evidência tenhas o culpado do crime, e de nenhum modo tu me oponhas teiazinhas de aranhas, mas me encerres em uma rede de enorme força e solidez. Se, entretanto, ela é do bispo romano, é tolice o que fazes, de pedir dele um exemplar a quem ela foi enviada, e não de quem a enviou, esperar do Oriente o

testemunho do qual tens, na tua proximidade, o autor e a testemunha.

Vai antes a Roma e, pessoalmente junto dele, pede satisfação do motivo pelo qual a ti, ausente e inocente, ele tenha feito esta afronta: primeiro, porque não admitiu a exposição da tua fé, que, como escreves, toda a Itália ratificou, e não quis servir-se do cajado da tua carta contra os cães lançados após ti; em seguida, para enviar-te epístolas ao Oriente contra ti, para queimar-te, enquanto não sabes, como cautério da heresia, e dizer que, se os livros de Orígenes *Perì Archôn* foram por ti traduzidos e entregues à plebe simples da igreja romana, era para que perdessem a verdade da fé que eles aprenderam do Apóstolo, e depois, para que suscitasse contra ti a maior hostilidade, tenham ousado incriminar estes mesmos livros reforçados pelo testemunho de teu prefácio. Não é leve a acusação que te lança o pontífice de tão grandiosa cidade, ou então ele levou em consideração levemente a acusação que outro introduziu. Vocifera e proclama nas encruzilhadas e nas praças: não é, não é meu livro! E se são meus os papéis não corrigidos, Eusébio retirou-os às escondidas. E de outro modo que eu os publiquei ou antes não os publiquei. A uma só pessoa os dei, ou pelo menos a muito poucas pessoas; foi tão celerado o inimigo e os amigos, tão negligentes, que os códices de todos foram igualmente falsificados. Eis o que deverias ter feito em vez de lhe virar as costas e dirigir-me, além dos mares, as flechas de teus insultos. Em que é útil, pois, às tuas feridas se eu tiver sido ferido? É um consolo do ferido ver um amigo consigo morrendo?

**21.** Tu levas adiante a epístola de Sirício,<sup>70</sup> que já dorme no Senhor, e tu desprezas o que diz Anastásio, que está vivo. O que pode, com efeito, causar-te estorvo, como dizes, que, sem que saibas, ele tenha escrito ou, por acaso, não tenha escrito? Mesmo se ele escreveu, o testemunho do mundo inteiro te basta que “a ninguém parece verdade que o sacerdote de tão grande cidade tenha podido causar prejuízo a um inocente ou a um ausente”. Tu te declaras inocente, a ti cuja tradução fez Roma tremer; ausente, quando acusado, não ousas responder. E tu foges a tal ponto ao julgamento da cidade de Roma que preferes enfrentar o assédio bárbaro à sentença de uma cidade em paz. Admitamos que eu tenha forjado a carta do ano passado. Quem enviou ao Oriente os escritos recentes, nos quais o papa Anastásio te adorna com tantas flores que, quando os tiveres lido, tu começarás a querer mais defender-te que acusar-nos?

E considera, ao mesmo tempo, aquela tua inimitável sagacidade e os saís áticos, e a graça de uma linguagem santa. Tu és atacado por uns, és trespassado pela acusação de outros e contra mim tu te inchas furioso e falas: “Porventura também eu não posso contar como tu deixaste Roma, que julgamento foi feito de ti naquele momento, o que foi escrito em seguida, o que juraste, aonde embarcaste, quão escrupulosamente tu evitaste o perjúrio? Eu poderia revelá-lo, mas decidi guardar mais segredos do que relatar”. Estes são os adornos de tuas palavras. E depois disto, se eu disser contra ti algo de áspero, logo ameaças a mim a citação na justiça e as espadas. E durante aquele tempo, como homem de grande eloquência, tu brincas com a arte retórica, tu finges passar em silêncio o que dizes, de modo que tu tornes criminoso aquilo que, como se esquecido, censuras a mim sem poder dar provas. Esta é toda a tua simplicidade, assim poupas a um amigo; e tu te reservas aos tribunais dos juízes, de modo que, enquanto a mim poupas, tu lanças uma grande quantidade de acusações contra mim.

**22.** Queres saber com detalhes a ordem da minha partida da cidade? Eu os contarei sucintamente. Era o mês de agosto, quando sopravam os ventos etésios. Eu embarquei tranquilamente no porto de Roma com o santo presbítero Vicêncio, meu jovem irmão, e outros monges que agora residem em Jerusalém, com uma enorme multidão de fiéis acompanhando-nos. Cheguei a Régio, parei um momento na praia de Scylla, onde me instruí a respeito das fábulas antigas, e o périplo perigoso do traiçoeiro Ulisses<sup>71</sup> e

os cantos das sereias e a voragem insaciável de Caribdes.<sup>72</sup> E como os habitantes daquele lugar narravam muitas coisas e davam-me conselho de navegar, não para as colunas de Proteu,<sup>73</sup> mas ao porto de Jonas – aquele caminho, com efeito, era o dos que fugiam e dos que estavam em dificuldade, este era o do homem tranquilo –, preferi ganhar Chipre por Málea e as Ilhas Cíclades. Eu fui recebido aí pelo Venerável bispo Epifânio, de cujo testemunho tu te prevaleces. Cheguei a Antioquia, onde desfrutei da comunhão com o pontífice e confessor Paulino. Ele me reconduziu sobre a estrada de Jerusalém, onde entrei em pleno inverno e com um frio muito rigoroso. Vi muitas maravilhas e o que, em primeiro lugar, me fora contado pelo rumor público, eu pude comprovar, julgando com os olhos. Daí tomei o rumo do Egito, contornei os mosteiros de Níttria e avistei as áspides se escondendo entre os coros dos santos. Retornei logo com passo rápido à minha cara Belém, onde adorei o presépio e o berço do Salvador. Vi também o famosíssimo lago, e não me entreguei a uma mole ociosidade, mas aprendi muitas coisas que antes não sabia.

Quanto ao julgamento feito sobre mim em Roma e ao que foi, em seguida, escrito, não quero que o cales, sobretudo porque tens testemunho escrito, e que, de minha parte, não é por tuas palavras – tu as podes disfarçar e jactar-se de uma mentira impune –, mas por escritos eclesiásticos que eu devo ser censurado. Vê quanto eu te temo: se produzes uma pequena página do bispo de Roma ou de uma outra igreja contra mim, tudo que contra ti foi escrito eu reconhecerei como minha culpa. Por acaso eu não poderia pôr em questão tua partida, que idade tinhas, de onde partiste, por quanto tempo navegaste, onde viveste, as pessoas com quem conviveste? Mas longe de mim fazer o que em ti eu censuro e forjar elucubrações semelhantes à discussão de mulheres velhas quando se trata de uma questão eclesiástica. Que baste ter dito à tua prudência apenas isto: que tu cuides em não dizer a outrem tudo o que pode logo retornar contra ti.

23. Admirável a tua escapatória em nome de santo Epifânio, de modo que, depois do beijo, depois das palavras rituais, tu negas que ele teria podido escrever contra ti! Como se afirmasse que não teria podido morrer aquele que, pouco antes, estava em vida, ou que a censura de que foste o objeto seja mais certa que tua excomunhão depois da paz concluída! “Saíram de nós, ele diz, mas não foram dos nossos; se fossem, com efeito, dos nossos, eles teriam seguramente permanecido conosco.”<sup>74</sup> O apóstolo preceitua que se deve evitar o herético após uma e outra advertência,<sup>75</sup> que, seguramente, antes que seja evitado e condenado, ele fazia parte do rebanho da Igreja.

E ao mesmo tempo eu não posso conter o riso, porque avisado por alguém prudente, tu retumbas em louvores de Epifânio: este é aquele velho tresloucado, este *antropomorfit*,<sup>76</sup> este que cantou, em tua presença, os seis mil livros de Orígenes; que, nas línguas de todas as nações, ele crê que a pregação contra Orígenes lhe seja obrigatória, que, por causa disto, proíbe que ele seja lido para que os outros não percebam seus furtos!<sup>77</sup> Lê os teus escritos e a epístola dele ou, antes, as epístolas das quais eu vou citar uma passagem que testemunhe sua fé, para que não pareça agora que por ti foi louvado sem merecimento: “A ti, irmão, que Deus te livre – assim como o santo povo do Cristo que te foi confiado e todos os irmãos que estão contigo e sobretudo o presbítero Rufino, da heresia de Orígenes e de outras heresias e da perdição delas. Se, com efeito, por uma palavra ou duas que são contrárias à fé, muitas heresias foram rejeitadas pela Igreja, quanto mais será tido entre os hereges aquele que tantas perversidades e tão más doutrinas inventou contra a fé, ele se mostrou o inimigo de Deus e da Igreja!”<sup>78</sup> Tal é o testemunho que o santo homem dá de ti. Assim, adornado por ele, eis por quais elogios tu te apresentas! Esta é a epístola que do quarto do irmão Eusébio fizeste sair a preço de ouro, para caluniar seu tradutor, por me pegar em flagrante delito de ter colocado em minha tradução “caríssimo” em vez de “venerável”.<sup>79</sup>

Mas que importa para ti que conduzes todas as coisas com circunspecção e guardas tão bem o caminho médio que, se tu encontras pessoas que em ti acreditem, nem Anastásio nem Epifânio contra ti teriam escrito. Se suas cartas não reclamassem e abrandassem a audácia da tua frente, tu terias logo desprezado o julgamento de um e de outro e não te importarias que eles tivessem escrito ou que eles não tivessem escrito, porque não teriam podido escrever sobre um inocente ou um ausente. Não devem ser atribuídas a um homem santo estas maldades, de modo que ele seja apresentado como “tendo dado a paz, pelo menos pela boca e pelo beijo, e ter guardado, porém, em seu coração as maldades e a falsidade”. Assim, pois, argumentas e estas são as palavras de tua defesa. Que a carta dirigida contra ti seja dele, não apenas o mundo inteiro o reconhece, mas nós nos convencemos de que a epístola original chegou às tuas mãos. Eu me espanto de te ver negar com que pudor, ou melhor, com que impudicícia, aquilo que não duvidas que seja verdadeiro. Epifânio será, portanto, sujo, ele que te deu a paz e conservou as maldades no coração? Por que não seria mais verdadeiro que a ti primeiro tenha advertido, que tenha querido corrigir e colocar-te no reto caminho e não rejeitar o ósculo de Judas, para que, pela paciência, ele quebrantasse um traidor de sua fé? E depois de ter percebido que ele suava por um vão esforço e que “o leopardo não muda de manchas nem o etíope a sua pele”,<sup>80</sup> ele mostrou pela carta aquilo que na mente concebera?

**24.** Tu te entregas também ao mesmo gênero de discussão contra o nosso papa Anastásio, de sorte que, porque deténs uma epístola do bispo Sirício, este não pôde escrever contra ti. Tu suspeitas, eu o temo, que algum dano te tenha sido feito. Eu não sei como tu, homem tão penetrante e sensato, podes entregar-te a essas insanidades, a ponto de, tomando teus leitores como tolos, é tua própria tolice que tu manifestas. Depois de uma argumentação notável, citas em tua conclusão: “Longe esteja dos homens santos este comportamento. Da vossa escola costumam estas coisas provir. Vós nos destes a paz quando de nossa partida, e lançastes nas nossas costas dardos armados com venenos”. Ainda nisso, a mesma sabedoria, ou antes, a declamação, porque quiseste ser eloquente. Nós te demos a paz, não admitimos a heresia; nós nos apertamos as mãos, nós vos acompanhamos quando de vossa partida para que vós fôsseis católicos e não para que nós não fôssemos hereges. Quero, entretanto, saber quais são aqueles dardos envenenados que tu te queixas que nós teríamos lançado em vossas costas: seriam os presbíteros Vincêncio, Pauliniano, Eusébio, Rufino? Destes, Vincêncio chegou a Roma muito tempo antes de vós, Pauliniano e Eusébio partiram um ano depois de nossa viagem marítima, Rufino foi enviado dois anos após, na ocasião do processo de Cláudio, todos foram a Roma ou por questões familiares ou para acudir a outrem cuja cabeça corria perigo. Nós podíamos, porventura, quando de tua entrada em Roma, saber que um nobre personagem estava sonhando que um navio cheio de mercadorias entrava com velas enfundadas? Que uma explicação não tola pudesse resolver todos os problemas em relação ao *Fatum*?<sup>81</sup> Que traduzirias o livro de Eusébio como se fosse de Pânfilo? Que tu colocarias a tua espécie de tampa sobre um prato envenenado? Que tu traduzirias a famosíssima obra *Perì Archôn* com o acréscimo da majestade de teu estilo? Um novo gênero de calúnia: nós teríamos mandado os acusadores antes que cometesses as ações a serem acusadas! Não foi, não foi, eu digo, deliberação nossa, mas da Providência de Deus, que, enviados a outra missão, eles lutavam contra uma heresia nascente e, ao modo de José, aliviavam, pelo ardor de sua fé, uma fome que haveria de vir.

#### **Quarta parte: retorno a diversos agravos**

**25.** Para onde não leva a audácia uma vez desenfreada?<sup>82</sup> Ele lançou contra si a acusação feita aos outros de modo a dar a entender que nós a tenhamos inventado. Aquilo que foi dito sem nomear



ninguém, ele menciona ter sido dito para ele, e, lavando-se de pecados que lhe são estranhos, ele está seguro apenas de sua inocência. Ele jura, com efeito, que não escreveu uma epístola aos africanos sob meu nome, na qual eu confessaria ter sido induzido pelos judeus a traduzir mentiras, e ele envia os livros que contêm tudo isto de que ele jura que nada sabia. E eu me surpreendo como sua sagacidade tenha concordado com a perversidade do outro a ponto de afirmar, em concórdia, como verdade as mentiras que um outro disse na África; e a elegância de seu estilo, eu ignoro qual é o incompetente que possa imitá-la.

A ti apenas cabe traduzir os venenos dos hereges e dar a beber a todas as nações do cálice de Babilônia.<sup>83</sup> Tu corrigirás os textos latinos a partir do grego e tu entregas às Igrejas para ler outra coisa que aquilo que elas receberam uma vez dos apóstolos; quanto a mim, eu não tenho o direito, depois da versão dos *Setenta*, que eu dei, há vários anos, às pessoas da minha língua, uma versão muito cuidadosamente corrigida, de verter também, para confundir os judeus, os mesmos exemplares que eles declaram absolutamente autênticos, a fim de que, se alguma vez os cristãos têm contra eles algo a discutir, eles não tenham desvios para se esquivarem, mas que sejam golpeados com a ponta da sua própria espada? Eu me lembro de ter escrito mais extensamente sobre isto em muitos outros lugares e no fim do segundo livro, onde respondi à tua acusação, e embarguei ostensivamente a tua demagogia, pela qual tu te esforças para suscitar contra mim a hostilidade junto aos simples e ignorantes, e eu penso que é para aí que é preciso transportar o leitor.

**26.** Este ponto não deixarei passar ileso: não te queixes de que o falsificador dos teus papéis usufrui junto a mim da glória de um confessor, quando tu, que és culpado do mesmo crime, após o exílio alexandrino e as prisões obscuras, és chamado de mártir e apóstolo por todos os seguidores de Orígenes!

Quanto ao que se refere à tua incapacidade, já te respondi. Mas, visto que repetes os mesmos pontos e, como que esquecido da tua apologia anterior, tu nos fazes lembrar para que saibamos que tu, tendo devorado por trinta anos as obras gregas, não conheces as obras latinas, presta atenção um instante que eu não critico em ti poucas palavras – sem o que todo o teu texto há de ser destruído –, mas que eu quis mostrar a teus discípulos, os quais instruíste com grande cuidado a nada saber,<sup>84</sup> para que entendessem de qual modéstia seja ensinar o que não sabes, escrever o que ignoras, e para que buscassem igualmente no conteúdo a mesma sabedoria do mestre.

Em seguida, acrescentas: “o que cheira mal são os pecados, não as palavras, mentira, calúnia, difamação, falso testemunho e todas as invectivas, e ‘a boca que mente mata a alma’”.<sup>85</sup> E tu me advertes que este fedor pode me penetrar as narinas. Eu acreditaria em ti que dizes, se eu não constatasse fatos contrários: como se o pisoeiro e o curtidor de peles avisassem ao perfumista que passe pelas suas lojas com narizes tapados! Eu farei, pois, o que recomendas: taparei minhas narinas para que não sejam torturadas pelo suavíssimo odor das tuas bênçãos e franqueza.

**27.** Em meu louvor e em minha difamação, porque tu te mostras inconstante, tu argumentaste com admirável penetração que assim tinhas o direito de dizer ao mesmo tempo bem e mal de mim, como eu tinha o direito de censurar Orígenes e Dídimos que eu havia louvado antes. Escuta, pois, ó varão sapientíssimo e chefe dos dialéticos romanos, que não há erro em louvar um homem em alguns pontos e acusá-lo em outros, mas aprovar e reprovar ao mesmo tempo a mesma coisa. Darei um exemplo para que o que não compreendes o leitor atento entenda contigo. Em Tertuliano, louvamos o talento, mas condenamos a heresia. Em Orígenes, admiramos a ciência das Escrituras e, entretanto, não aceitamos a falsidade das doutrinas. Quanto a Dídimos, nós celebramos ao mesmo tempo a memória e a pureza da fé a respeito da Trindade, mas, em outros pontos que ele, sem razão, acreditou em Orígenes, nós nos

afastamos dele. Dos mestres, é preciso que se imitem não os vícios, mas as virtudes. Alguém teve em Roma um mestre de gramática africano, homem de grande saber, e considerava-se um rival do professor só pelo fato de reproduzir sua voz estridente e os defeitos de pronúncia.

No prefaciozinho do *Peri Archôn*, chamas-me irmão e colega, tu me declaras eloquentíssimo e celebras a autenticidade da minha fé. A estes três pontos não poderás subtrair-te. Quanto ao resto, rasga como te agradar, para que não pareça que tu resistes ao teu testemunho a meu respeito. Quando tu me declaras irmão e colega, tu me reconheces digno de tua amizade; quando celebras minha eloquência, não denuncias mais minha incapacidade; quando professas que sou católico em todos os aspectos, tu não poderás impingir-me o agravo de heresia. Fora destes três pontos, se há algo que em mim censures, não parecerá que tu te contradizes.

O resultado que nasce daquele cômputo, por um lado, é que tu erras ao censurar em mim aquilo que primeiramente louvaras e, por outro lado, eu não estou em falta se, nas mesmas pessoas, ao mesmo tempo eu celebre o que é preciso louvar e censure o que é preciso repreender.

**28.** Tu passas à condição das almas e exprobas abundantemente as fumaças que me circundam; e para que te seja permitido ignorar o que expressamente tu dissimulas que sabes, tu perguntas a mim primeiramente sobre as realidades celestes, como são os anjos, como são os arcanjos? Qual é a habitação deles e de que espécie? Que diferença há entre eles, ou se não há nenhuma absolutamente? Qual é o andamento regular do sol? Onde vem a alternância das fases da lua? De onde vêm os eclipses? Qual é o curso dos astros e de que natureza? Eu me admiro como tenhas esquecido de citar os famosos versos:

De onde vem o tremor de terra, por qual força os mares profundos se enfurecem,  
uma vez rompidos os diques, novamente eles se detêm em si mesmos;  
os eclipses variados do sol e as fases da lua.<sup>[86](#)</sup>  
De onde vem a raça dos homens e dos gados, de onde vêm a chuva e relâmpagos,  
o Arcturo e as pluviosas Híadas e as duas Ursas?  
Por que os sóis de inverno tanto se apressam em molhar-se no Oceano,  
e que demora obsta que as noites lentas venham?<sup>[87](#)</sup>

Depois, deixando as alturas celestes e descendo às coisas terrestres, eis que filosofas sobre assuntos de menor importância. Tu me perguntas, com efeito: “Diga-nos qual o regime das fontes e qual o dos ventos; para que servem o granizo, para que a chuva, por que o mar é salgado, por que os rios são doces; por que as nuvens ou as chuvas, relâmpagos e trovões ou raios”, de tal modo que, depois que eu tiver respondido que estas coisas não sei, com segurança te seja lícito ser desconhecedor das questões da alma, e pões em paralelo a ignorância de tantos assuntos com a ciência de uma única coisa. Tu que, a cada página, dispersas as fumaças que me rodeiam, não entendes que nós vemos tuas cerrações e tempestades? Na verdade, para que pareças ser para ti mesmo um semissábio, e para gozar da glória ligada à doutrina junto aos discípulos calpurnianos,<sup>[88](#)</sup> tu me pões como pretexto a física, de modo que em vão Sócrates teria dito passando à Ética: “O que está acima de nós nada nos diz respeito”. Eis que, portanto, a ti darei razão pelos fatos seguintes: Por que a formiga, pequeno animal e puntiforme, por assim dizer, tem seis patas, quando o elefante, de grande porte, anda com quatro patas; por que as serpentes e as cobras se escorregam com o ventre e o peito, quando o vermezinho que vulgarmente é conhecido como centopeia pulula com um batalhão de pés? Da condição das almas não poderei saber?

Tu me perguntas qual é a minha posição a respeito das almas, para que, quando eu a tiver pronunciado, tu me ataques logo e, se eu tiver dito esta resposta da Igreja: “A cada dia Deus cria almas e as envia aos corpos dos que nascem”, tu me estenderás logo uma armadilha de professor: “E onde

está a justiça de Deus, que prodigaliza almas aos que nascem do adultério e do incesto? Assim ele coopera com os maus homens e, enquanto os adúlteros geram os corpos, ele forjará as almas? Como se o defeito da semente estivesse no grão que por furto se diz ter sido retirado e não naquele que roubou o trigo, e se a terra não devesse aquecer em seu seio as sementes porque o semeador as teria lançado com uma mão sórdida! Daí vem aquela tua misteriosa questão sobre a morte dos recém-nascidos, quando é por causa dos pecados que eles tomaram corpos. Existe um livro de Dídimos a ti dedicado, pelo qual ele responde à tua indagação que eles cometeram muitos pecados e, por isso, a eles basta apenas ter tocado em suas prisões corporais. Meu mestre e o teu, naquele tempo em que tu indagavas dele estas coisas, ele ditou para mim três livros de comentários para o profeta Oseias, a meu pedido. Eis o que faz daí aparecer o que ele ensinou a mim e o que a ti.

**29.** Tu me pressionas a que eu responda a respeito da natureza das coisas. Se fosse esse o lugar, eu poderia dizer-te as opiniões de Lucrécio conforme Epicuro, ou de Aristóteles conforme os peripatéticos, ou de Platão e de Zenão<sup>89</sup> segundo os acadêmicos e os estoicos. E para passar à Igreja, onde há o critério da verdade, muitos dados nos sugerem sobre problemas deste tipo, tanto o Gênesis e os livros dos Profetas e o Eclesiastes. Ou se ignoramos como estas coisas se dão e o que diz respeito à condição das almas, tu deverias ter confessado em tua apologia tua ignorância de todas as coisas e perguntar a teus caluniadores por que reivindicavam desavergonhadamente de ti uma só resposta, quando estes tantas coisas ignoravam. Ó riquíssima trirreme, que tinha vindo enriquecer a pobreza da cidade romana com produtos do Oriente e do Egito!

...Tu és aquele famoso Máximo, o único que, escrevendo, nos restabeleces nossos negócios.<sup>90</sup>

Assim, se não tivesses vindo do Oriente, um personagem muito culto estaria detido ainda entre os astrólogos, e todos os cristãos não saberiam o que dizer sobre o *Fatum*? Com razão fazes-me perguntas sobre astrologia e a marcha do céu e dos astros, tu que trouxeste um navio cheio de tantas mercadorias! Eu confesso minha pobreza, não me enriqueci assim como tu no Oriente. Faros, por muito tempo, instruiu-te daquilo que Roma não sabia, o Egito forneceu aquilo que a Itália não teve até este ponto.

**30.** Tu escreves que há entre os autores eclesiásticos três pontos de vista a respeito das almas: um, seguido por Orígenes; outro, por Tertuliano e Lactâncio, conquanto que a respeito de Lactâncio tu mintas descaradamente; o terceiro que nós, homens simples e limitados, que não entendemos que, neste caso, nós acusamos a Deus de injustiça. E depois disto, juras ignorar o que é verdadeiro. Dize, eu te suplico: tu crês que fora destes três pontos de vista há algo em que se encontre a verdade, e nesses três uma mentira, ou dos três pontos de vista um que seja verdadeiro? Se há um outro, por que encerras em limites estreitos a liberdade dos que discutem e, alegando mentiras, por que te calas sobre a verdade? Se, pelo contrário, dos três, um é verdadeiro e os dois restantes, falsos, por que com igual ignorância tu prestas honra aos falsos junto com os verdadeiros? Ou então dissimulas o verdadeiro, para que a ti seja seguro, quando quiseres, defender os falsos pontos de vista? Estas são as fumaças, estas são as cerrações com as quais tu tentas tirar a luz aos olhos dos homens. Aristipo<sup>91</sup> de nosso tempo, que um navio cheio de todas as mercadorias trazes ao porto romano e, tua cátedra publicamente colocada, tu representas o Hermágoras<sup>92</sup> e o Górgias<sup>93</sup> de Leôncio, em tua pressa em te lançar ao mar – um único probleminha – esqueceste no Oriente uma mercadoria. E novamente vocíferas e te gabas de ter aprendido em Aquileia e Alexandria que Deus é o criador tanto das almas quanto dos corpos. A questão que se discute a este respeito é, sem dúvida, se foi Deus ou o diabo que fez as almas, e não se as almas preexistiram aos corpos, como quer Orígenes, e tenham feito algo em razão de que elas foram ligadas a corpos grosseiros, ou, ao modo de arganazes, elas dormiam

entorpecidas e caídas em sono profundo! Tu calassobre o que todos solicitam, e respondes àquelas questões que ninguém levanta.

**31.** Tu escarneces igualmente com insistência as fumaças que me cercam pela razão de que eu finja saber o que não sei e seduza a multidão inculta pela enumeração de homens doutos. Tu, certamente, és todo chama, ou antes raio, que quando falas tu fulminas, e as chamadas que se formam em tua boca, tu não as podes segurar; e como aquele Bar-Kokhba, instigador de uma sublevação dos judeus, ele vivava com seu hálito uma palha acesa na boca para que pensassem que ele vomitava chamadas, assim tu és para nós outro Salmoneu,<sup>94</sup> tu iluminas para nós todos os lugares por onde passas, e tu nos acusas de ser fazedores de fumaça, de quem talvez se diga: “Tu que tocas as montanhas e elas fumegam”;<sup>95</sup> e tu não compreendes o que significa no profeta a fumaça dos gafanhotos,<sup>96</sup> nem que a beleza de teus olhos não possa suportar o amargo de nossa fumaça.

**32.** Sobre o crime de perjúrio, porém, visto que me remetes a tua obra e, em larga medida, eu te respondi em outros livros, a ti e a Calpúrnio,<sup>97</sup> que baste dizer agora que tu exiges de um homem que dorme o que nunca realizaste em estado de vigília. Sou culpado de um grande crime, se eu disse a uma jovem e a uma virgem de Cristo que as obras profanas não fossem lidas, e se em seguida a uma advertência recebida em sonho eu prometera que não leria.<sup>98</sup> Teu navio apresentado por revelação à cidade romana promete uma coisa e cumpre outra. Ele tinha vindo resolver o problema dos astrólogos e dissolveu a fé dos cristãos. Aquele que tinha corrido de velas enfundadas pelo Jônio e Egeu, Adriático e Tirreno, no porto romano naufragou. Não tens vergonha de buscar divagações desse tipo e a mim impor a necessidade de censurar-te semelhantes coisas? Que seja então! Um outro tinha visto em sonho a teu respeito uma visão gloriosa; teria sido prova de tua modéstia e sabedoria ser discreto quanto ao que ouvires, e não vangloriar-te do sonho do outro como se fosse um grande testemunho. Vê a diferença que há entre o teu e o meu sonho: eu relato humildemente que fui repreendido, tu, com jactância redobrada, ter sido louvado. Não podes dizer: a visão que outro teve é-me indiferente, porque dizes em teus livros elegantíssimos que a razão que te levou a traduzir é o medo de que um varão ilustre a teu respeito tivesse um sonho de ruína. Estes são todos os teus esforços: se me convences de perjúrio, tu não serás herege.

**33.** Eu chego ao agravo mais grave, no qual, depois do restabelecimento de nossas amizades, ele me acusa de deslealdade. Eu o confesso, entre todos os insultos que ele me lança ou de que me ameaça, nada há assim que por mim se deva repelir tanto quanto a fraude, a astúcia, a infidelidade. Pecar, com efeito, é humano, oferecer armadilhas é diabólico.

Se, pois, apertamos as mãos na igreja da Ressurreição, na imolação do cordeiro, era para que roubássemos teus papéis em Roma, para que os cães mandados roessem teus papeizinhos não corrigidos? Pode-se acreditar que nós nos tenhamos preparado como acusadores antes que cometesses o crime? Sem dúvida, sabíamos o que revolvias em tua cabeça, o que um outro havia de sonhar a teu respeito, para que se cumprisse em ti o provérbio grego e que um porco instrísse Minerva!

Se eu mandei a ladrar Eusébio, quem provocou a ira de outros e a de Atárbio contra ti? Não é este que também a mim julgava herético, pelo fato de tuas amizades? Ora, enquanto eu lhe dava satisfação condenando as teses de Orígenes, tu, trancado em casa, nunca ousaste vê-lo, com receio ou de condenar o que não querias, ou, abertamente resistindo-lhe, não suportares o ódio à heresia. Ou então ele não poderá ser uma testemunha contra ti, porque é teu acusador? Antes que santo Epifânio viesse a Jerusalém e “te desse a paz, pelo menos oralmente e com um beijo, porém, guardava em seu coração maldades e falsidade”; antes que compuséssemos cartas para ele para estigmatizar-te, a fim de que,

por escrito, ele designasse o herege de quem garantiria por beijos a ortodoxia, Atárbio ladrava contra ti em Jerusalém, e se ele não tivesse se retirado, ele teria sentido o cajado, não da tua carta, mas o da tua mão direita, com a qual te acostumaste a afugentar os cães.

### **Quinta parte: Justificação da réplica de Jerônimo à tradução rufiniana do *Perì Archôn***

**34.** “Por que, ele diz, aceitaste meus papéis falsificados? Por que, depois da minha tradução, ousaste meter a tua pena nos livros do *Perì Archôn*? Ou, se eu tinha errado como homem, tu devias chamar-me a atenção com cartas particulares e assim ter comigo a mesma delicadeza que eu tenho para ti em minhas cartas.” Toda esta minha culpa se deve ao fato de que, uma vez acusado com elogios pérfidos, eu quis lavar-me deles, e isso sem rancor a teu nome, a fim de que, as acusações de que tu eras o único a ter formulado, tu as imputasse a muitos, não te exprobando a heresia, mas repelindo-a de mim. Sabia eu porventura que tu te enfadarias se eu escrevesse contra os hereges? Tu tinhas declarado que tinhas retirado dos livros de Orígenes as passagens heréticas. Eu já não acreditava que tu fosses um fautor dos hereges, e, por isso, não foi contra ti, mas contra os hereges que eu lancei ataque. Se eu fui, nesse empreendimento, mais contundente do que deveria, perdoa-me; eu pensei que a ti também eu agradava.

Tu dizes que teus papéis tornaram-se públicos por furto e armadilhas de meus ajudantes, papéis que estavam guardados em teu quarto, ou se encontravam em casa da única pessoa que te havia incumbido de executar para ele o serviço. E como confessas acima que “ou ninguém as tinha, ou bem poucos”? Se estavam guardados em teu quarto, por qual motivo foram encontrados junto a quem incumbira que o serviço lhe fosse feito? Se, ao contrário, a única pessoa para a qual foram escritos os havia recebido para ocultá-los, não estavam guardados, pois, em teu quarto somente, nem os possuíam poucas pessoas que tu atestaste que os tinham. Tu acusas terem sido roubados, e denuncias que foram novamente comprados com muito dinheiro e com uma infinidade de bens. Sobre um só ponto e em uma pequena carta, quanta variedade e incoerência na mentira! A ti cabe acusar, a mim não cabe defender-me? Quando me acusas, tu não pensas no amigo; quando eu respondo, então te vem à mente o direito da amizade. Diz, eu te peço: tu tinhas escrito os papéis para guardá-los ou para publicá-los? Se era para guardar, por que escreveste? Se era para publicar, por que os guardavas?

**35.** Mas neste ponto é que sou alvo de censuras: porque eu não detive os teus acusadores, meus amigos. Queres que eu te apresente a carta deles nas quais acusam-me de *hipocrisia*<sup>99</sup> porque, sabendo-te herege, eu me calei, porque, enquanto ofereço incautamente a paz, eu introduzi as guerras intestinas da Igreja. Tu chamas de discípulos aqueles que suspeitam que sou teu condiscípulo. E porque fui mais moderado ao repelir teus elogios, sou tido como *teu companheiro de iniciação*.<sup>100</sup> O prólogo serviu-me para isto: que tu, como amigo, tu me prejudicavas mais que como inimigo. Eles se convenceram uma vez por todas – com razão ou erradamente, que eles o vejam – que és um herege. Se eu quiser te defender, a única utilidade que isto terá é que eu e tu partilharemos a mesma acusação. Finalmente eles me objetam o teu panegírico e não consideram que tu escreveste perfidamente, mas com sinceridade; e incriminam com veemência aquilo que tu antes elogiavas em mim. Que queres que eu faça? Que eu tenha a teu favor meus discípulos como acusadores? Que eu receba em meu peito os dardos lançados contra o amigo?

**36.** Quanto aos livros do *Perì Archôn*, porém, tu deves também a mim agradecer. Tu, pois, como dizes, cortando tudo o que era danoso, tu citaste um texto melhor. Quanto a mim, eu expressei exatamente o que o texto grego continha. Eis o que faz aparecer qual é a tua fé, e a heresia daquele que traduziste.



De Roma, pessoas eminentes em Cristo escreviam-me: responde a quem te acusa, para que não pareças consentir se calares.<sup>101</sup> Com voz unânime, todos exigiam que eu revelasse as malícias de Orígenes, que eu mostrasse que os venenos dos hereges deviam ser evitados pelos ouvidos romanos. O que isto pode trazer-te de ofensivo? Acaso foste o único a traduzir estes livros e não tens outro que partilhe desta obra? Acaso fazes parte do grupo dos Setenta tradutores que, depois da tua edição, a outros não seja lícito traduzir? Eis que eu também traduzi muitos, como dizes, livretos do grego para o latim: tu tens a possibilidade novamente de os traduzir, se quiseses. Com efeito, os bons e os maus textos ao seu autor é que são imputados. E o que aconteceria com relação a ti, se não disseses que cortaste as passagens heréticas e traduziste as passagens excelentes? Este é teu nó que não pode ser desfeito. Ou, se erraste como homem, condena tua posição anterior.

**37.** Mas o que farás da apologia tua que escreveste em favor das obras de Orígenes? O que farás da obra de Eusébio em que, apesar de teres mudado muitos aspectos e teres traduzido os escritos de um herege sob o nome de um mártir, tu acrescentaste, porém, vários aspectos que não estão de acordo com a fé da Igreja? Tu até traduzes livros latinos para o grego, tu nos proibirás a dar a nossos compatriotas textos estrangeiros?

Se eu te tivesse respondido, em outra obra na qual tu não me tivesses prejudicado, poderia parecer que, para causar-te dano, é que eu traduzia o que já havias traduzido, para manifestar tua incompetência e perfídia. Agora, na verdade, – nova espécie de queixa! –<sup>102</sup> tu te queixas de que te tenham respondido no próprio assunto em que tu me acusaste. Dizia-se que Roma estava revirada com tua tradução, todos solicitavam-me um remédio para esta situação – não pelo fato de que eu tivesse alguma importância, mas aqueles que o pediam julgavam que eu era esse alguém. Tu eras um amigo, que traduziras estes textos. Que queres que eu faça? “Deve-se obedecer antes a Deus ou aos homens”?<sup>103</sup> Proteger os bens de seu senhor ou ocultar o furto de um colega de serviço?<sup>104</sup> De outra maneira, não te acalmarei senão se eu tiver, juntamente contigo, também cometido ações condenáveis? Se não tivesses feito nenhuma menção de meu nome, se não me tivesses adornado com elogios miríficos, eu teria podido ter uma aprovação e alegar diversas razões, para não traduzir novamente o já traduzido. Tu, amigo, me obrigaste a que eu perdesse neste trabalho alguns dias, para expor publicamente o que Caribdes teria devido devorar. E, embora prejudicado, eu salvaguardei os direitos da amizade e, no que dependeu de mim, defendi-me, de tal modo que não te acusei. Tu és por demais desconfiado e dado a se queixar, por tomares por afronta a ti as palavras dirigidas aos hereges. E se não posso ser teu amigo de outro modo que não seja o de ser amigo dos hereges, eu suportarei mais suavemente tuas inimizades que as amizades daquelas pessoas.

**38.** Tu crês que eu também inventei uma nova mentira, ao compor uma epístola destinada a ti com meu nome, como se tivesse sido escrita há muito tempo, pela qual eu passo por bom e moderado, que tu absolutamente nunca recebeste. Esta coisa pode muito facilmente ser provada. Muitos em Roma têm exemplares dela há cerca de três anos, a qual eles não quiseram enviar-te, sabendo o que tu proferias a respeito do meu nome, e como era indigno da vocação cristã e abominável o que forjavas. Eu escrevi sem estar a par, como a um amigo. Eles não responderam à carta daquele que eles sabiam que era inimigo, tendo consideração com o meu erro e com a tua consciência.

E ao mesmo tempo tu argumentas que, se eu te tinha escrito tal epístola, não deveria escrever contra ti uma infinidade de maldades em um outro livro. Este é todo o teu erro e esta é tua justa queixa: que aquilo que dizemos contra os hereges, tu imaginas que contra ti foi dito, e, se a eles não poupamos, tu te crês ultrajado. Ou não te damos um pão porque atiramos uma pedra no cérebro dos hereges?<sup>105</sup>

E para que não verifiques a nossa epístola, tu dizes que a epístola do nosso papa Anastásio sofreu acréscimo com fraude semelhante. Com relação a este assunto, eu já te respondi. Se tu suspeitares que esta carta não é dele, tu tens a ocasião de denunciar-nos de falsidade. Mas se ela é dele, como as epístolas deste ano contra ti provam isto, é em vão que te esforças por denunciar o falso por meio de um falso, quando, a partir de sua epístola verdadeira, nós indicamos que a nossa é verdadeira.

**39.** Ao te justificar da tua mentira, quão elegante quiseste ser! E para que tu não produzas os seis mil livros de Orígenes, tu exiges de mim os monumentos deixados por Pitágoras.<sup>106</sup> Onde está aquela confiança pela qual proclamavas com tanta frequência, com as bochechas enfunadas, que corrigiste nos livros do *Peri Archôn* aquilo que tinhas lido em outros livros de Orígenes, e que devolvias a cada um o que era seu, e não as coisas alheias?<sup>107</sup> Da floresta tão densa de livros, tu não podes apresentar nem um rebento, nem um broto. Estas são as verdadeiras fumaças, as brumas, as quais, enquanto tu em mim as culpas, verificas que em ti elas foram eliminadas e dissipadas. Não abaixas tua nuca, mesmo quebrada, mas, com maior descaramento que incompetência, tu dizes que eu nego o que é evidente, a ponto de, tendo prometido montanhas de ouro, nem sequer tirar um tostão de couro de teu tesouro. Eu reconheço o ódio justificado contra mim, e tu te lanças contra nós com verdadeiro frenesi. Se eu não exigia audaciosamente aquilo que não é, tu parecias ter aquilo que não tens.

Tu solicitas de mim os livros de Pitágoras. Quem te disse, pois, que existiam volumes daquele? Por acaso não há em minha carta, que condenas, estas palavras: “Mas admitamos que eu tivesse errado em minha adolescência e que, formado para os estudos dos filósofos, isto é, dos pagãos, eu tenha, no começo da minha fé, ignorado as doutrinas cristãs e ter pensado que era dos apóstolos aquilo que eu tinha lido em Pitágoras e Platão e Empédocles?”<sup>108</sup> Eu falei das doutrinas deles, não dos seus livros, doutrinas que pude aprender em Cícero, Bruto e Sêneca.<sup>109</sup> Lê o pequeno discurso *Pro Vatínio* e outro onde se faz menção às confrarias, percorre os discursos de Cícero, volta teu olhar para toda a costa da Itália que era conhecida como a Magna Grécia, e reconhecerás aí as doutrinas pitagóricas gravadas sob placas de bronze por inscrições oficiais. De quem são, com efeito, aqueles famosos *preceitos de ouro*?<sup>110</sup> Não são de Pitágoras? Todas as doutrinas se acham aí em breve resumo, e o filósofo Jâmblico<sup>111</sup> para elas teceu um comentário em obra extensíssima, imitando em parte a Moderato, homem de grande eloquência, e Arquipo e Lísis, discípulos de Pitágoras. Dentre eles, Lísis e Arquipo tiveram escolas na Grécia, ou mais precisamente, em Tebas. E estes que guardavam de cor os preceitos do mestre, eles se serviam de seu talento, em lugar dos livros.<sup>112</sup> Dentre os preceitos, eis aqui um:

*Phygadeutéon páse mechkne kai perikoptéon puri kai sidéro kai mechanais pamtoíais apò mèn sómatos nóson, apo dè psychés amathían, koilías dè polytéleian, póleos dè stásin, oíkoy dè dichophrosýnen, omoy dè pánton ametrían.*<sup>113</sup>

Que podemos traduzir para o latim:

Devem ser afastados por todos os meios e cortados a fogo e a ferro e, por todos os procedimentos, distanciados do corpo a enfermidade, a ignorância da mente, os excessos do ventre, a revolta da cidade, a discórdia do lar e, no geral, de todas as coisas a desmedida.

De Pitágoras também são os preceitos seguintes: “Entre amigos tudo é comum” e “um amigo é um outro si mesmo”;<sup>114</sup> “de dois momentos deve-se particularmente se preocupar: a manhã e a noite, das coisas que vamos fazer e das coisas que fizemos”,<sup>115</sup> “depois de Deus é preciso cultivar a verdade, a qual é a única que nos faz próximos a Deus”; e estes enigmas que Aristóteles muito atentamente em

seus livros trata:<sup>116</sup> não saltes sobre uma balança, isto é, não transgridas a justiça; não fures o fogo com uma espada, isto é, não exasperes com palavras insultuosas um espírito irritado e cheio de raiva; “não se deve em nenhum caso desfolhar uma coroa”, isto é, devem-se conservar as leis das cidades; “não se deve comer-se o coração”, deve-se banir de seu espírito a tristeza; “uma vez tendo partido, não voltes”, isto é, depois da morte, não lamente esta vida; “não andes pela via pública”, isto é, não sigas os erros de muitos; não se deve ter sob o mesmo teto homens tagarelas e prolixos; “aos que estão carregados deve-se pôr mais peso, aos que depõem o peso, não se deve partilhar”, isto é, aos que marcham para a virtude, devem ser aumentados os preceitos, e os que se entregam ao ócio devem ser abandonados.<sup>117</sup> E porque eu dissera que lia as doutrinas pitagóricas, ouve o que, entre os gregos, Pitágoras foi o primeiro a descobrir: que as almas são imortais e passam de uns corpos a outros<sup>118</sup> – o que, aliás, também Virgílio, no sexto volume da *Eneida*, nestes termos diz:

Todas estas almas, quando elas fizeram girar a roda por mil anos, um deus as chama em longa fila junto ao rio Letes, e é, a saber, sem nenhuma lembrança, para rever a abóbada celeste e começar a querer retornar aos corpos.<sup>119</sup>

40. Que Pitágoras foi primeiramente Euforbo,<sup>120</sup> em segundo lugar Aetalides,<sup>121</sup> em terceiro, Hermotimos,<sup>122</sup> em quarto, Pirro<sup>123</sup> e, finalmente, Pitágoras;<sup>124</sup> e depois de períodos cíclicos determinados, o que tinha existido novamente se fez, e nada há, no mundo, de novo a ser visto;<sup>125</sup> a filosofia é a preparação para a morte, em seu esforço quotidiano a tirar da prisão corporal a liberdade da alma;<sup>126</sup> *mathêseis anamnêseis*,<sup>127</sup> isto é, os conhecimentos são reminiscências;<sup>128</sup> e muitos outros pontos que Platão trata em seus livros e, em particular, no *Fédon* e no *Timeu*. Com efeito, depois da Academia e de seus inumeráveis discípulos, sentindo que à sua doutrina faltava muito, veio à Magna Grécia e, aí, instruído pelo tarentino Arquitas<sup>129</sup> e Timeu de Lócris<sup>130</sup> para a doutrina de Pitágoras, mesclou às disciplinas deste a elegância e o charme de Sócrates,<sup>131</sup> todas as coisas que, sob nome mudado, Orígenes em seus livros do *Peri Archôn* está convencido de ter traduzido.

Em que, pois, eu errei, se, em minha juventude, eu disse ter atribuído aos apóstolos aquilo que eu tinha lido em Pitágoras e Platão e Empédocles? Não como calúnias e invenções, nos livros de Pitágoras e Platão e Empédocles, mas: o que neles havia eu lera, e os escritos de outros me informaram que eram eles que tinham isso. Esta maneira de se expressar é muito comum, como se eu dissesse: as doutrinas que eu li em Sócrates, eu as achei verdadeiras. Não que Sócrates tenha escrito algum livro, mas: “Aquelas doutrinas que eu li em Platão e outros socráticos, que as tinham...” E mais: Eu quis imitar as façanhas que eu tinha lido em Alexandre e Cipião.<sup>132</sup> Não que eles tenham descrito suas façanhas, mas porque em outros autores eu li o que eu admirava que eles tivessem feito. Com efeito, mesmo se eu não pudesse mostrar que existem monumentos do próprio Pitágoras, nem se, pelo filho dele, nem pela filha, nem por outros discípulos, eu pudesse convencer das comprovações, tu não me convencerias de mentira, porque eu não disse que li livros, mas doutrinas, e é em vão que quiseste que minha falta cobrisse tua mentira, de modo que, se eu não tiver apresentado um só livro de Pitágoras, tu terás perdido os seis mil livros de Orígenes.

### **Sexta parte: Apreciação cristã do fim do conflito enfim ponderado por Rufino**

41. Eu chego à peroração, isto é, a teus insultos, em cujo momento tu exortas-me à penitência. E se eu não me tiver convertido, isto é, se não me tiver calado às tuas acusações, tu me ameaças de morte. E tu denuncias que este escândalo há de recair sobre a minha cabeça por ter-te provocado, a ti, homem dulcíssimo e de mansidão mosaica,<sup>133</sup> por minha resposta, à loucura de uma citação na justiça; tu

saberias, com efeito, de crimes que a ti apenas, como amigo caríssimo, eu confessei; e estes tu haverias de expor publicamente; e eu deveria pintar-me com minhas próprias cores e deveria lembrar-me que eu me atirei a teus pés, para que não amputasses a minha cabeça com a espada da tua boca. E depois de muitos assaltos nos quais exultas furioso, tu voltas atrás e dizes que desejas a paz, com o aviso tão somente de que eu me cale doravante, isto é, que eu não escreva contra os hereges e que não ouse responder à tua acusação. Se isso eu fizer, serei irmão e colega e varão eloquentíssimo, e amigo e camarada e, o que supera tudo isso, tudo o que traduzi de Orígenes, tu julgarás católico. Se eu resmungo e me movo, serei imediatamente corrompido, herético e indigno da tua amizade. Estes são os teus elogios, assim tu me exortas à paz e não concedes nem mesmo à minha dor que seu gemido e suas lágrimas se expressem livremente.

**42.** Eu poderia, também eu, pintar-te com tuas cores, e responder ensandecido à sandice, e dizer tudo o que sei ou não sei e, com a mesma ousadia, ou antes frenesi e demência, acumular falsidades ou verdades, de modo a nos envergonhar disso, tu de ouvir e eu de falar; e censurar-te coisas que condenariam ou o acusador ou o acusado, de modo a ganhar a confiança do leitor pela severidade da frente e, porque escreveria impudentemente, julgar-me-iam escrever verdadeiramente. Mas que vá longe dos costumes cristãos que, enquanto pedem o sangue de outro, eles põem o seu a risco e, mesmo sem espada, eles são homicidas pelo desejo de sê-lo. Isto convém à tua bondade, tua mansidão e simplicidade que, com o peito de um esterco só, tu exalas o odor das rosas e o fedor dos cadáveres, e contra a sentença do profeta, tu dizes que o amargo é aquilo que louvaras como se fosse doce.<sup>134</sup> Nem há necessidade de que tratemos, em obras eclesiásticas, de um assunto de tribunais; assim, não ouvirás nada mais sobre isto, que não seja aquele ditado das ruas: “Quando disseres o que queres, ouvirás o que não queres”.<sup>135</sup> Ou se a ti parece vil ou vulgar provérbio e, como homem sapientíssimo, tu te deleitas com as sentenças dos poetas e filósofos, lê aquele verso de Homero: “Qualquer palavra que tu digas é uma palavra muito semelhante que ouvirás dizer”.<sup>136</sup>

Eu requeiro apenas isto de tua exímia censura e santidade, de quem é tanta a pureza que até os demônios rugem ao aspecto de teus lenços e cintos:<sup>137</sup> de quem segues o exemplo ao escrever? E quem, dentre os católicos, alguma vez em debate de seitas, fez uma acusação infamante para aquele contra quem ele debatia? Foi assim que teus mestres te instruíram? Tu recebeste tais ensinamentos que aquele a quem não puderes responder, tu lhe cortas a cabeça, e a língua que não pode calar-se, tu a cortas? Não há muita coisa de que possas vangloriar-te, se fazes o que podem fazer os escorpiões e as cantáridas.<sup>138</sup> Isto tanto fizeram Fúlvia<sup>139</sup> contra Cícero quanto Herodíades contra João,<sup>140</sup> porque não podia ouvir a verdade; e a língua que dizia a verdade elas perfuravam com alfinete de cabelo.<sup>141</sup> Os cães ladram para seus senhores, e tu não queres que eu ladre pelo Cristo? Muitos escreveram contra Marcião, Valentino, Ário e Eunômio;<sup>142</sup> por quem foi acusada sua infâmia? Não ter-se-ão todos aplicado a confundir a heresia? Estes são os expedientes dos hereges, isto é, de teus mestres: que, convencidos de que traíram sua fé, recorrem a insultos. Assim Eustácio, bispo de Antioquia, descobre um filho sem saber; assim Atanásio, pontífice da cidade de Alexandria, cortou uma terceira mão de Arsênio:<sup>143</sup> ele que primeiramente foi dado como morto, depois vivo, mostrou-se ter as duas mãos. Teus condiscípulos também, ou ainda teus mestres, inventam agora coisas sobre o sacerdote da mesma Igreja, e se servem do ouro, isto é, do que faz a tua força e a dos teus, para atacar a verdade da fé. Por que falar dos hereges que, mesmo que estejam do lado de fora, se denominam, porém, como cristãos? Contra os mais ímpios, Celso<sup>144</sup> e Porfírio, quantos dos nossos escreveram? Quem, tendo sido perdida a causa, tomou parte na reprovação inútil dos crimes, que não os escritos eclesiásticos, mas os dossiês judiciais devem contê-los?

Ou o que importa que percas tua causa? E, pelo crime, tu vais além. Não é necessário que acuses, pondo em risco tua cabeça: com um único espadachim pago podes satisfazer a teu desejo. E fazes de conta que tens medo do escândalo, tu que estás pronto para matar o irmão de há pouco tempo, agora acusado, o inimigo de sempre. Entretanto, eu me admiro como, homem sagaz que és, surpreendido pela loucura, queres atribuir-me um benefício e tirar da prisão a minha alma<sup>145</sup> e não suportas que eu more contigo nas trevas deste século.

**43.** Queres, pois, que eu me cale? Não acuses. Depõe tua espada que deitarei fora meu escudo. Em apenas um ponto não poderei concordar contigo: que poupe a hereges a fim de que eu não mostre minha catolicidade. Se esta é a causa da discórdia, posso morrer, não posso calar-me. Eu deveria ter respondido, com certeza, à tua loucura, com toda a Escritura e com as palavras divinas, tocando cítara, ao modo de Davi, acalmar o frenesi de teu peito;<sup>146</sup> mas contentar-me-ei com poucas citações de um único livro e oporei à tolice a sabedoria, de modo que, se desprezas as coisas humanas, pelo menos não negligencies as coisas divinas. Ouve, pois, o que diz Salomão de ti e de todos os malevolentes, maledicentes e insultadores: “Os insensatos, quando estão ávidos de injustiça, tornaram-se ímpios e odiaram a inteligência”.<sup>147</sup> “Não trames maldades contra teu amigo e não alimentes hostilidade contra alguém sem motivo”.<sup>148</sup> “Os ímpios salientam o opróbrio”.<sup>149</sup> “Rompe com a boca má e repele para longe de ti os lábios iníquos”<sup>150</sup>, “o olho do insultador, a língua do injusto, as mãos que derramam o sangue do justo, o coração que trama maus desígnios e os pés que se apressam a fazer o mal.”<sup>151</sup> Quem se apoia em mentiras, apascenta ventos e segue pássaros que voam, porque abandonou, na verdade, os caminhos da sua vinha e deixou perderem-se os eixos de sua cultura. Ele percorre um lugar árido e deserto e recolhe com as suas mãos a esterilidade. “A boca do insolente se aproxima da ruína”,<sup>152</sup> e “aquele que profere insultos é o pior dos tolos.”<sup>153</sup> É “Alma bendita toda alma simples. O homem violento é um ser abjeto.”<sup>154</sup> “É pelo defeito dos lábios que o pecador cai na rede.”<sup>155</sup> “Os caminhos dos tolos são retos a seus olhos. O tolo no mesmo dia mostra a sua ira.”<sup>156</sup> “É uma abominação para o Senhor os lábios mentirosos.”<sup>157</sup> “Aquele que guarda a sua boca conserva sua alma, e aquele que abre sua boca inconsideradamente aterrorizará a si mesmo.”<sup>158</sup> “O malvado com o ultraje comete maldades”<sup>159</sup> e “o insensato desenvolve sua malícia”.<sup>160</sup> “Tu procurarás junto aos malvados a sabedoria e não encontrarás.”<sup>161</sup> “O presunçoso saturar-se-á com seus caminhos.”<sup>162</sup> “O sábio que tem temor se afasta do malvado; o tolo, que nele confia, se imiscui com ele.”<sup>163</sup> “O homem paciente se mostra bem avisado, o pusilânime é bastante imprudente.”<sup>164</sup> “Quem calunia o pobre irrita quem o criou.”<sup>165</sup> “A língua dos sábios sabe o que é bom e a boca dos tolos profere o mal.”<sup>166</sup> “O homem violento suscita querelas”<sup>167</sup>; e “imundo é, diante de Deus, todo aquele que exalta seu próprio coração; aquele que leva injustamente a sua mão até a mão do outro não ficará impune.”<sup>168</sup> “Quem ama a vida poupa a sua boca. O ultraje precede a ruína, e o mau pensamento, a queda.”<sup>169</sup> “Quem fixa os olhos seus medita projetos perversos e provoca com seus lábios todos os males.”<sup>170</sup> “Os lábios do tolo o levam a males e sua boca audaz chama a morte.”<sup>171</sup> “O homem perverso sofrerá muitos danos.”<sup>172</sup> “É melhor um pobre justo que um rico mentiroso.”<sup>173</sup> “Honra ao homem que se desvia dos insultos; mas aquele que é tolo se deixa pegar por tais coisas.”<sup>174</sup> “Não te comprazas a denegrir, para não seres aniquilado.”<sup>175</sup> “Suave é para o homem o pão da mentira; depois sua boca se encherá de seixos.”<sup>176</sup> “Quem constitui tesouros com uma língua mentirosa corre atrás de coisas vãs e cairá nas redes da morte.”<sup>177</sup> “No ouvido do tolo, não queiras dizer alguma coisa, para que ele não ria de teus sábios assuntos.”<sup>178</sup> “A maça, a espada e a flecha são perigosas; assim também o homem que contra



seu amigo diz falso testemunho.”<sup>179</sup> “Assim como voam as aves e os pássaros, assim o vão insulto não atingirá ninguém.”<sup>180</sup> “Não respondas ao homem estúpido, na medida da sua estupidez, para que a ele não te faças semelhante; mas responde ao tolo na medida de sua tolice, para que ele não se creia sábio.”<sup>181</sup> “Aqueles que preparam armadilhas a seus amigos, quando tiverem sido vistos, dizem: Eu o fiz para rir.”<sup>182</sup> “O que a grelha é para os carvões e a madeira é para o fogo, o insultador é para o tumulto da querela.”<sup>183</sup> “Se teu inimigo vem te solicitar, abstendo-se de todo brilho da voz, não lhe cedas, pois há sete maldades em sua alma.”<sup>184</sup> “Pesada é a pedra e difícil de transportar a areia, mas a ira de um tolo é mais pesada que um e outro. A irritação é cruel, aguda a ira e o ciúme impaciente.”<sup>185</sup> “O ímpio calunia os pobres”<sup>186</sup> e “aquele que confia na ousadia de seu coração é assaz tolo.”<sup>187</sup> “O insensato exala toda a sua cólera, o sábio a dispensa pouco a pouco.”<sup>188</sup> “Um mau filho tem espadas como dentes e facas como queixadas, a fim de consumir os fracos de cima da terra e os pobres dentre os homens.”<sup>189</sup> Assim, pois, instruído por estes exemplos, eu não quis morder em quem me morde nem infligir a represália de Talião,<sup>190</sup> e eu preferi dissipar por meus encantamentos a sandice de um louco furibundo e o antídoto de um só livro derramar no peito envenenado.

Mas eu temo, se nada adiantar, que eu seja obrigado a cantar aquele salmo de Davi e consolar-me com estas palavras: “Desviaram-se os pecadores desde o ventre, perderam-se desde o ventre materno, eles disseram falsidades. O frenesi para eles é conforme a semelhança da serpente, como a da áspide surda e que tampa seus ouvidos, que não ouvirá as vozes dos encantadores e do mágico que encanta sabiamente. Deus triturarão os seus dentes na boca deles, as mandíbulas do leão Deus quebrará. Eles serão reduzidos a nada, como água corrente. Ele entesa seu arco até que estejam sem força. Como a cera que derrete, eles serão retirados”.<sup>191</sup> E ainda: “o justo se rejubilará quando ele tiver visto sua vingança dos ímpios, ele lavará suas mãos no sangue do pecador. E dirá o homem: ‘Se há um fruto para o justo, verdadeiramente é que há um Deus que julga os homens sobre a terra’.”<sup>192</sup>

**44.** No fim da tua carta, tu escreves com tua mão: “Desejo que tu ames a paz”. Ao que responderei brevemente: Se desejas a paz, depõe as armas.<sup>193</sup> Eu posso aquiescer à tua doçura, não temo as tuas ameaças. Que haja entre nós uma só fé, e sem demora a paz se seguirá.

<sup>1</sup> Pr 14,3, conforme a *Vulgata*.

<sup>2</sup> Pr 18,2, conforme a *Vulgata*.

<sup>3</sup> Is 32,6, pouco distinto tanto da *Vulgata* quanto da *Septuaginta*.

<sup>4</sup> Cf. Tg 3,11.

<sup>5</sup> Cícero, *Verrinas* 2, 1, 12, 32.

<sup>6</sup> Mc 9,42.

<sup>7</sup> Mt 18,7.

<sup>8</sup> Tertuliano, *Adu. Hermogenem* 1, 2.

<sup>9</sup> Lc 6,45.

<sup>10</sup> Dt 32,35.

<sup>11</sup> Rm 12,19-20.

<sup>12</sup> Cf. 1Jo 3,15.

<sup>13</sup> Cf. Lc 6,29.

[14](#) Jo 18,23.

[15](#) Cf. At 15,37-39.

[16](#) Cf. Gl 2,11-14.

[17](#) Gl 2,9.

[18](#) Gl 2,2.

[19](#) Cf. Rm 12,21.

[20](#) Horácio, *Arte Poética* 139.

[21](#) *Cereales aedilis*: funcionário público que olha pelo abastecimento do pão e cuida da celebração das festas de Ceres.

[22](#) *Anabasius*: correio, mensageiro.

[23](#) Cresos: rei da Lídia, famoso por suas imensas riquezas.

[24](#) Darios: nome de vários reis da Pérsia.

[25](#) Demarato: rei de Esparta que, sendo exilado, foi para a corte de Dario.

[26](#) Crasso: o triúmviro, juntamente com César e Pompeu.

[27](#) Cf. Is 28,15.

[28](#) Pessoa que pertencia ao círculo de amizades de Jerônimo.

[29](#) Dânae: mãe de Perseu, fecundada por Zeus em forma de chuva de ouro.

[30](#) 2Rs 5,20-27.

[31](#) Mt 26,14-16.

[32](#) Cícero, *locus incertus*, *apud* LARDET, P. (1983), p. 227.

[33](#) Cícero, *Diu. in Caec.* 11, 36.

[34](#) Cícero, *Pro Q. Gallio* (citado em Jerônimo, *epístola* 52, 8, 5).

[35](#) Tertuliano, *Adu. Hermogenem* 1, 2.

[36](#) Em grego transliterado: *athenogéronta*.

[37](#) Cícero, *Orator* 17,56; Quintiliano, *Inst. orat.* 12, 11, 28.

[38](#) Em grego transliterado: *pentáglossos*.

[39](#) Tg 3,2.

[40](#) No latim: *emptum*, sinônimo de adquirido, tendo-se apropriado.

[41](#) No latim: *comparatum*, sinônimo de algo obtido por dinheiro, comprar.

[42](#) No latim: *emptio*, sinônimo de aquisição, apropriação.

[43](#) No latim: *comparatio*, sinônimo de compra.

[44](#) Em grego transliterado: *perissología*.

[45](#) Cf. Gn 3,1.

[46](#) Mt 5,39.

[47](#) Ez 13,4.

[48](#) Em grego transliterado: *tropaiḗfórous*.

[49](#) Teófilo, patriarca (385-412) de Alexandria, e Anastásio, bispo (399-401) de Roma. O papa Anastásio, antes de ser convencido pelo patriarca Teófilo, não tinha condenado o origenismo.

[50](#) Catilina foi um personagem controverso do fim da Era Republicana em Roma, período bastante conturbado da História. Por Cícero, ele é visto como o conjurador corrupto; por Salústio, ele é visto com um olhar do historiador; por César, ele é visto como merecedor de indulgência, por ser do Partido dos Populares.

[51](#) Salústio, *Catilina* 20, 4.

[52](#) Em latim, *dictare*: no contexto de época, havia os escribas, que eram os profissionais da escrita, a quem era atribuída a tarefa de redigir um texto sob o ditado do autor.

[53](#) Virgílio, *Eneida* 2, 15.

[54](#) Cf. Sl 58(57),5-6.

[55](#) Em grego transliterado: *Apologías ypèr Origénous*.

[56](#) Em grego transliterado: *kéryka*.

[57](#) Rufino, em Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Prólogo de Rufino 2 (pág. 47) (= Jerônimo, *Epist.* 80, 2, 2).

[58](#) Cf. Rm 1,8.

[59](#) Cf. Gl 1,8.

[60](#) Em grego transliterado: *sýntagma*.

[61](#) Rufino, *Apologia ad Anastasium* 4, 4-5.

[62](#) Terêncio, *Eunuco* 312.

[63](#) Cf. Lc 10,30-35.

[64](#) Cf. Lc 15,3-32.

[65](#) Cf. Lc 2,7.

[66](#) Mt 25,43.

[67](#) Cf. Mt 10,42.

[68](#) Is 5,20.

[69](#) Cf. Gl 1,8.

[70](#) Bispo de Roma de 385 a 398.

[71](#) Virgílio, *Eneida* 2, 90.

[72](#) Caribdes era um monstro marinho protetor de limites territoriais no mar. Em outra tradição, seria um turbilhão criado por Poseidon.

[73](#) Virgílio, *Eneida* 11, 262.

[74](#) 1Jo 2,19.

[75](#) Cf. Tt 3,10.

[76](#) Jerônimo, *Contra Ioh.*, Val 417-418. Em grego transliterado: *anthropomorphétes*.

[77](#) Rufino, *Adult.* 14, 13 a 15, 5 (Jerônimo, *Apologia* 2, 21, 13-21 e 22, 3-5, 15-19).

[78](#) Epifânio, Jerônimo, *Epist.* 51, 6, 4.

[79](#) Jerônimo, *Epist.* 57, 2, 3.

[80](#) Jr 13,23.

[81](#) *Fatum* em latim é a divindade do destino.

[82](#) Cícero, *Catilinárias* 1, 1, 1.

[83](#) Cf. Jr 51,7.

[84](#) Cícero, *Filípicas* 2, 4, 8; 2, 17, 43.

[85](#) Sb 1,11.

[86](#) Virgílio, *Geórgicas* 2, 479-480.478.

[87](#) Virgílio, *Eneida* 1, 743-744. 745-746 (= *Georg.* 2, 481-482).

[88](#) *Calpurnianos*: de Calpúrnio, retórico latino sob os impérios de Adriano (117-138) e Antonino Pio (138-161).

[89](#) Zenão de Cítio (334-262 a.C.) foi um filósofo grego, nascido na ilha de Chipre, fundador da escola filosófica estoica, que lecionou em Atenas por volta de 300 a.C. Com base nas ideias dos cínicos, o estoicismo enfatizou a bondade e a paz de espírito, conquistadas através de uma vida plena de virtude, de acordo com as leis da natureza. O estoicismo provou-se altamente bem-sucedido e floresceu como a filosofia predominante a partir do período helenístico até a era romana.

[90](#) Virgílio, *Eneida* 6, 845-846.

[91](#) Aristipo (435-356 a.C.) foi um filósofo grego, discípulo de Sócrates, e fundador da escola cirenaica. Ganhou a vida lecionando e escrevendo na corte de Dionísio de Siracusa. Do que escreveu, nada restou; nem mesmo fragmentos. Tudo o que se conhece da reflexão filosófica de Aristipo decorre do comentário de terceiros. Como Sócrates, Aristipo se interessou quase exclusivamente pela ética. Segundo o filósofo, a vida ética deveria ser praticada para atingir um fim específico, que era o gozo de todo prazer imediato. Defendia, porém, um controle racional sobre o prazer, para que não se desenvolvesse uma dependência dos prazeres. Tanto a dor quanto o prazer eram vistos como uma espécie de movimento. O prazer seria um movimento leve e a dor um movimento violento. Já o êxtase, era visto como a ausência tanto de prazer quanto de dor e não era, portanto, nem agradável nem doloroso.

[92](#) Hermágoras de Temnos, retórico grego do fim do I século antes de Cristo. Autor de uma retórica em que tratava sobretudo da invenção.

[93](#) Górgias, dito “o Niilista”, foi um retórico e filósofo grego, natural de Leôncio, na Sicília. Juntamente com Protágoras de Abdera, formou a primeira geração de sofistas. Diversos doxógrafos relatam que teria sido discípulo de Empédocles, embora tenha sido apenas alguns anos mais jovem que ele. Como outros sofistas, estava continuamente mudando de cidade, praticando e dando demonstrações públicas de suas habilidades em diversas cidades, e, nos grandes centros pan-helênicos como Olímpia e Delfos, cobrando por suas apresentações e por aulas. Uma característica especial de suas aparições era a de ouvir questões da plateia sobre todos os assuntos e responder a elas sem qualquer preparo. Seu principal legado foi ter levado a retórica desde sua Sicília natal para a Ática, e contribuir com a difusão do dialeto ático como idioma da prosa literária. Antístenes, fundador do cinismo, foi ouvinte de Górgias, e Platão escreveu um diálogo intitulado *Górgias*, onde discute a função e a validade da retórica.

[94](#) Salmoneu é um personagem da mitologia grega. Filho de Éolo e Enarete, foi rei da Élide. Era descendente de Deucalião e Pirra e irmão de Sísifo. Pertence à série de mortais que quiseram rivalizar com os deuses. Ele procurou imitar o raio de Júpiter, que o fulminou e precipitou no Tártaro, onde o fogo celeste o queimava sem o consumir.

[95](#) Sl 104(103),32.

[96](#) Cf. Ap 9,2-3.

[97](#) Cf. nota 489.

[98](#) Jerônimo, *Epíst.* 22, 30.

[99](#) Em grego transliterado: *hypokríseos*.

[100](#) Em grego transliterado: *symmýten*.

[101](#) Pamáquio e Oceano, cf. Jerônimo, *Epist.* 83, 2.

[102](#) Cícero, *Verrinas* 2, 1, 9, 24.

[103](#) At 5,29.

[104](#) Cipriano, *Epístola* 27, 1.

[105](#) Cf. Mt 7,9; Plauto, *Aulularia* 195.

[106](#) Pitágoras foi um filósofo e matemático grego que nasceu em Samos entre cerca de 571 a.C. e 570 a.C. e morreu em Metaponto entre cerca de 497 a.C. ou 496 a.C. Fundador da seita dos pitagóricos, partidário da metempsicose, professava moral elevada e obrigava seus discípulos a viver austeramente. Acreditava que os elementos dos números são os elementos das coisas. À escola pitagórica devem-se as descobertas matemáticas, geométricas e astronômicas atribuídas a Pitágoras: a tábua de multiplicação, o sistema decimal, o teorema do quadrado da hipotenusa.

[107](#) Rufino, em Orígenes, *Tratado sobre os Princípios*, Prólogo de Rufino 3 (p. 47-48) (= Jerônimo, *Epist.* 80, 2, 6).

[108](#) Jerônimo, *Epístola* 84, 6, 2. Empédocles foi um filósofo, médico, legislador, professor, místico além de profeta; foi defensor da democracia e sustentava a ideia de que o mundo seria constituído por quatro princípios: água, ar, fogo e terra. Tudo seria uma determinada mistura desses quatro elementos, em maior ou menor grau, e seriam o que de imutável e indestrutível existiria no mundo. Para Empédocles, havia duas forças fundamentais responsáveis pela manutenção do universo: o amor, que unia os elementos (raízes), e o ódio, que os separava. A morte para ele era simplesmente a desagregação dos elementos. Segundo ele, todos nós fazíamos parte do todo que se renovava em ciclos; reunindo-se (nascimento) e separando-se (morte).

[109](#) Sêneca foi um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano. Conhecido também como o Moço, o Filósofo, ou ainda, o Jovem, sua obra literária e filosófica, tida como modelo do pensador estoico durante o Renascimento, inspirou o desenvolvimento da tragédia na dramaturgia europeia renascentista.

[110](#) Em grego transliterado: *chrysã paraggélmata*.

[111](#) Jâmblico foi um filósofo neoplatônico assírio que determinou a direção da filosofia neoplatônica tardia e talvez do próprio paganismo ocidental. É mais conhecido por seu compêndio sobre filosofia pitagórica. Nascido em meados do século III, Jâmblico estudou a magia dos caldeus e a filosofia de Pitágoras, Platão, Aristóteles e Plotino. Ao tomar contato com o neoplatonismo, foi para Roma a fim de estudar com Porfírio. Escreveu *Vida de Pitágoras* (não confundir com o livro homônimo de Porfírio). Foi um teólogo patristico helenístico do período pré-nissênico nascido em Cálcis, Celessíria, considerado o fundador da chamada escola neoplatônica síria. Seus dados biográficos são imprecisos e, aparentemente, tomou conhecimento das doutrinas neopitagóricas, por influência principal de Nicômano de Gérasa (60-120), talvez em Alexandria, e do peripatetismo, com Anatólio de Laodiceia (240-325). Foi discípulo de Porfírio (233-304), o Fenício, e considerado o maior pupilo de Plotino (204-270), o filósofo neoplatônico helenístico, que com sua procura mística de união com o bem, através da inteligência, constituiu-se como ponto de ligação entre a filosofia grega e a sapiência alexandrina.

[112](#) Porfírio, *Vita Pyth.* 48.55.57-58.

[113](#) Porfírio, *ibid.*, 22. Trecho em grego transliterado.

[114](#) Porfírio, *ibid.*, 33.

[115](#) Porfírio, *ibid.*, 40.

[116](#) Porfírio, *ibid.*, 41.

[117](#) Porfírio, *ibid.*, 42.

[118](#) Porfírio, *ibid.*, 19.

[119](#) Virgílio, *Eneida* 6, 748-751.

[120](#) Na mitologia grega, Euforbo, filho de Pântoo, participou da Guerra de Troia, combatendo pelo lado troiano. Foi ele quem deu o primeiro golpe em Pátroclo, que foi, em seguida, morto por Heitor. Ájax, o Grande, atacou Heitor, e recuperou o corpo de Pátroclo, enquanto Menelau e o outro Ájax atacaram e mataram Euforbo. Segundo Higino, houve vários combates singulares durante a Guerra; Euforbo lutou contra Menelau, e foi morto por ele. Euforbo reencarnou em Pitágoras, que se lembrava de ter sido Euforbo e que sua alma havia passado por vários corpos. Pitágoras se lembrava da ferida que recebera no peito da lança do filho mais novo de Atreu, e havia reconhecido o escudo que ele carregava no braço esquerdo, e que, na sua época, estava como um troféu no templo de Juno em Argos.



[121](#) Aetalides, filho de Hermes e de Eupoleme. Foi, em qualidade de arauto, parte da expedição dos argonautas.

[122](#) Hermotimos foi um filósofo grego, do fim do VI século antes de Cristo. Segundo Aristóteles, ele teria sido o precursor de Anaxágoras, tendo sido o primeiro a ensinar que o espírito é a causa de todas as coisas. Plínio e Plutarco contam que a alma de Hermotimos podia deixar seu corpo. Um dia, quando sua alma viajava, seu corpo teria sido queimado por seus inimigos.

[123](#) Pirro (318-272 a.C.) foi rei do Épiro e da Macedônia, tendo ficado famoso por ter sido um dos principais opositores a Roma. Ele era filho de Eácida do Épiro, e pai de Alexandre II do Épiro. Foi um capitão ambicioso que conquistou muitos territórios. Costuma-se dizer que é *uma vitória de Pirro* um sucesso pago com altíssimo preço.

[124](#) Porfírio, *Vita Pyth.* 45.

[125](#) Porfírio, *ibid.*, 19.

[126](#) Porfírio, *ibid.*, 46.

[127](#) Em grego transliterado: *mathéseis anamnéseis*.

[128](#) Tertuliano, *Anim.* 23,6.

[129](#) Arquitas foi um filósofo pitagórico nascido em Tarento, contemporâneo e amigo de Platão. Viveu por volta de 400 a.C. e foi, ao mesmo tempo, matemático, astrônomo, estadista e general, seus concidadãos colocaram-no sete vezes à frente de seu governo. Arquitas inventou o parafuso, a roldana e a matraca, foi também autor de várias descobertas em geometria. Morreu em um naufrágio, fato que Horácio imortalizou em uma Ode.

[130](#) Timeu de Lócris foi um filósofo pitagórico, cuja influência parece ter sido capital no desenvolvimento do pensamento de Platão (século VI a.C.).

[131](#) Cícero, *Rep.* 1, 10, 16; *Fin.* 5, 29, 87.

[132](#) Cipião, o Africano (234-183 a.C.), se distinguiu na Espanha durante a II Guerra púnica, tomou Cartago e venceu Aníbal em Zama, em 202 a.C. Nomeado censor e cônsul, teve muitos inimigos em virtude de seu luxo e de seu orgulho. Acusado de peculato pelos seus inimigos, defendeu-se com estas célebres palavras: “Romanos, em igual dia venci Aníbal e Cartago; subamos ao Capitólio para dar graças aos deuses!” Cipião morreu no exílio, em Literno, depois de ter ordenado que gravassem estas palavras sobre o seu túmulo: “Pátria ingrata, não possuías os meus ossos”.

[133](#) Cf. Nm 12,3.

[134](#) Cf. Is 5,20.

[135](#) Terêncio, *Andria* 920.

[136](#) Homero, *Ilíada* 20,250. Em grego transliterado: *Oppolón k’ eipestha épos, épos toion k’ epakoýsais*.

[137](#) Cf. At 19,12.

[138](#) Cícero, *Tusculanas* 5, 40, 117.

[139](#) Fúlvia (79-40 a.C.) foi uma matrona romana conhecida pelas atividades conspiratórias e ambição política, invulgares numa época em que as mulheres viviam em casa, segundo os princípios de virtude e modéstia romana. Foi a primeira figura feminina não mitológica a ser representada em moedas romanas. Fúlvia era filha de Fulvius Flaccus Bambulus e neta, através da mãe Sempronia, de Gaius Gracchus, um político progressista da facção dos Populares. Era também bisneta da famosa Cornélia Africana, uma matrona muito respeitada pela estrita observância das tradições que Fúlvia estava prestes a quebrar. Após a morte do tio-avô Tiberius Gracchus e do avô e sem irmãos no caminho, Fúlvia tornou--se uma mulher extremamente rica, como herdeira universal da fortuna e patrimônio dos Gracchii.

O seu primeiro marido foi Publius Clodius Pulcher, um membro dos patrícios Claudii, que abdicara da sua posição social para se tornar um tribuno da plebe. Pulcher era um agitador demagogo, famoso pela instabilidade que causava com frequência na política romana e pela facilidade com que recorria à violência quando se lhe esgotavam os argumentos na tribuna. Fúlvia era uma influência importante sobre o marido e financiou as suas atividades e carreira com a sua enorme fortuna. Em 52 a.C., Pulcher foi assassinado em circunstâncias estranhas na Via Appia, deixando Fúlvia viúva. Por pouco tempo, pois assim que acabou o luto, Fúlvia casou de novo com Caio Escribônio Curião, outro agitador que acabaria igualmente assassinado em 49 a.C. A carreira política de Fúlvia começou com o seu terceiro casamento com Marco Antônio. Plutarco comenta que esta escolha serviu apenas para confirmar o gosto dela por maridos com ambições políticas e prontos para aceitar o seu dinheiro para promover a carreira. Fúlvia teve dois filhos de

Antônio: Marcus Antonius Antyllus e Iullus Antonius. Após a morte de Júlio César, nos idos de março de 44 a.C., Antônio formou o segundo triunvirato com Otávio e Lépido. Para solidificar a aliança, Otávio casou com Clodia, uma das filhas do primeiro casamento de Fúlvia. A formação do triunvirato deu carta branca a Antônio e Fúlvia para perseguirem os seus inimigos políticos. Uma das vítimas foi Marco Túlio Cícero, que atacara em tempos Clodius Pulcher e que acusara recentemente Antônio de querer oferecer a coroa de Roma a César. Cícero acabou por ser proscrito como traidor e cometer suicídio para escapar a uma execução. A sua cabeça decepada foi exposta no *rostra* do fórum romano e as fontes são unânimes quando descrevem o gosto com que Fúlvia espetou os seus ganchos de cabelo dourados na língua do orador, que tantos problemas lhe causara. Pouco depois, conforme a repartição das províncias acordada pelos triúnviros, Marco Antônio partiu em campanha para o Oriente, onde acabou por reencontrar Cleópatra VII do Egito. Suportado agora pela rainha e faraó do Egito, Antônio afastou-se cada vez mais dos acordos realizados com Otávio. A situação política tornou-se insustentável e, em consequência, Otávio acaba por repudiar o seu casamento com Clodia. Apesar da traição do marido, Fúlvia não hesitou em sair em seu auxílio. Em 41 a.C., juntamente com o cunhado Lúcio Antônio, tomou a iniciativa de mobilizar cerca de oito legiões romanas para proteger os interesses de Antônio na Itália. Os exércitos de Fúlvia ocuparam Roma por um breve período de tempo, mas acabaram por retirar para Perusia (moderna Perúgia). Otávio viu a sua oportunidade e cercou a cidade durante todo o inverno de 41-40 a.C. Fúlvia e Lúcio Antônio foram forçados a render-se pela fome após alguns meses de cerco. Fúlvia foi exilada para Sicyon, onde morreu pouco depois de uma doença súbita. A sua morte abriu caminho a uma reconciliação entre Antônio e Otávio, através do casamento do viúvo com Otávia.

[140](#) Cf. Mc 6,19,25.

[141](#) Dion Cassius, *Hist.* 47, 8, 4.

[142](#) Quatro hereges.

[143](#) Arsênio, preceptor de Arcádio, filho de Teodósio, em Roma. Perdida a esperança de vencer o orgulho e a obstinação do seu discípulo, retirou-se para os desertos da Tebaida, onde morreu (350-445).

[144](#) Celso foi um filósofo platônico que escreveu a obra *Alethès lógos* pelo ano de 178 a.D., a maior parte da qual nos é transmitida pela refutação de Orígenes.

[145](#) Cf. Sl 142(141),8; Is 42,7.

[146](#) Cf. 1Sm 16,23.

[147](#) Pr 1,22.

[148](#) Pr 3,29-30.

[149](#) Pr 3,35.

[150](#) Pr 4,24.

[151](#) Pr 6,17-18.

[152](#) Pr 10,14.

[153](#) Pr 10,18.

[154](#) Pr 11,25.

[155](#) Pr 12,13.

[156](#) Pr 12,15-16.

[157](#) Pr 12,22.

[158](#) Pr 13,3.

[159](#) Pr 13,10.

[160](#) Pr 13,16.

[161](#) Pr 14,6.

[162](#) Pr 14,14.

[163](#) Pr 14,16.

[164](#) Pr 14,29.

[165](#) Pr 14,31.

[166](#) Pr 15,2.

[167](#) Pr 15,18.

[168](#) Pr 16,5.

[169](#) Pr 16,17-18.

[170](#) Pr 16,30.

[171](#) Pr 18,6.

[172](#) Pr 19,19.

[173](#) Pr 19,22.

[174](#) Pr 20,3.

[175](#) Pr 20,13.

[176](#) Pr 20,17

[177](#) Pr 21,6.

[178](#) Pr 23,9.

[179](#) Pr 25,18.

[180](#) Pr 26,2.

[181](#) Pr 26,4-5.

[182](#) Pr 26,19.

[183](#) Pr 26,21.

[184](#) Pr 26,25.

[185](#) Pr 27,3-4.

[186](#) Pr 28,3.

[187](#) Pr 28,26.

[188](#) Pr 29,11.

[189](#) Pr 30,14.

[190](#) A lei de Talião, também dita pena de Talião, consiste na rigorosa reciprocidade do crime e da pena — apropriadamente chamada *retaliação*. Esta lei é frequentemente expressa pela máxima *olho por olho, dente por dente*. É uma das mais antigas leis existentes.

[191](#) Sl 58(57),4-9.

[192](#) Sl 58(57),11-12.

[193](#) Cícero, *Filípicas* 5, 1, 3 (Cipriano, *Epist.* 59, 18).

## Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho



Direção Editorial  
*Claudio Avelino dos Santos*

Coordenação de desenvolvimento digital  
*Erivaldo Dantas*

Título original  
Apologia Adversus Libros Rufini  
Tradução, introdução e notas  
*Luís Carlos Lima Carpinetti*  
*Luciana Gomes de Mello*

Supervisão  
*Heres Drian de Oliveira Freitas*

Revisão  
*Tiago José Risi Leme*  
*Iranildo Bezerra Lopes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)  
Jerônimo, Santo, m. 419/20  
Apologia contra os livros de Rufino / São Jerônimo. — São Paulo: Paulus, 2013. — (Coleção Patrística)

eISBN 9788534939072

1. Controvérsias teológicas 2. Jerônimo, Santo, m. 419 ou 20 3. Rufino, de Aquileia, 344 ou 345 I. Título. II. Série.  
12-13411  
CDD-230.092

Índices para catálogo sistemático  
1. Teólogos cristãos: Controvérsias teológicas 230.092

© PAULUS – 2014  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534939072